

mão, como para os compensar, lhes prometeu que voltaria áquelles sitios tão depressa como lhe fosse possível. Assim o fez, com effeito; e desde então, pretextando um grande prazer pela caça, tornaram-se muito frequentes suas visitias, servindo-lhe sempre de albergue a mesma casa, onde primeiro havia sido recebido.

Á medida porém que a estada de vosso irmão mais se prolongava, as faces de Magdalena iam perdendo sua semelhança com as rosas de maio, e seus olhos a alegria, com que costumavam brilhar.

Notára-o seu velho pae; porém, sempre que pedia explicações, a joven se tornava vermelha como uma papoula; e não sabendo em sua perturbação que responder-lhe, deixava sempre o rendeiro mais confuso que antes.

—¿A que proposito vem essa historia?

—Perdoai-me, senhor marquez, eu vol-o rogo, e escutai-me até o fim: sei que estou abusando de vossa paciencia; porém, assim é preciso.

—Continuai, disse o marquez, dominando seu máu humor.

—Um dia, proseguiu o mendigo, por um inesperado acaso o pae de Magdalena entrou no quarto da joven e encontrou-a, banhada em pranto, lendo um papel, que ella em vão procurou occultar; o rendeiro tinha-o visto, e sem escutar as

mais completa: as noites de Herrmann, depois de Ristori, e ultimamente as de Emilia das Neves são-nos ainda tão caras, tão doces, tão saudosas; recordam-nos tanta ventura, sentimentos tão nobres, tão elevados, tão desconhecidos, que por las esquecemos todos os desgostos, que aquella ardade nos custou...

Antigamente o theatro academico era apenas um *pretexto* para uma reunião... Depois de Herrmann, de Ristori e de Emilia é mais do que isso: é uma escola, em que todos vão aprender a ser grandes pelo genio, pelo talento e pelas virtudes!

O que todos nós sentimos por esses dois artistas, que primeiro ennobreceram o palco academico — já o disseram alguns de nossos collegas da imprensa: o que Emilia nos fez experimentar nas tuas noites, em que seu genio e suas virtudes

lhe deram entrada no mesmo theatro, — dizem-nos esses versos, que em seguida transcrevemos; dizem-nos as lagrimas, que nos arrancou do peito, dizem-nos os applausos, que fizeram tremer as paredes d'aquelle *presumpçoso* edificio; dil-o a multidão immensa, que em roda se lhe agrupou, e a mágoa dos que a não poderam ver e ouvir; dil-o, por ultimo, a saudade com que todos a viram partir!

Emilia das Neves é hoje mais do que uma Actriz de primeira ordem: — para nós é *uma irmã!* para os raios, comamou em que conseguia um nome para seu filho; pois, ainda que culpada, conser-vára sempre em sua alma um sentimento de pun-donor e honradez.

Vosso irmão foi vel-a por entre o silencio da noite: ella o recebeu em seu proprio quarto, sem da suspeitar que seu pae, occulto no quarto conti-

guo, resolvêra não os perder de vista um só momento.

Aquella entrevista começou por mil demonstra-ções de affecto; e aquelle desgraçado pae tudo ouviu resignado; pois sempre esperou, que o amor e o pranto de Magdalena conseguissem de seu nobre amante a devida reparação; todavia sua mão tremia-lhe de cólera; e todos os tormentos do inferno nada seriam comparados com os que seu coração soffreu n'aquella noite fatal!

Chegára por fim o momento, em que cumpria a Magdalena expôr seus receios, suas esperanças pela sorte do filho, que em si trazia; o coração do pae da desgraçada joven batia-lhe no peito com violencia; é que elle esperava com anxiedade a resposta de vosso irmão, da qual dependia não so a propria honra, como o futuro de sua filha.

Infelizmente o amor do nobre mancebo havia sido apenas o capricho d'um momento...; de sorte que, ao ouvir a palavra *reparação*, não poude deixar de rir-se desapiadadamente da pobre joven, que acreditára em seus juramentos.

Uma nuvem de sangue offuscou então as vistas d'aquelle que tudo havia escutado em silencio; e, posto que involuntariamente, o angustiado velho levou a mão a sua espingarda... Com tudo esperou ainda.

A joven supplicou de novo; regou com lagrimas os pés de seu seductor; porém elle, junctando á offensa o ultrage, arremeçou-lhe uma bolça cheia de ouro...

Ao som produzido por aquelle metal, caindo no pavimento, correspondeu o ecco d'uma detonação...

Magdalena soltou um grito...
Vosso irmão jazia por terra, banhado em seu proprio sangue...

(Continúa)

VERSOS Á LUA

A PEDIDO DA EX.^{ma} SR.^a D. E. N.

Versos á lua... ora esta!
Nada mais faltava agora!
Mas, visto que uma senhora
M'os pede, que hei de eu fazer?
Lá que é massada, é verdade;
Mesmo grande, bem o vejo;
Porém eu sempre desejo
As damas satisfazer.

Lua! lua! mal tu sabes
Em que talas me metteste!
Hontem só appareceste
Para trabalhos me dar:
Quando tu nos céus estavas
A brilhar tão pura e clara,
Não pensavas que essa cara
Tanto mal vinha causar.

Eu sempre tenho gostado
De ver a belleza tua;
Mas nunca tentei, ó lua,
Fazer-te versos, a ti.
Como havia de fazer-t'os?
Estás tão longe e tão alto!...
E eu da terra ao céu um salto
Nunca dal-o conseguí!

Versos fazer-te era asneira,
Porque lél-os não podias;
Tu á terra não descias,
Eu ao céu também não vou:
É por isto que até hoje
De ti não tenho fallado;
Mas agora o negro fado,
Que eu faça versos, mandou.

Pois então abre as orelhas
E ouve attenta os meus versinhos;
— São d'este officio os espinhos,
Mas as ordens cumprirei.
Hei de cumprir, está dito!
Nunca falto ao que prometto;
Mas que Deus me faça preto
Se o que hei de dizer-te sei!

Ah! sim... já sei: « Se te vejo
Por entre as nuvens mettida,
E logo depois, garrida,
Pelo céu a passear,
Sabes o que isso me lembra?
Julgo ver — nem sei se o diga —
Uma bella rapariga
Com seu namôro a brincar. »

Então que é isso?! de novo
Entre as nuvens te occultaste?!
Parece que não gostaste
Do que acabas de me ouvir...
Não gostas, bem vejo... basta!
Mas não te zangues comigo...
Acredita que eu só digo
Estas cousas para rir.

Não quero ver-te indisposta
Comigo, formosa lua;
Quero sempre a face tua
Ver a rir-se para mim:
Vou fallar-te em outras cousas,
Já que os derrickos não amas,
E nê m é como as madamas,
Que n'esta villa achar vim.

Direi que tens lindos olhos
— Olhos que eu não vi ainda,
Que és meiga, bem feita e linda,
Que sempre elegante estás;
Que andas sempre bem vestida,
Que tens bem crescido o peito,
Que o teu balão é bem feito,
Que és mesmo um... bico de gaz!

Direi quantas parvoices
Me vierem á cabeça,
Para que ninguem me peça
Versos, seja p'ra o que fôr.
Para ti já fiz bastantes,
Mais não faço — tem paciência;
E sou da tua excellencia
Criado e venerador.

Setembro, de 1859.

EUGENIO A. DE BARRÓS RIBEIRO

EXPEDIENTE

Temos recebido ultimamente e agradecemos os numeros, que nos têm sido enviados dos jornaes: *Bem publico*, *Agapito*, *Civilizador*, *Santelmo* e *Estrella oriental*, o primeiro e o segundo publicados em Lisboa, o terceiro no Porto, e os dois últimos em S. Miguel. Em todos elles temos deparado com muito bons artigos, que revellam o grande merecimento litterario de seus redactores e os civilisadores esforços de nossa imprensa na cathechese d'um povo, que, atordoado ainda por um sem numero de velhos principios e ridiculas superstições, mal pôde abrir ainda os olhos para vêr que o *jornal* e o *livro* é a *luz* da civilisação, por que tanto se anhele!

nos; e que me permittisse sentar-me; pois que minhas velhas pernas não consentem, que eu esteja por muito tempo de pé.

O marquez, um pouco confundido com aquelle inesperado exordio, levantou-se; e, cedendo aos desejos do mendigo, foi elle mesmo fechar a porta da sala; e offerecendo-lhe depois uma cadeira, dispoz-se a ouvir o que aquelle homem tinha para dizer-lhe.

Depois d'alguns momentos de hesitação o tio Pedro começou, com voz um pouco trémula, a falar do seguinte modo:

— Ha alguns annos que vivia na aldeia de.... um rendeiro do pae de v. ex.^a, que possuia n'aquelles sitios um grande numero de terras. Toda sua felicidade, toda sua esperanza a punha elle n'uma filha, que o céu lhe havia concedido. Magdalena era formosa e boa como um serafim: em toda a aldeia não se encontrava uma rapariga, que se lhe assimilhasse; emquanto que seu pae, se julgava o mais feliz, vendo de dia para dia crescer sua filha.

Vosso pae, senhor marquez, que era querido e respeitado em toda a aldeia, foi um dia ver suas propriedades, acompanhado de vosso irmão mais velho, que tinha então 26 annos: o prazer d'aquelles pobres aldeões não teve limites, quando

Compram-se ou trocam-se por outros os n.º 1 a 6 do 1.º vol. dos PRELUDIOS-LITTERARIOS. No escriptorio da redacção do mesmo jornal — *Arcos do Jardim*, n.º 13.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

THEATRO ACADEMICO

Quando, no anno passado, dissemos em nossa revista do n.º 16 d'este jornal, que «consideravamos em ruínas o theatro academico, e que o meio de o restaurar era—abrir suas portas ás companhias, que de Lisboa ou Porto alli quizessem vir representar»—não faltou quem nos quizesse mal, vendo talvez em nossas palavras uma injuria aos incontestaveis talentos de muitos moços academicos, a quem até então o cultivo da arte dramatica se havia exclusivamente confiado.—Poucos mezes decorreram depois, e já algumas experiencias bastaram para nos justificar da maneira a mais completa: as noites de Herrmann, depois as de Ristori, e ultimamente as de Emilia das Neves são-nos ainda tão caras, tão doces, tão saudosas; recordam-nos tanta ventura, sentimentos tão nobres, tão elevados, tão desconhecidos, que por ellas esquecemos todos os desgostos, que aquella verdade nos custou...

Antigamente o theatro academico era apenas um *pretexto* para uma reunião... Depois de Herrmann, de Ristori e de Emilia é mais do que isso: já uma escola, em que todos vão aprender a ser grandes pelo genio, pelo talento e pelas virtudes!

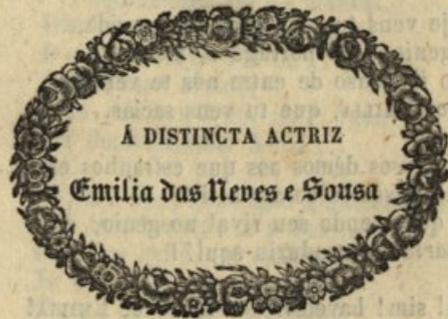
O que todos nós sentimos por esses dois artistas, que primeiro ennobreceram o palco academico—já o disseram alguns de nossos collegas da imprensa: o que Emilia nos fez experimentar nas duas noites, em que seu genio e suas virtudes lhe deram entrada no mesmo theatro,—dizem-no esses versos, que em seguida transcrevemos; dizem-no as lagrimas, que nos arrancou do peito, dizem-no os applausos, que fizeram tremer as paredes d'aquelle *presumpçoso* edificio; dil-o a multidão immensa, que em roda se lhe agrupou, e a mágoa dos que a não poderam ver e ouvir; dil-o, por ultimo, a saudade com que todos a viram partir!

Emilia das Neves é hoje mais do que uma Actriz de primeira ordem:—para nós é *uma irmã!* para os pobres—*uma carinhosa mãe!* Pisando nossas capas, que lhe tapetavam o caminho, cingindo-se com as corôas, que lhe offertavam os pequenos orfãos, a quem viera soccorrer, Emilia deverá ter sentido tudo quanto ha de verdadeiro e de nobre n'aquelles doces titulos, que a amizade e a gratidão lhe conferiram aqui...

Março—1860

V. DA SILVEIRA

VOLUME II



Pois que! Se n'um volver d'esses teus olhos,—
Quando alegres os volves, quando, altivos,
Orgulhosos chamejam, quando, ternos,
Promettem todo um mundo de venturas,—
Arrastas almas mil, dizes e inspiras
O horror, a compaixão, o amor, a raiva,
Delirios da mulher, que amou, e accorda
Vendo murchas por terra as flôres da vida;
Se suspensas dos labios—a teu mando—
Tens almas mil escravas, que te obedecem,
Que choram, se tu choras, e que exultam
Com tuas alegrias, com teus risos,—
Se és mulher, se és Rainha e se és Artista,
Póde alguém intentar dizer com falas
O que sente, o que vae lá dentro n'alma?!...

* O silencio diz tudo, e é muda a lyra:
Distendidas as cordas, humedece-as
Uma lagrima sancta, que as orvalha
D'amor, d'aspiração, d' affecto infindo.
A lagrima diz tudo— diz que á terra
D'heroicos feitos mil, de mil grandezas,
De nobres, fraternaes e sanctas crenças,
De esperança e sentimento, e dos amores,
—«E dos amores d'Ignez que alli passaram»—
Faltava inda um laurel. Hoje essa lagrima
Diz ao peito, que sabe recolhel-a,
Que, morrendo amanhã, morre contente
Essa terra, que as outras avassalla;
Porque achou o laurel, que os mais enfeixa,
Uma gloria immortal, que as domina,
Um nome, que não morre, quando os sec'los
Lhe dobrarem no pó a altiva fronte!...

ANTERO TARQUINIO DO QUENTAL

N.º 9

Bem vinda sejas, portugueza Artista!
Louvor do genio, que enlevar nos vem!
Tão nobre acção, qual a que fazes hoje,
Quem algum dia esquecerá? — Ninguem!

Ha pouco ainda d'esta sala o tecto
De nossos *bravos* co' a explosão tremeu;
Estranho Artista n'este templo da arte
Eternos louros para si colheu.

Era estrangeiro; mas — que importa? — o genio
Pertence ao mundo, não tem patria já;
Sempre o talento, d'onde quer que venha,
Em toda a parte nacional será.

Hoje vens tu, em Portugal nascida,
Teu genio, todo portuguez, mostrar;
Desejo immenso de entre nós te vermos,
É hoje, EMILIA, que tu vens saciar.

Applausos démos aos que estranhos eram...
Não te devemos coroar a ti?
A ti, que, sendo seu rival no genio,
Só *charidade* conduziu aqui?! \

Oh! sim! havemos de coroar-te, EMILIA!
Louros e palmas ceifarás a mil;
Tão alto solio has de aqui ter, que nunca
Seja abalado pela inveja vil.

Bem vinda, pois, a portugueza Artista!
Louvor ao genio, que enlevar-nos vem!
Acção tão nobre, qual a vemos hoje,
Quem algum dia esquecerá? — Ninguem!

EUGENIO DE BARROS

Aos louros, que adornam tua fronte serena,
Artista mimosa, se ajuntam mais louros;
Sincera homenagem, rendida ao talento,
Das glorias do palco soberbos thesouros.

Estrella da scena, do genio dilecta,
Quem póde ao aspecto dos ricos paineis,
Que traças tão habil, deixar de adorar-te
Na força das palmas, de applausos fieis?

Imperas no peito dos que amam as artes,
Dominas acções e dominas vontade;
Não temas que offusquem tua gloria firmada
No throno do genio, qu' escuda a verdade.

Escuta estes gritos, que são de prazer,
São gritos dos jovens, que as letras cultivam;
Sinceros agentes da sciencia, veneram
As prendas, que d'ella e das artes derivam:

— Á scena, ó EMILIA! recebe estas provas
De puro respeito, amizade e oblação;
— Nas c'rôas e flôres, das palmas nos echos,
Do jubilo nosso tens pura expressão. —

Aos louros, que adornam tua fronte serena,
Artista mimosa, se ajuntam mais louros,
Sincera homenagem, rendida ao talento,
Das glorias do palco soberbos thesouros.

C. B. G. A.

Não são c'rôas, Artista, que ao genio
Sôbre o palco tu vês offertar;
Fôra injuria á grinalda opulenta
Pobre e rude florinha enlaçar.

D'almas charas um feudo modesto,
Penhor sancto d'eterna affeição,
Orvalhado com lagrimas puras
Da mais pura e leal gratidão, —

Acolhido em teu seio, traduzo
O que os labios não sabem dizer,
— Quando ardente a emoção guarda n'alma
Lucta ingente d'angustia ou prazer!

A. DE M. V.

Ouves os brados, que resoam vividos?
Ouves as palmas, que se dão aqui?
D'alma nascida esta expansão de jubilo
É preito ao genio revelado em ti.

N'ella te falam corações fanaticos,
Presos sem força á tua voz em fim;
Este transporte tão vivaz, energico,
Ouve-o, *Artista*, é seu dizer assim:

— Genio, belleza, seducção, prestigio,
De tantos dotes quiz fadar-te o céu;
Rival não temes no tablado scenico,
N'elle hoje exerces o dominio teu.

Não são grinaldas, verdejantes, flóridas
Que nós te vimos a teus pés trazer;
É nossa offerta, EMILIA, o culto fervido,
Que deve ao genio o coração render.

Ó Patria, que, magestosa,
Tens tua fronte saudosa
P'los heróes do passado;
De mesquinha, triste e pobre,
Ergue agora a fronte nobre,
Do genio acorda ao brado.

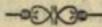
D'entre as fronteas laureadas,
D'entre as cabeças c'roadas
D'essa gente, que passou,
De novo apparece agora
Genio equal, ao que n'outr'ora
Tua belleza cantou.

Fôste tu, Actriz-Rainha,
Que viste á patria minha

Dar gloria inda uma vez;
Fôste tu, ó genio ativo,
Que lhe bradaste comigo:
Amo o nome portuguez!

Eia pois, caminha!... ávante!...
Segue essa estrella brilhante,
Que te vi bella raiar;
Que esse teu nome adorado
Em nosso peito gravado
Ha de p'ra sempre ficar.

J. A. G. T.



Maior atrevimento sair das tur-
bas para levar a corda a quem
tantas tem aos pés.

A. F. DE CASTILHO.

Por mares nunca d'antes navegados
Bradaram grandes nautas—Portugal!
N'America instruindo um povo rude
Buscaram descuidosos o seu mal.
Foi mais um povo ignoto levantado,
Para dar-te depois golpe fatal...

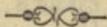
Essa águia da soberba, ativa Gallia,
Como ave de rapina vi pairar;
Manchando ao velho as faces contristadas,
A outros novo insulto foi juntar.
Cuspir n'um muribundo, é covardia,
Que só d'aguias da França é d'esperar.

Portugal, onde tens os teus guerreiros,
Que fizeram tremer Napoleão?
Das glorias do passado que te resta?
Já não sentes pulsar o coração?
Quando alguém, Portugal, cae na miseria,
Definha, morre, porque implora em vão!

Ai, velho! nada tens! tão pobre, tanto,
Que deves esconder o rôsto: deves!...

Nada?!... Minto: por padrão de gloria
Bastava-te um só nome—EMILIA NEVES!

Coimbra, 22 de Março de 1860. A. L. T. CRESPO



Minha lyra, meus amores,
Meu lindo jardim de flôres,
Delicias do meu viver,
Dá-me um canto d'alegria,
Cheio d'amor e poesia,
Canto de mago prazer:

Que tenha jasmims e rosas,
Com açucenas formosas,
Para o todo lhe alindar;
Com saudades e com lyrios,
Mas que não tenha martyrios,
Que esses têm máu denotar.

Tu, Mondego, que deslisas,
Por baixo de frescas brisas,
Mansamente para o mar,
Dá-me as tuas verdes margens,
Dá-me essas doces aragens,
E o teu brando murmurar.

Fresca *Lapa dos Esteios*,
Que, com suaves enleios,
Prendes todos que a ti vão,
Dá-me a suave frescura,
Dá-me a tua formosura,
Dá-me tu inspiração!

Inspira-me, verdes montes,
Inspira-me, frescas fontes,
D'esta Coimbra gentil;
Afinae meu alaíde,
Para, em vez d'um canto rude,
Ser florente como Abril.

Mas, não; não, que a minha lyra
Não tem hem quem a desfira,
Para um hymno te cantar;
Tu do genio tens a palma!
Cinges os louros de Talma!
Dispensarás meu trovar;

Que esta cith'ra desditosa,
EMILIA, Artista famosa,
P'ra te dar cantos não tem;
Apenas, rendendo preito,
Põe a teus pés o respeito
D'um pobre artista tambem.

21 de Março de 1860

ANTONIO FRANCISCO BARATA



AO MEU BOM AMIGO AUGUSTO CORREIA GODINHO

ELOQUENCIA SAGRADA

Continuado do n.º 5, tomo II.

Excellencia da Missão do Sacerdote

A elevação, a nobreza e dignidade do ministério sacerdotal, conhece-a e aprecia-a aquelle, que sabe os altos deveres, e as funções augustas, que o sacerdote exerce em beneficio do homem, da familia e da sociedade.

O homem, que deve por officio instruir o ignorante, regenerar o culpado, socorrer o pobre, amparar o desvalido e consolar o amargurado; o homem, cuja vida deve ser um apostolado, para alliviar os males de seus irmãos, para lhes inocular na alma o amor do bem, para os tornar virtuosos, melhorando seus costumes e aplanando-lhes o caminho do céu, desempenha uma missão tão grande, que nenhuma ha abi na terra, que com ella possa correr parelhas.

São as paixões, que infelicitam e degradam o homem, são ellas o instrumento da sua ruina, das suas misérias e do seu aviltamento. O cidadão mais util é o sacerdote, que, compenetrado dos deveres, que lhe impõe o seu ministerio, combate sem trégua e sem dó as paixões, e trabalha sempre por arrancar do coração humano essa semente invenenada e fecunda em males e em desordens: o cidadão mais prestadio é o sacerdote, que, com mão caridosa, alevanta o homem do lodaçal das torpezas, em que elle se revolvía e ennodoava, transformando a vergontea enfezada e pôdre em arvorea rica de seiva e de formosura. É elle que faz brotar flôres embalsamadas de perfumes, e fructos são e deliciosos, onde ha pouco nasciam e medravam urzes e abrólhos. É elle que conduz para os caminhos do Senhor a ovelha desgarrada, que vagueára pelas sombras da noite do erro, e pelas veredas tortuosas da perdição: do impio faz um crente, e do scelerado um archanjo, que dos pégos do vicio ergue em seus braços, depondo-o aos pés de Deus.

O magistrado, em que brilham a illustração e a integridade, qualidades, que devem sempre caracterisal-o, véla pela execução da lei, mantem a ordem e a tranquillidade, aclara os direitos de cada um, pune a audacia do crime, dá liberdade ao opprimido, protege o innocente, e exerce uma das mais nobres e honrosas missões, de que a sociedade pôde investir um dos seus membros.

Mas poderão as suas funções ser postas em parallelo com as do sacerdote? Não. O magistrado pelo imperio, que tem sobre os corações, obsta a que o crime se commetta; se o magistrado termina as dicensões das famílias, o sacerdote suffoca-as na sua origem; se um oppõe um dique á torrente dos vicios, o outro sábe seccar a fonte caudal, d'onde elles rebentam. Estas palavras do illustre Frayssinous dizem uma grande verdade, que a luz da razão e a experiencia quotidianna confirmam e evidenciam:

A religião é a mais eslada columna, que sustenta o edificio social: é a primeira e a mais importante lei social, porque é a baze de todas!

A religião e a moral são as melhores garantias da ordem, e as mais fortes sanções da lei. O sacerdote, como ministro d'uma religião, que ensina todas as virtudes e que recommenda a perfeição, presta todos os dias eminentes serviços á sociedade. Ordena a obediencia aos poderes publicos, e a submissão ás autoridades constituídas; manda observar as leis mais por dever da consciencia, do que por temor de castigo; entra na consciencia do cidadão e illumina-a; dispõe-a para realizar as obrigações, que lhe são impostas; repara muitas desordens; destróe innumeraveis vícios; evita mil crimes e escandalos, que as leis civis não punem, nem reprimem, e que até ignoram, e que são por vezes mais prejudiciaes e funestos, que a transgressão d'algumas d'essas leis. O homem, a quem o diadema adorna merecidamente a frente, o monarcha sabio, justo e zeloso pelo

bem de seus subditos pôde felicitá-los, protegendo a agricultura, animando as artes, estimulando e recompensando o trabalho e o merito, dando impulso ao estudo das sciencias e á florescencia das letras, introduzindo refôrmas salutaes, promulgando boas leis, adoptando medidas, que sejam a expressão da razão e da prudencia; pôde respeitar e reconhecer a liberdade e os direitos d'aquelles, que são homens como elle, apesar de serem governados; pôde no interior promover o bem estar e a paz, e tornar-se no exterior respeitado e temido; pôde fazer muito. Se a hydra da tyrannia senão enroscou nunca no seu sceptro, se elle foi symbolo da justiça, e não instrumento de oppressão, o amor d'um povo, que se prostra aos pés do throno com o coração inundado de reconhecimento, vale mais, que os applausos da historia; dá ao homem coroado maior e mais immorredora gloria, do que páginas d'ouro, que guardarão o seu nome, ou estatuas magestosas erguidas para lh'o consagrar.

O soldado soffre nos arraiaes a intemperie das estações e os estímulos da fome, afronta perigos, para defender a liberdade, para rechassar os inimigos, que tentam invadir e devastar o solo da patria. Ceifando no campo da batalha louros, que não murcham nunca—lá morre muitas vezes como heroe, dando a vida pela terra, em que nasceu e que tanto amou. Elle faz-lhe o maior sacrificio, que um filho pôde fazer pela mãe, que o creou.

Mas se a verdadeira patria do christão é o céu; e a terra é valle de lagrimas e de perigrinação; se é morada de viajante, por que se passa um dia, o sacerdote faz ainda maiores beneficios, que o principe, que o sabio, que o magistrado e que o guerreiro. Estes trabalham para o tempo, aquelle edifica para a eternidade: o primeiro guia os homens pelo amor ao seio de Deus, leva-os á gloria do céu; os segundos felicitam-nos na terra.

O sacerdote debruça-se sobre o berço do infante, alimenta-o com o sacro-leite da religião, allumia-lhe a alma com o lume da fé, alimpa-lhe a macula da culpa original com o fogo da graça, cobre-o com as alvas e candidas vestes da innocencia, guia-lhe os passos no caminho da vida, diz-lhe que supporte com resignação os espinhos, que o hão de ferir!

Põe-lhe na cabeça o elmo, aperta-lhe a rodella no braço, ensina-lhe a brandir a espada, adentra-o no manejo das armas, prepara-o, para que possa ferir com valentia e denodo pelejas ardidias contra o principe das trevas, contra as enganosas seducções do mundo e contra suas proprias paixões. E quando o soldado de Jesus Christo entra na arena do combate, não o perde jámais de vista. Se elle se porta com brio e coragem, anima-o e applaude-o; se o vê victorioso abraça-o; se lhe vê a frente coroada de palmas viridentes, contempla extasiado e ebrio de sancta alegria o campeão illustre, que sabe zelar a honra do seu Deus e da sua religião.

Ainda que elle fraqueje, não o abandona; acode-lhe e inspira-lhe coragem; levanta-o e consola-o; cicatriza-lhe as feridas, entrega-lhe de novo armas rijas e bem temperadas, e segue-o sempre. Se elle morre triumphante, vae acompanhá-lo ao tumulo, sparge-lhe sôbre a campa corôas enfeitadas de rosas.

Do contrario—molha com as suas lagrimas a terra do sepulchro, e pede a Deus, que desarme o braço da sua justiça, e que lhe perdôe pela sua misericordia.

Homem alevantado ás alturas do sacerdocio, que és tu, se segues a trilha do dever? És um Anjo de luz e de consolação, que passas pelo mundo, dissipando trevas e derramando balsamos em torno de ti!

Que importa, que tu morras iguorado, que importa o esquecimento e a ingratição dos filhos, que tanto amaste? Depois de atravessares esta valla de miserias, chamada o mundo, sem que seus ares impetados te embaciassem a pureza d'alma, irás no céu receber o premio, com que o Senhor não falta áquelles, que o serviram.

(Continúa)

A. M.

COISAS E LOISAS

Continuado do n.º 6, tomo II.

CAPITULO IV

De como de pequenas cousas provem grandes resultados. Quéda phisica e quéda moral. A menina Luiza não é uma menina vulgar. Prova-se.

É tempo de lembrarmos o senhor Paulo Rodrigues do Patrocinio. Attendendo ao interessante papel que elle tem de representar no decurso d'esta historia de eternas luminarias não é justo que o deixemos em ingrato olvido. E tanto mais que a sua pessoa, já por si se torna recommendabilissima á nossa sollicitude, visto que levamos impenho em mostrar coisas que divirtam os amanteticos leitores.

Ora ahi vae o retrato, que nem o daguerreotypo o dava mais fiel.

Sôbre duas pernas (notem que eram só duas) de vara e meia d'altura, um metro e sessenta centímetros á franco-moderna, esguias e aprumadas como duas toijas de castanheiro-novo, se erguia aos ares o tronco esmagriçado do senhor Patrocinio, esticado como uma mumia, dobradiço como um vime, ao longo do qual se dependuravam, nos seus momentos de descuido, uns braços eternos com eternas mãos.

Dizemos nós seus momentos de descuido, por que fóra d'elles o sr. Patrocinio tinha a seu cuidado colloca-los de modo, que não era facil medir-lhes o tamanho. O esquerdo, com a mão fechada, andava ordinariamente atraz das costas, coisa da minha embirra, de que elle aliás nada se importa, e o direito dobrado tambem em angulo

recto, escondia a mão entre dois botões da casaca, que sempre trazia ajustada.

Da casaca não fallo em especial, porque realmente não teria nada que dizer. Era uma como ha muitas. Imaginem-na como melhor quizerem e deixem-me.

Pois a cara? Aquillo é que era cara, e tão cara (passe), que *muito me custa* pintal-a aqui. Antes queria comer um prato de morangos.

Ora façam ideia.

O senhor Paulo Rodrigues tinha, e não sei se ainda conserva, dois olhos de verde garrafa espreitando por debaixo de hyperbolicas sobrance-lhas, como um mendigo debaixo d'um alpendre, em cima das quaes, como em pedestal seguro, cahia a prumo uma testa chata e burnida, d'estas testas a que a gente da arraia miuda chama de bater solla. Da sua base partia direito um famoso nariz, d'estes de — dê-me licença, e ao meio da sua extensão quebrava, dependurando-se sôbre um bigode desconcertado e hirto como as sêdas d'um javali. A bôca não se lhe pescava com o tal bigode; e é pena por que provavelmente seria umas delicias. Faltavam-lhe uns tres dentes, isso via-se-lhe, e os outros estavam negrissimos com o fumo do cigarro.

Que mais querem?

Se alguma leitora amavel e briosa tem tido a pachorra de ler as coisas e loisas que para aqui tenho escripto, todas verdades puras como o seu coração angelico, está a esta hora certamente envergonhada de ter havido uma menina, que gostasse de tal monstro.

Porque nem lhe passa pela ideia duvidar do que eu lhe affirmo, e de mais a mais em letra redonda.

E tem razão, carradas de razão. Mas que que-rem, se isto d'amor, como diz um poeta, « não está em nós dal-o nem quital-o! »

O que póde pedir a Deus é que a livre de más tentações, porque a cair n'ellas todos nós estamos sujeitos.

E alli tem a menina Luiza para exemplo.

Mas o modo como aquelle mafarrico lhe deu assaltada é que é galante.

Fallo do amor, e não haja escandalos por lhe dar nome tão maldoso, que mais não merece elle. Pois que é o amor senão um mafarrico, um diabrete, um maldito do inferno, que faz andar as cabeças das nossas pobres meninas por ares e nuvens, deixando cair malhas na mestra, furtando dinheiro á mamã para estampilhas, gastando cabedaes loucos em dentes postiços?

Deixemos isso, e vamos ao que importa. É o modo como o amor do sr. Patrocinio deu assaltada ao coração de Luiza.

Ha em Coimbra pelos meados d'Agosto, uma festança rija á *Senhora da Boa-Morte*. É na Sé. Na vespera é do estylo muito repicar de sinos e foguetes ás grosas.

N'um d'estes annos atraz houve mais do que isso: houve fogo prêso, e por signal que até um

barco de fogo no chafariz, que era mesmo uma cousa grande.

Aquelle vasto largo da Sê, a que tão inexplicavelmente por ahí chamam *Feira dos Estudantes*, estava em consequencia apinhadissimo de povo.

Digo aquelle *inexplicavelmente*, porque é certo que se no mundo ainda ha coisas ou pessoas que se não vendam, são os estudantes. *Feira dos Estudantes*, pois, é uma expressão que tem tanto de inexacta como de inexplicavel. Mas emfim, dizes do povo, que não sabe o que diz...

A noite estivera um pouco nebulosa até nove para dez horas. Depois, justamente quando ia principiar o melhor da função, desaba uma bâtega d'agua, que era como quem a deitava a cantaros.

Agora é que são ellas. Toda aquella infinidade de gente queria por força recolher ainda que não fôsse senão a cabeça.

N'um momento todas aquellas lojas foram invadidas em desordem, e de milhares de pessoas, apenas algumas dezenas tiveram de a apanhar a peito descoberto.

Uma d'estas era o sr. Paulo Rodrigues do Patrocínio, ex-tenente de caçadores e actual escrivão do juiz de paz na sua terra, que mal diria então a ventura que alli o esperava.

Vão ver.

Vendo-se em tão critica posição, o sr. Patrocínio pensou, e pensou bem, que todo o fogo que elle visse não era capaz de lhe tirar das costas uma boa molhadella, que uma boa molhadella podia trazer uma boa constipação, e que a uma boa constipação podia seguir-se muita coisa má, rheumatismo, por exemplo. E entendeu na sua alta capacidade, que o fogo não valia o rheumatismo. Resolveu ir metter-se debaixo de telha dando por mal empregado o tempo em que tinha vindo á cidade.

Pensal-o e fazel-o foi obra d'um momento. Abriu o immenso compasso de suas estiradas pernas, e dá a correr que nem um possesso.

Ao voltar a esquina para o *Arco do Bispo* um dos pés impeçou-lhe no quer que fosse, que foi na parede defronte fazer — pá — em quanto que elle caíu sôbre um joelho.

Ergueu-se furioso, rógou uma praga, costume que lhe ficára da tarimba, e dispunha-se a partir sem mesmo querer saber o que o tinha estorvado, quando lhe feriu os ouvidos uma voz de lastima, que o commoveu até á medúla.

O senhor Patrocínio tinha bom coração: parou logo e perguntou o que era.

Não lhe responderam, mas entre lagrimas e suspiros ouviu dizer:

— Pobre bochinho, meu amor, em má hora te trouxe eu, para morrer aqui aos pés d'este brutamontes!...

Concluiu que tinha morto um cão. Pouco se importava com isso um antigo guerreiro, mas aquella palavra, brutamontes, referida a elle por uma voz tão meiga e tão magoada, ferio-o no amago do seu melindre.

O senhor Patrocínio era um homem de brios, apesar de não ser conhecido de Camillo Castello Branco. E n'esta conjunctura deu provas.

Caminhou resolute para a dona do cãesinho, e, com a voz mais branda que poude, disse:

— Se a minha vontade houvesse tido a menor parte na desgraça que acaba de succeder-lhe, minha senhora, e que eu sou o primeiro a lamentar, offerecia a v. ex.^a todas as satisfações: assim offereço o meu pequeno prestimo se as esperanças não estão de todo perdidas...

N'isto a dona do cãesinho ergueu a cabeça e os olhos para elle, e o sr. Patrocínio sentiu tremerem-lhe as pernas, passar-lhe uma nuvem pela vista, e o chapéu que tinha nas mãos cahiu na lama.

Aquella mulher, que lhe tinha chamado brutamontes, era linda como um sonho de virgem, linda como a visão d'um poeta, linda como elle nunca tinha imaginado coisa assim.

O sr. Paulo Rodrigues ficou doudo: cahiu-lhe aos pés pedindo perdão.

Devia ter sido uma scena de caricatura soberba.

Mas o bonito são as consequencias. Data d'ahi o amor de Luiza pelo sr. Patrocínio.

Porque bem avisado é o meu leitor para já ter adivinhado, que a dona do cãesinho era a ex.^{ma} sr.^a D. Luiza Bibiana de Castro.

No primeiro impeto Luiza teve vontade de arrancar as ganas, de comer ao maldicto assassino do seu *Patusco* (era o nome do finado). Mas quando viu tamanha afflicção, um enleio tal, e sôbre tudo aquella acção magnanima de lhe pedir perdão, e de joelhos no meio da rua, o seu coração dobrou-se á piedade.

Porque se fosse outro qualquer homem não era cousa de estranhar e muito menos para a menina Luiza; mas aquelle, um gigante, um Ferrabraz, um Traga-mouros, com aquelle bigode de metter medo, com aquelle corpanzil como a torre da Universidade, vel-o ahí a seus pés, trémulo, submisso, eu sei cá dizer o que isso pôde no coração d'uma mulher?

Accresce para o effeito outra cousa, que parece bagatella, e que todavia não concorreu menos. Luiza não gostava muito do cão, principalmente por causa do nome. Já lh'o tinham dado grande, e, não sei que é, em a gente os não creando de pequeninos, não lhes cria aquelle amor que deve ser, amor de raiz.

Nem param aqui as gentilezas do sr. Patrocínio.

Acompanhou Luiza até á porta, e d'ahi a trez dias apresentou-se-lhe em casa a pedir um instante de audiencia.

O papá tinha saído. A menina deu um gritinho quando lhe disseram que a procurava o homem que lhe tinha morto o canito. Não seria facil dizer se de espanto se de contentamento.

Mandou logo que o fizessem entrar.

O sr. Paulo estacou perfilado no limiar da porta da sala, porque em frente deparou logo com D. Luiza, sentada com garbo verdadeiramente sobe-

rano n'uma marquezia. Aquella senhora para elle produzia os effeitos da cabeça de Medusa: atalhava-o de fórma, que o deixava immovel.

Ella demorou-se alguns instantes a admirar o seu imperio, e depois dignou-se dar-lhe um arzinho da sua graça e fazer-lhe signal de aproximar-se.

O ex-tenente deu um só passo e achou-se ao pé d'ella curvado em arco, como o *Polido do Methodo portuguez*.

—Eu venho aqui... começou elle tartamudeando: não sei se será imprudencia... eu queria pedir desculpa a v. ex.ª...

E não havia lá sair de tamanho apêrto.

D. Luiza foi generosa.

—Queira sentar-se, disse ella com modo affavel: já não somos tão desconhecidos que não seja muito natural a sua visita. E desde já lh'a agradeço, qualquer que seja o objecto d'ella. E-me sempre muito lisongeiro que pessoas que uma vez me vejam, se não esqueçam de mim.

O nosso homem tomou animo. O que elle temia eram as primeiras palavras. Visto que não foram uma reprehensão, o mais dava esperanças. Deixou-se de exórdios e atirou logo ao vinte.

—Eu vinha offerecer a v. ex.ª esta insignificancia—disse elle, mostrando na mão uma condecinha fechada que trouxera debaixo do braço, e que Luiza ainda não tinha notado.

Abriu-a depois, e Luiza viu dentro um como que rôlo de algodão branco, que por si mesmo se começou a mover, deu um pulo para fóra, e partiu a correr pela casa.

Era um cãosinho inglez, que os nossos leitores já conhecem com o nome de *Rigoletto*. E d'ahi vem a explicação d'aquella palavra—*souvenir*, que ella mesma lhe bôrdou na colleira.

Ninguem pôde dizer como Luiza foi sensivel áquella prova d'affecto do senhor Patrocínio. Avaliou quantas voltas e reviravoltas não daria o pobre do homem para haver á mão aquella raridade só para a obsequiar.

D'ahi por diante o senhor Paulo Rodrigues do Patrocínio ficou considerado amigo benemerito da casa debaixo da recommendação da menina, que contou ao papá tudo o que se tinha passado.

Decorreram alguns mezes, e muita coisa se passou. O senhor Paulo lembrou-se, a final, de pedir Luiza em casamento.

O senhor Castro, o papá, tomou então o seu lugar e retirou a confiança a quem não sabia contentar-se com o que lhe davam. Despediu-o de sua casa, e á filha impoz preceito de quebrar todas as relações com elle.

Ella porém é que não tinha coração para tamanha crueldade. Meia hora depois de assignar diante do pae uma carta de despedida, escreveu outra, só de sua conta, em que dava tudo por firme como dantes, e declarava que não merecia crédito nenhum o que escrevera n'aquell'outra, porque a escrevera sob a pressão d'uma vontade mais forte e estranha.

(Continúa) J. SIMONS VERRHIRA

D. JOSÉ ZORRILLA

ESTUDO

Continuado do numero 6, tomo II.

VII

Qual foi a estrella, que dirigiu Zorrilla n'esta parte de suas obras? Onde foi elle inspirar-se para escrever com mão tão firme estes pequenos poemas? Abri a introduccção; elle lá nos diz:

Baja á mi mente inspiracion cristiana;

e, sagrado poeta por essa inspiração, elle erguera a voz

Sobre las ruinas, en que España Hora,

para lhe cantar os brilhos, para lhe commemorar os feitos.

Com tal inspiração, Zorrilla não podia deixar de produzir uma boa obra. É que da inspiração é que nasce o poeta. Rochedo arido e queimado pelo calor do sol, é-lhe mistér a inspiração, qual vára de Moysés, para que d'elle rebente a jorros a poesia. Vêde como cantou Camões inspirado pela patria, Delille pela natureza, e Stay pela philosophia!

São seis as lendas, que Zorrilla reuniu n'esta sua collecção.

A primeira—*La princeza Doña Luz*—encerra todos os attractivos d'uma historia de antigos tempos. É já o amor d'uma princeza a lutar com os desejos d'um rei, já o apparecimento mysterioso d'uma creança sôbre as aguas do Tejo, já um d'esses juizes de Deus, já..., n'uma palavra, todo o attractivo, que requerem composições d'estas.

A ideia não é elevada; mas é attrahente e bella; o estylo simples e chão.

A segunda—*Historia de un Hespañol y dos Franceses*—é para mim uma das melhores flores d'este ramo, uma das mais bem escriptas; e tanto que nos não podémos furtar ao desejo d'aqui transcrever alguns troços d'ella. Bem sei eu, que se não recompõe todo um edificio, por alguns pedaços do portico; mas avalia-se a grandeza do mastodonte, por alguns ossos que d'elle encontrou Cuvier. N'esta lenda casa-se o attractivo da narração com a belleza das descripções; e enleia-se a simplicidade do estylo com a fluencia da dicção.

O amor, a molla real de todas as composições poeticas, representa aqui, como de preito é, o primeiro papel.

E que bellas poesias não tem formado o amor desde o episodio d'Ignez de Castro até... eu sei?... aos improvisos dos modernos trovadores! N'esta lenda apparece uma bella descripção, toda *fructo do amor*;—e n'ella tornam-se notaveis os seguintes versos, quando o conde obtem o *sim* de Argentina:

Un si pronunciado apenas,
Fugitivo e balbucente,
Pero espressivo, elocuente,

Espontaneo, abrazador:
Un sí, cuyo eco encantado,
Cuyo sonido improviso
Abrió al conde un paraíso
De deleites y de amor!

Depois do *sim* vem logicamente o casamento, e depois, talvez *illogicamente*, a infidelidade. O conde (que como o leitor sabe é o marido) parte para a guerra,

Partióse pues el buen conde
Contra Almanzar á campaña,

onde faz *hazañas de gran valor*, que concorreram para formar este dia

..... glorioso
Para el honor de Castilla.

Vindo da guerra procura sua mulher; mas não a encontra! Tinha-lhe fugido. Ha n'este ponto um bem imaginado episodio. O conde entra no castello; ninguem o vem esperar, caso raro! Procura a mulher, os creados; não encontra ninguem: chama, só lhe responde o echo, mas com respostas tão claras, que o conde sabe da sorte de sua mulher. É um espirituoso episodio, e que o sr. Mendes Leal soube magnificamente traduzir ou imitar na sua poesia—*O echo*. Permitta-me o leitor que agora cite em portuguez:

Raivando disse: — « Esta gente
Onde ousada se concentra?»
E o echo me tornou — *entra!*
E entrou-me n'alma o pavor.
Clamei depois doloroso:
— « Vem esposa, vem querida!»
E o echo murmurou — *ida!*
Pelo immenso corredor!

Bradei ao cabo iracundo:—
« Nenhuma voz me contesta?»
Responden-me o echo — *esta!*
E o furor me transportou!
— « Quem, gritei, mesmo em meus paços
Moteja a minha esperanza?»
E o echo retumbou: — *França!*
E França ao longe soou!

Faz honra ao auctor dos — *Dous Renegados*, dos — *Homens de Marmore* e do — *Avè Caesar!* esta imitação.

Depois Zorrilla tem ainda uma bella descripção do parque do castello abandonado, — e sôbre tudo a descripção d'uma noute de abril, de que transcrevemos o seguinte pedaço:

Era una noche del abril: serena
La luna en el zenith resplandecia,
Y el aura erraba de perfumes llena
Que en las tempranas flores recogia:
De esas noches azules, deliciosas,
Que solo ideas de placer producen,
Y que solo para almas voluptuosas
Con fugitivos resplandores lucen.

É pois esta uma das melhores lendas de Zorrilla.

Não se lhe nota, é verdade, muita variedade de rima e de metro, como talvez melhor lhe iria, mas tem de certo bellezas inquestionaveis.

(Continúa)

F. BEIRÃO.

REMIEMBER

Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

CANÇÕES

Pódes tu, virgem formosa,
Esquecer-te descuidosa
Do amor que te votei?...
D'esse ditoso passado,
Em que cego e confiado
Tão dôces horas gozei?...

Quando teus olhos fallavam,
E n'essas falas me davam
Lédas esp'ranças de amor?...
Esp'ranças todas mentidas,
Que promettiam mil vidas,
E apenas deram... só dôr!...

Se tu, donzella, soubesses,
Se na mente concebesses
Qual era a minha paixão,
De certo que tremerias
Quando votaste os meus dias
Às penas da solidão!

Não pagam ondas de pranto
A dôr profunda que tanto...
Tanto o seio me pungiu!
Prometteste-me a ventura
No teu olhar de doçura...
Era a vida... que fugiu!

Mas, ao menos, não te esqueças;
Talvez que um dia inda peças
Ao passado uma lembrança...
Mas então, ó virgem linda,
Recorda que existe ainda,
Existe sempre... uma esp'rança.

1833

A. A.

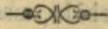
EXPEDIENTE

O desejo de tornarmos immediatamente conhecidos de todos os triumphos ultimamente alcançados em Coimbra pela grande Actriz, *Emilia das Neves e Sousa*, fez-nos apressar a publicação d'este numero, e demorar para o seguinte alguns artigos, que já se acham compostos.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

PRELUDIOS-LITTERARIOS



Não podemos resistir á tentação de transcrever aqui um interessantíssimo período d'uma carta, que ha dias nos escreveu de Sevilha nosso amigo e mui distincto escriptor hespanhol, o ex.^{mo} sr. D. Federico Utrera. Esperámos, que sua amizade nos desculpará este pequeno abuso de confiança, nascido do desejo, que temos, de que nossos collegas apreciem *por si mesmos* as amigaveis expressões, que lhes dirige, e os sinceros votos, que faz, para que os noveis escriptores portuguezes, que, com seus escriptos, têm enriquecido as páginas de nosso jornal, se tornem merecedores da fama e da gloria de Camões, que tanto enobreceu as letras portuguezas.

Os sentimentos, que nosso amigo nos manifesta nas ultimas palavras, com que termina o periodo alludido, — são e serão sempre os nossos: já os expressámos em alguns de nossos escriptos, e não nos cançaremos nunca de os reproduzir. Hespanha e Portugal devem e podem ser uma só nação; aconselham-no suas respectivas posições geographicas; a identidade de suas produções; a semelhança de seus costumes e de seu idioma; os laços de parentesco e amizade, que nos unem; uma sympathia poderosa, irresistivel, entre os sexos contrários; o maior desinvolvimento de nossas relações commerciaes; a dignidade, a independência, a *felicidade*, emfim, do povo portuguez.

O dia, em que todos se compenetrarem d'estas verdades, deve ser um grande dia para Portugal, pois será *o de sua emancipação!* ¡Sim! porque o despotismo, a tyrannia d'essas nações poderosas, que hoje se comprazem em esmagar-nos a frente, humilhada debaixo do ignominioso peso de seus insultos, de suas insolencias, — em breve se converteriam nas doces e consoladoras demonstrações de respeito e admiração, que esses mesmos povos nos tributavam, antes das desgraçadas e pusillanimes administrações d'alguns de nossos governos, ¡que á sua fraqueza, á sua immoralidade, á sua ignorancia, á sua cobiça têm sacrificado tudo quanto tínhamos de mais precioso — nome, glorias, dignidade, thesouros!

V. DA SILVEIRA

Abril — 1860

VOLUME II

N.º 10

«He recibido el primer volumen y los números subsiguientes de los *Preludios-literarios*. Los he leído con placer, mas diré, con entusiasmo; porque en ellos veo retratadas las primeras y mas puras impresiones de las almas jóvenes, los primeros y mas inocentes pensamientos de unas inteligencias, que comienzan á elevarse y á buscar en las esferas de la dulce poesia un consuelo para su corazon, un rayo de luz para su espiritu. Yo os doy la enhorabuena, pues habeis conseguido vuestro proposito. Esas páginas seran en lo futuro un altar, en el cual hallaran los hombres encañecidos el fuego — siempre sagrado — que produjeron las chispas primeras de sus ardientes imaginaciones. Salud en mi nombre esa juventude estudianta, que ilustra vuestro periódico, y cuyas producciones ya me son familiares, cual las de mis compatriotas. Yo, apesar de la distancia que nos separa, vivo entre ella, la amo, y desde mi retiro le rindo el tributo de mi amistad. ¡Ojalá en alas de su entusiasmo la viera remontarse con el tiempo hasta las altas creaciones del inmortal *Camoens!* ¡Ojalá mis votos se cumplieran, y asi como hoy somos hermanos en el pensamiento, en las creencias y en el honor, lo fuéramos igualmente en la Patria, que talvez contra nuestra voluntad se ha creado una frontera que nos separa! ¡Pero que importa separar los cuerpos cuando las almas viven unidas!»

Da melhor vontade publicámos o seguinte artigo d'uma senhora portuense, que sentindo-se inspirada pelos escriptos de nosso amigo e collega o ex.^{mo} sr. J. Simões Ferreira, e sympathizando com a indole do nosso jornal, se animou a fazer *sua entrada* no esperançoso mundo da imprensa, escolhendo para seu introductor OS PRELUDIOS-LITTERARIOS.

Devéras que nos sentimos orgulhosos com uma tal prova de confiança; e penhoradissimos pela preferencia, com que nos considerou; lisongeando-nos esperar que a *desconhecida* auctora do presente artigo se apressará a tomar entre os colaboradores d'este jornal o distincto lugar, que lhe pertence, em virtude de seu talento, de seu espirito e das atenções, que devemos ao estimavel

sexo, a quem a mesma autora tanto acaba de honrar e illustrar, e por quem nós fazemos os mais sinceros votos, para que em breve venha a assumir toda a dignidade e importancia, que nas coisas do mundo por muitos titulos lhe compete.

V. DA SILVEIRA

Sr. Redactor:—Pela carta que acompanha este artigo saberá a causa, por que tomei a liberdade de lhe pedir o obsequio de m'o transcrever no seu jornal, pedindo desculpa por toda a falta que commetter; poisque, além da minha modica comprehensão, os meus estudos são apenas a leitura d'algumas obras litterarias, em que gasto o tempo, que os meus affazeres me deixam, e uma vontade illimitada de escrever um dia um artigo, que, sem vergonha, possa assignar. Se esse dia vier, sr. redactor, será no seu jornal que eu quereirei ter a honra de subscrever o meu nome. Contando com a sua indulgencia, vou referir qual foi o objecto que me chamou a attenção, animando-me a lançar mão da penna pela vez primeira, para manuscreever alguns caracteres, com o fim de se metamorphosearem em letra redonda.

Acabava eu de jantar, n'um d'estes ultimos dias, em que a atmospherá estava carregada, convidando mais ao somno, do que a qualquer distracção; eu não sabia em que consumir o resto do dia, que estava triste como o meu genio, e por isso me parecia tão grande como o meu aborrecimento. Empreguei por acaso a vista nos PRELUDIOS-LITTERARIOS; como nunca tivesse lido este jornal, tentei fazel-o, porque a leitura raras vezes deixa de me distrair. Antes de folhear o jornal li a introduccão, coisa que não uso ler, porque pouco costumam differir uma das outras; aquella captivou-me a attenção, porque, além de bem escripta, achei muito merito ao objecto que motivou a inauguração do alludido jornal: estava assignada pelo sr. J. Simões Ferreira. A primeira coisa que se lhe seguia era um romance original do autor da introduccão. Não pude deixar de lê-lo, por achar muita graça á excentricidade do titulo: o meu elogio não pôde lisongear o distincto escriptor, pois é tão mesquinho como as minhas habilitações; tão mediocre como grande o talento do sr. Simões Ferreira. Em cada periodo do seu romance revela o seu elevado genio, e uma não vulgar erudição. Se continuar a seguir a carreira litteraria, teremos a dita de junctar na historia mais um nome a nomes illustres.

Não tenho a honra de conhecer o sr. Simões Ferreira; porém respeito-o pela sua sciencia: se não fôsse tão ingenhoso nunca diria no seu romance, que se não pôde falar com mulheres, senão em amor, bordados ou *toilettes*; suppor que elle está convencido d'isso, era fazer-lhe uma offensa imperdoavel, era nada menos que classificar-o de muito indocto; e mais do que isso seria, quem fizesse tal injustiça ao homem, que ocasionou o eu dar os primeiros passos na carreira litteraria,

que ha muito tinha immensos desejos de encetar, desejos, que nunca levaria a effeito, se não fôsse inspirada pelo romance *Coisas e Loisas* do sr. Simões Ferreira. Sem recorrer aos annaes da historia, podia apontar muitas mulheres de talento; mas cital-as era suspeitar dos vastissimos conhecimentos do digno autor; e por fórma alguma quero que elle julgue o que nem pelo pensamento me passa. O sr. Simões Ferreira, tendo a feliz lembrança de dizer tal coisa, fez um grande serviço ao meu sexo; porque n'umas excita os desejos de se illuminarem; em mim, que já ha muito os tenho, o de encetar essa profissão, tão apreciavel; e para o mesmo senhor pôde servir de recreio a interpretação, que derem a tal pensamento. Honra lhe seja feita!; a invenção não podia ser melhor.

A muita sabedoria do benemerito autor poderia passar não despercebida, mas sem o felicitem sem lhe dirigirem um louvor; mas não passava sem censura aquillo, que muitas, por mais não alcançarem, podessem imaginar uma offensa. Eu, apesar da minha apoucada instrucção, julgo que seria um crime de lesa-litteratura não prestar por tal motivo a devida homenagem ao habil escriptor. Sempre farei uma observação: entre mil mulheres é provavel que uma saiba mais do que o exarado pelo sr. Simões Ferreira: as outras novecentas noventa e nove talvez nem todas tanto abranjam... Creio tambem na possibilidade do dito senhor não ter encontrado alguma mulher de espirito e saber; acho-o muito natural, mas não direi que a não espere encontrar; o que faço é agradecer-lhe do intimo do coração, e com todas as forças da minha alma, o bem que me fez, deprecando assim as mulheres, porque se isso não fôra, eu nunca daria um passo n'uma senda, que tanto apetezia trilhar.

De novamente repito, que não é como desafrota que escrevo este artigo; porque não só comprehendo o espirito das phrazes em questão; mas, quando o não entendesse, não seria a offendida, porque conheço a minha insufficiencia, e por ella julgo a muita razão que o sr. Simões Ferreira tem para assim falar da pouca illustração do sexo feminino. O mesmo senhor diz no seu romance, no capitulo que segue áquelle, em que tenho falado, que nunca foi sua intenção atacar ninguém, o que jura pelo passado e protesta para o futuro. Acredito que assim seja, emquanto á intenção, mas não fico pelo resultado d'alguns escriptos, que se compõem ás vezes na melhor boa fé, porque a modestia, os bons exemplos, e mesmo o moral, offende aquelles que o não têm; porisso o sr. Simões Ferreira não deve já mais quebrar a sua penna; antes quebre o protesto, se tanto fôr mistér, porque, no sacrificio de o quebrar, ha mais merito do que em o cumprir, quando é um *homem* que o faz. A penna do illustre autor é digna de ser cravejada de brilhantes; e prasa a Deus que por muitos annos elle dê ao público a satisfação de ler as suas eruditas producções.

Não terminarei este mal redigido artigo sem felicitar tambem o sr. A. F. de Loureiro, autor

d'Um Amor de Estudante. Á sua penna, digna de toda a consideração, accresce um estylo... que não se póde ler e ficar insensível: a leitura que impressiona tem em si o panegyrico; e por isso, só direi que está superior á minha approvação. Concluo, manifestando que os PRELUDIOS-LITTERARIOS é um excellente jornal, e sinto não ter o preciso discernimento para offerecer-lhe, sr. redactor, a minha collaboração.

Espero que me não negará o obsequio d'inserir no seu jornal, este tibio artigo, pelo qual se confessará eternamente agradecida esta, que tem a honra de se assignar,

Porto, 31 de Março de 1860.

UMA MULHER,

que sympathisou com os Preludios-Litterarios.

O QUE FAZEM ROMANCES

Continuado do numero 8, tomo II.

II

O nosso conhecido magistrado, depois do que se passou no capitulo antecedente, continuou a leitura do seu periodico, mas essa leitura era feita d'um modo desusado e estranho; já não havia trechos, que elle repetia entusiasmado e em voz alta, já não fazia os seus costumados *á partes*; antes pelo contrario corria pela vista rapido e apressado qualquer artigo e parece, que não descansava em quanto não chegava á assignatura do articulista; deparou finalmente com a importante sessão dos annuncios e sem lhe dar a menor attenção, depoz o periodico para o lado, lançou mão da carta, que tão inesperada revolução viera causar, e suspirou, encostando a sua respeitavel cabeça ao trémulo braço.

D. Maria tinha ficado absorvida nos seus pensamentos, em pé, encostada a uma meza e mordendo levemente a unha do polegar da mão direita; n'essa posição, que bem denotava a impaciencia de sua alma, os olhos reviravam-lhe espantados e um leve tremor lhe abalava os seios.

Ouvindo o magistral suspiro do pae, acordou, por assim dizer, da sua meditação, e, aproximando-se d'elle, pousou-lhe brandamente a mão no hombro direito e balbuciou:

—Então, meu pae, por que está agora triste?

—Porque?... é porque vejo uma infeliz ás bordas da sepultura a supplicar-me o perdão, que não merece, mas que eu não tenho a força de negar-lhe.

—Mas disse-me, que minha tia...

—Sim, é tua tia mesma; olha menina, nunca te tinha fallado em minha irmã porque a considerava de ha muito morta para mim. Coitada!... vê tu o que são as novas doutrinas, o que faz o teu seculo das luzes... A pobre Jacinta, creada sempre debaixo dos saos principios, em que eu mesmo tenho querido crear-te, era como tu uma perfeição, mas como tu ardia no desejo de conhe-

cer o mundo. Não sei aonde ella tinha ido buscar as ideias, as mais exquisitas, sôbre a sociedade, esta sociedade de agora... am?... mas foi o caso, que logo que findou a triste guerra do Porto, fui a Lisboa para contrair os laços do matrimonio com tua sancta mãe, que Deus haja, levei Jacinta comigo, louca de contentamento, e a pobre deixou-se seduzir pelas apparencias e pela sua imaginação exaltada, e fugiu com um homem... vê tu, filha, um homem, que era militar de D. Pedro, que pugnára contra o seu rei, que desembainhára a espada contra a legitimidade, contra a religião, contra mim mesmo... Foi o bastante para eu a amaldiçoar, para nunca mais querer saber d'ella.

—Coitada... murmurou D. Maria compadecida.

—E bem coitada, minha filha; porque essa desgraçada está agora soffrendo o justo castigo dos céus. Eu casei em Lisboa com tua boa mãe e vim logo para a minha quinta do Carvalhinho, em quanto Jacinta, segundo me constou, casava tambem com o tal militar, e enfronhava-se ás cegas no bulicio da côrte. Seu marido, collocado em uma posição elevada, figurava nas primeiras sociedades, e o luxo matava-os; o seu pôsto dava-lhe porém meios para tudo: infelizmente vieram as cousas da *patuleia* e o homem, bulhento por natureza, metteu-se ainda n'aquella guerra e o resultado foi passar á terceira sessão. O louco se havia de reduzir-se então ao seu pequeno sôlido, qual historia?!... continuou com a mesma vida sancta e esplendida, e agora o que fez com isso, foi deixar á dois mezes a pobre mulher e duas filhas, que são já umas senhoras como tu, desamparadas e pobres, porque Deus chamou-o á dois mezes á sua divina presença, aonde praza aos ceus, o ajuste das suas contas não tenha sido muito difficil...

—Mas... pobres meninas?... Como ha de isto agora ser?... Se nós fôssemos viver com ellas em Lisboa...

—Descansa, que tuas primas não estão tão mal como pensas: tua tia não quiz nunca receber nada da sua legitima, porque seu marido nunca lh'o consentiu, e essa tenho-lh'a eu administrado religiosamente, de maneira que hoje, quasi duplicada, minha irmã póde com ella dotar as duas pequenas talvez em 16 contos cada uma.

—Oh! meu pae, como é bom!

—Não sou bom; fiz o meu dever, fiz o que no meu tempo se fazia sempre. Ora agora Jacinta escreve-me uma carta, que fazia chorar as pedras... coitada... e Gervasio limpava as lagrimas de afflicção em quanto sua filha chorava tambem, mas por ir ver emfim Lisboa.

—Minha irmã, continuou o magistrado, pede-me agora esquecimento e perdão. Diz-me, que não quer morrer sem me abraçar e lega-me desde já as suas duas filhas...

—Então devemos partir immediatamente; talvez não cheguemos já a tempo...

—Pois sim, minha filha, partiremos já, e vai tu mesma arranjar a tua roupa.

— Ah! meu pai, tenho tudo prôprio... se eu tinha o presentimento que iríamos breve para a Capital...

— Ah! menina... essa mania... ora queira Deus...

Mas com a lembrança da partida Gervasio esqueceu a sua costumada prédica e levantou-se para ir também tractar dos seus arranjos.

Na madrugada do dia seguinte saía da quinta do Carvalhinho um carro puchado a duas mulas, no qual, além do sr. Gervasio Carneiro e sua filha, iam tres bahús com os vestidos d'esta e uma pequena trôxa com todo o fato ceremonial d'aquelle, consistindo em uma casaca preta, colete de setim branco, e calça preta de casimira e competentes botas.

D. Maria ia louca de contente; os balanços do carro eram para ella quaes os molles balanços de voluptuosa rede, sob a fresca sombra de elegante palmeira e ao agradável sôpro da briza d'uma tarde equatorial.

Ao passo que se ia aproximando de Lisboa, o coração palpitava-lhe mais livremente e as côres assomavam-lhe mais viçosas ás faces.

Chegados ao Carregado, D. Maria, fiel aos seus protestos de nada lhe causar estranheza e admiração, metteu-se ligeiramente em uma carruagem de segunda classe nos caminhos de ferro, emquanto seu pae a seguia, duvidoso e assustado, murmurando:

— Ora queira Deus... as taes invenções... ora queira Deus...

O comboio partiu veloz como uma setta, e em quanto o velho se agarrava aos seus companheiros de jornada, que lhe ficavam mais perto, D. Maria, ao querer erguer-se para da portinhola ver melhor os novos climas, que atravessava, não contando com o movimento de que todo o systema ia animado, assim como ella mesma, cambaleou e foi-lhe preciso encostar-se a um passageiro, que ia no lugar fronteiro, e que delicadamente a susteve estendendo-lhe uma pequena mão, perfeitamente calçada com uma luva côr de canario.

D. Maria confusa balbuciou uma desculpa, e, toda córada ainda, deixou-se outra vez cair no seu lugar.

Passado o primeiro momento de embaraço foi-se atrevendo a erguer a pouco e pouco os olhos sôbre a creatura, que tão galantemente a tinha salvado de queda maior, e a quem ella tão mal tractára, porque ao cair tinha sentido, que seu pé encontrava um outro, que soffreu paciente a pressão do primeiro.

No seu levantar pausado dos olhos a primeira cousa que D. Maria devisou foi esse pé, tão bruscamente calcado, e cujas marcas ainda guardava, e que no entanto poderia causar inveja á mais delicada dama, tão bem talhado e calçado com uma bota de verniz era elle.

Ao vê-lo, D. Maria escondeu apressadamente os seus e ficou já d'ahi hem predisposta para o heroe d'aquella sua primeira aventura.

Continuando depois na sna analyse principiou a vêr uma calça preta; umas pernas negligentemente crusadas; um colete de casimira pardo sôbre o qual se torcia uma cadeia de ouro e bailava uma luneta do mesmo metal, suspensa a um cordão de cabelo; um fraque de côr escura, e ao pescoço uma manta de seda azul, atada descuidosamente por baixo de um coleirinho de riscado dobrado á mamã.

Hesitou ainda a levantar os olhos d'ahi para cima, mas a curiosidade e uma força, que não poude vencer, obrigou-a a contemplar também a frente d'esse companheiro de viagem.

O desconhecido tinha descalçado a luva da mão esquerda e 'nessa mão, introduzida por entre os cabellos compridos da sua cabeleira lustrosa e anellada, brilhavam dois aneis d'ouro, grandes e resplandecentes, em quanto na outra ainda calçada com a mesma luva apertava convulsamente um chapêu côr de castanha.

Com a cabeça recostada sôbre a mão esquerda alongava a vista pelos campos, que se estendem do lado direito da estrada até perderem-se ao longe no Tejo, e um como sentimento de dor lhe enuviava as feições.

Era um rapaz, que parecia ter pouco mais de 25 annos; seu talhe era elevado; suas faces pallidas e emagrecidas; um bigode preto lhe cobria o beijo superior; o nariz era de typo oriental, e as sobrancelhas, levemente arqueadas e bastante fartas, soffriam uma contracção, que denotava uma impaciencia, um aborrecimento pronunciado.

D. Maria fixou o seu visinho e leu-lhe na physionomia um sentimento, que a tocou, e que se foi logo repercutir no seu coração, pelo privilegio das almas sensiveis e apaixonadas. Desde então não despegou mais os olhos d'elle e principiou também a sentir uma especie de acanhamento, que não esperava, que não sabia explicar.

Passados minutos, viu-lhe um ergner de hombros, um contrahir de labios, um carrêgar de sobrancelhas, e de repente, como quem quer afugentar uma ideia afflictiva, voltar repentinamente a cabeça, e no primeiro olhar surprehendê-la, fixando-o. D. Maria abaixou a cabeça confusa e sentindo-se corar, mas o coração principiou-lhe a palpar mais forte, e os olhos do seu visinho continuou a vê-los, a sentil-os percorrerem-na d'alto a baixo. Sob essa impressão não se atreveu a mover-se, mas passado tempo ousou erguer outra vez a vista e deu ainda com os mesmos olhos negros e rasgados, fixos sôbre ella. D'ahi por diante seguiu-se uma continua tortura, porque os mesmos olhos seguiam sempre os seus menores movimentos, e não se despegavam d'ella um instante.

— Meu Deus, pensava ella, em que farei eu impressão a este homem!... será pelo vestuario? mas visto segundo o último figurino... será por que me conheceu provinciana?... mas não sei em que me mostre exquisita e acanhada... nos meus modos guio-me por Julia, por Carolina, por Branca,

por Amelia (eram as quatro heroínas dos romances, que lera ultimamente)... será por...

E D. Maria não se atreveu a perguntar a si mesma se seria o amor, que impressionava o seu desconhecido companheiro de jornada.

— E por que não? continuou ella, passado um momento; não nasce esse sentimento do primeiro olhar, não se inflamma pelo primeiro apêto de mão, não chega ao seu auge pela troca da primeira palavra?... ah!...

E levantava ainda uma vez os olhos sôbre os d'elle, que encontrava negros, brilhantes e pousados sempre sôbre ella; suas faces tornavam-se-lhe mais purpurinas e animadas, o coração batia-lhe mais vivo e apressado, mas por fim seus olhos caíam-lhe sôbre o chão, como confusos e envergonhados por não poderem sustentar o poder, a força dos d'elle.

N'este meio tempo ouviu-se um silvo prolongado e agudo, o comboio parou e chegaram á estação final de S.^{ta} Apollonia.

D. Maria ao sair da carruagem encontrou já o mesmo cavalheiro, que saíra primeiro, e lhe offerecia galantemente a mão para se apoiar na descida, o que não agradou muito ao velho magistrado, porque em voz carregada dizia para a filha, que se sentia toda tremer ao cortejal-o e passar juncto d'elle:

— Está bom, menina, dê cá o seu braço e olhe não se perca. Vamos, cá ficam os criados para fazerem conduzir os bahus á nossa hospedaria... E estamos em Lisboa!... quem tal diria... parece um sonho... os taes vapores sempre é uma!... mas que tem a menina?... parece que o seu braço está a tremer... Serão já os ares da capital?... ora queira Deus... E Gervasio continuava resmungando inintelligivelmente.

Passado um momento D. Maria ao sentar-se no omnibus, que estava a partir para o Pelourinho, via o seu desconhecido sentar-se também em frente d'ella no mesmo omnibus; ao apeiar-se depois encontrava-o a offerecer-lhe ainda a mão para se apoiar também; e finalmente ao entrar para uma hospedaria da rua dos capellistas, que seu pae vira dias antes annunciada e recommendada na *Nação*, notava, que o mesmo individuo a seguia.

Mal entrou no seu quarto, tirou o chapéu de jornada, lançou sôbre o leito o seu chale e chegou á janella, mas, ó pasmo! o mesmo individuo lá estava já parado em uma loja fronteira, fazendo-lhe uma respeitosa cortezia...

N'esse mesmo dia á tarde, a criada, que viera também da quinta do Carvalhinho, entregou-lhe uma carta fechada em um *enveloppe* verde e sem sobrescripto, dizendo-lhe:

— Ó menina, não quer saber?... pois, á bocadinho, não ia eu a sair do quarto e não encontro na escada um homem, assim a modos, que parecia um fidalgo, e que me diz — pst... pst... ó minha senhora, olhe, entregue este papel á menina, que lh'o manda aquelle senhor, que ella sabe, mas que ninguem veja, sim?... e depois sem *tirte*

nem *guarte*, deixa-me na mão este papel, e põe-se a andar... am? que lhe parece isto?

— Cala-te, Josefa, cala-te e dá cá... e D. Maria pegava toda trémula na carta e escondia-a no seio, em quanto amimando a criada, lhe dizia:

— Olha, minha Josefa, isto não é nada mau, mas não digas nada a ninguem, não?... nem a meu pae...

— E que hei de eu dizer ao démo do homem, se elle voltar logo, como prometteu?

— Olha, dize-lhe, que não me podeste ainda entregar a carta, mas que volte sempre amanhã pela manhã, sim? e agora, minha Josefinha, vae lá dentro buscar-me um cópo de agua, anda...

E em quanto Josefa saía D. Maria abria a carta a tremer, lia-a apressadamente e murmurava depois:

— O meu coração bem o adivinhava... sou amada!... e que amor?... é exactamente como n'aquelle romance inglez... esquece-me agora o nome... aquelle do Lord, que viajava incognito... ah! era o Arthur... apaixonou-se por uma menina e d'ahi a quinze dias casou com ella... Oh! meu Deus, que seria de mim se não tivesse vindo a Lisboa?...

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

O NOBRE E O MENDIGO

Romance original da Sr.^a D. H. L. de Vilchez

Tradução de V. da Silveira.

Continuado do n.º 8, tom. II

O tio Pedro deteve-se um momento, enxugou o suor, que lhe escorria da fronte, e procurou tomar algum alento, para poder proseguir.

O marquez, postoque agitado por tão tristes recordações, mas impaciente por saber a verdade d'aquelle drama sanguinolento, cujos detalhes havia sempre ignorado, não quizera ver interrompida a narração do mendigo; assim, quando este a interrompeu, logo lhe observou com notavel auxiedade:

— ¡Continuai!

— Poucos momentos de vida lhe restavam: na sua agonia reconhecêra a enormidade de suas faltas; ordenou pois que lhe chamassem um sacerdote, para que o confessasse.

A casa, em que tivera logar este acontecimento, estava situada n'uma das extremidades da aldeia: assim ninguem d'elle teve conhecimento; alem de que era já meia noite.

O mesmo homecida, mal sabendo o que fazia, e espantado de seu proprio crime, foi procurar o virtuoso parochó, que de boa vontade se prestou logo a acompanhá-lo.

Em poucos momentos haviam chegado á iso-

lada casa do pae de Magdalena; e ahi, o ministro de Deus, antes de auxiliar o moribundo em seu passamento, abençoou sua união com a triste filha do rendeiro.

Vosso irmão fez mais ainda: para remediar suas faltas escreveu, postoque com mui debil pulso, a declaração de seu casamento com Magdalena, nomeando herdeiro de seu titulo e de seus bens o filho, que esta desse á luz.

Poucas horas depois tinha deixado de existir.

No dia seguinte encontrou-se seu cadaver na estrada, sem que ninguem pudesse saber quem havia sido seu assassino; pois o unico homem, que podia denunciá-lo, tinha seus labios sellados pelo segredo da confissão.

— ¡Meu pobre irmão! exclamou o marquez, saltando do peito, opprimido com tão tristes recordações, um doloroso suspiro: tendes razão; nada podemos averiguar sobre o autor de tal assassinato; porém agora... ¡oh! continuai, continuai!

— Alguns dias depois a infeliz viuva deu á luz uma menina, que foi baptisada com o maior segredo pelo mesmo, que guiára até as portas do céu a alma de seu pae.

Mas ¡ai! a pobre Magdalena tinha soffrido muito; e bem depressa, não podendo sobreviver áquelle que tanto amára, exhalou o ultimo suspiro, abençoando sua filha e rogando ao rendeiro que velasse por sua sorte.

E aquelle homem encontrando-se só no mundo com a triste creaturinha, cujo nascimento foi precedido pela desgraça, viu-se na alternativa de a entregar á miseria ou de expor-se a ser descoberto como assassino do marquez. Resolveu porém calar-se e condemnar a tenra orfã a viver no meio das privações e da pobreza; todavia a vista d'aquelle ser, que Deus havia collocado debaixo de sua protecção, fazia-lhe mal; pois que lhe recordava a cada momento sua mallograda filha, aquella filha, que tanto amára sobre a terra...

Os olhos do mendigo arrazaram-se-lhe de lagrimas; e sua voz, ao proferir estas palavras, tremia-lhe sensivelmente. Passado um momento continuou:

— Dicidiu-se pois a abandonar aquelles sitios, e fugir para sempre da casa, que havia sido o theatro de sua desgraça, levando consigo a pobre menina.

Assim, desapareceu um dia da aldeia, que o vira nascer.

Tendo chegado a outras terras, ahi procurou uma mulher honrada, a quem deu a criar a filha de vosso irmão; e, pondo em suas mãos todo fructo de muitos annos de trabalho, se afastou, levando consigo o segredo de seu nome, e o appellido de sua neta.

Vós, senhor marquez, ignorando todas estas circumstancias, chorasteis a morte de vosso irmão; porém, ao herdar seu titulo e suas riquezas, pensasteis em vosso filho, que tinha então poucos annos; e um raio de esperança pode adoçar-vos a dor...

O marquez empallideceu ligeiramente ao ouvir estas palavras.

É que elle, durante a narração do mendigo, agitado como estava por tão tristes recordações, não havia pensado ainda em que aquella creança, de que lhe falavam, podia vir a ser a verdadeira marquez de São Telmo. Esta ideia, pois, que o tio Pedro acabára de suscitar-lhe, fel-o tremer pelo futuro de seu filho. Assim, querendo por uma vez penetrar todo aquelle mysterio, não poude deixar de murmurar ainda com anciedade:

— ¡Continuai!

— Aquelle homem, proseguiu o mendigo, havia já muitos annos, que se achava ausente, sem casa e sem familia: entregue á mais horrivel miseria pretendia d'este modo expiar seu crime. Por outro lado, não amando a pobre creança, cuja existencia havia causado a morte de Magdalena, resolvêra não revelar nunca o segredo de seu nascimento.

E assim teria acontecido, se circumstancias bem graves não viessem depois desviar-o d'este seu proposito.

— ¡Como!...

— Senhor marquez: a filha de vosso irmão ainda vive; e é tão bondosa, que a injusta prevenção de seu avô já não existe. Ao enconral-a, desgraçada, consumindo-se no fogo d'um amor, que julga impossivel, não quer que tenha a mesma sorte de sua mãe, não quer que morra como ella; e assim vem por minha bocca dizer-vos: «¡Senhor marquez, abri os braços áquelle infeliz creança; é nobre e rica, porque Deus quiz que ella descendesse d'um dos titulos de Castella: fazei-a feliz, e vosso irmão vos abençoará lá no céu!»

O marquez ergueu-se da cadeira trémulo e agitado: seus nobres instinctos luctavam-lhe no coração com a ideia de perder n'um só dia posição, honras, tudo que constituia sua grandeza.

Um pensamento porém cruzou de repente por sua frente e veio, por assim dizer, desvanecer um pouco as carregadas nuvens, que a escureciam

— ¡Onde fostes aprender essa miseravel fabula, para virdes d'esse modo especular com minha caridade? Se necessitais d'uma esmola dirigí-vos a meu mordomo. ¡Sai pois immediatamente d'aqui; estou cansado de soffrer-vos!

— ¡Sempre o mesmo! murmurou o mendigo, sempre arremecendo-nos seu oiro!... senhor, acreditai na palavra d'um homem honrado!

— ¡Sai!

— As provas de tudo quanto vos disse tenho-as eu em meu poder; e se não quereis acreditar-me, irei deposital-as nos tribunaes competentes.

— O tio Pedro dispunha-se a sair da sala.

— E ¿quem sois, disse o marquez detendo-o, que assim vos atreveis a vir a minha casa e quasi a ameaçar-me?!

— Sou... um amigo do pai, cujas cans respeitaveis vosso irmão insultou!

— E ¿quem é elle? onde está? dizei-me vosso nome e o do assassino...

— Seu nome... ¡ha já muitos annos que foi riscado da lista dos homens!

— Logo ¿já não existe? e ¡não poderei punir seu crime!...

— ¡Marquez! demasiadamente tem elle sido punido por Deus! Em dezesseis annos de soledade e de miseria assás expiou já seu crime! Lastimai-o pois, mas não o amaldiçoeis.

— E ¿que vindes exigir de mim? a espoliação do nome, da grandeza de meu filho, para a transmittir a uma adventicia?!...

— Não; quero só que consintais em unir sua mão com a da verdadeira marquez de São Telmo; e assim tereis dado um futuro a essa joven sem empobrecerdes Fernando.

— ¡Consentir na desgraça de meu filho!

— Não; ambos se amam.

— ¡Como! Fernando desceu até captivar-se de...?

— D'uma rapariga nobre e sancta, que tem sabido desviar-o da errada senda, que trilhava, conduzindo-o a seus deveres. Sim, nada mais certo; se Fernando se tornou um bom filho, se hoje obedece e estima seu pai, a ella, só a ella o deve.

— Porém ¿quem é essa rapariga? ¿onde se encontraram?

— Encontram-se todos os dias: sem dúvida foi Deus que collocou essa joven debaixo do tecto da casa de seus ascendentes; e a que é dona d'este palacio serve-lhe hoje de porteira, como a mais humilde de vossas criadas...

— Logo é...

— Angela, senhor.

— ¡Ella!

— Sim... a filha de vosso irmão.

— E exigis, que eu ligue Fernando a essa rapariga? ¡que diria o mundo!

— Que haveis estendido vossa mão protectora a uma desgraçada; que vos não orgulhessies com vossa nobreza; junctando a vosso titulo de marquez os de clemente e bondoso.

— Não; não posso consentir em semelhante união. Entregai-me esses papeis, que provam o nascimento de Angela, e eu vol-os pagarei a peso de ouro: pelo que a ella respeita, não a abandonarei nunca; dar-lhe-hei um bom dote, serei seu protector; porém entregai-me esses papeis, entregai-m'os, eu vol-o peço.

— Senhor, são o dote de Angela; e só os receberá de minha mão aquelle, que houver de ser seu marido. ¡Ouro! ¿para que o quereria essa infeliz creança, se lhe não serve para comprar sua felicidade?; porque Angela ama Fernando como minha... não, como sua mãe amava vosso irmão. ¡Ai! senhor marquez, sua existencia se definharia como se definha hoje sua juventude!

— Mas a sociedade...

— A sociedade, a sociedade... Temei sua sentença, se, ao ser Angela reconhecida como legitima e unica herdeira de vosso irmão, viesse a unir-se a seu espoliado primo; porque, se não cederdes, assim ha de vir a acontecer; e ella fará

por amor o que vós não quizesteis fazer por orgulho: dir-se-ha então, que o interesse e não a affeição vos determinou a consentir n'esse enlace.

— Tenho todavia ainda uma esperança: talvez que esses documentos não provem...

— ¡São irrecusaveis, são sagrados! Vede a letra de vosso irmão, e respeitai a vontade do que já não existe.

O ancião tirou da algibeira uma carta já poluida e cheia de rugas, e aproximou-a dos olhos do marquez.

Este, profundamente agitado, fixou n'elle suas vistas, e convencendo-se de sua authenticidade, começou a passear ao longo da sala, procurando d'este modo acalmar a lucta, que se passava em seu interior: sua posição era demasiado critica e violenta.

O mendigo estava alli, só, em sua casa, impotente para defender seu thesouro; todavia nem uma só ideia de violencia havia passada pela mente do nobre senhor.

O tio Pedro levantou-se para sair finalmente d'aquella casa; porém o marquez, interpondo-se em sua passagem, lhe disse:

— ¿Sabeis, que posso fazer prender-vos como cumplice n'esse homicidio.

— Não obstante entregaria nas mãos da justiça as provas, que podem reduzir-vos á maior pobreza; e, devolvendo a vossa sobrinha seu titulo e sua fortuna, morreria contente. Estou decidido.

— E ¿se eu acceder?

— ¡Ah! então eu vol-as entregarei; e podereis consumir-as no fogo, sem que ninguém tenha conhecimento de seu conteúdo.

— Pois bem: consultarei a vontade de meu filho; e se elle amar Angela, como dizeis, eu não procurei mais saber a maneira, por que alcançastes esses papeis; por vossa parte guardareis sempre este segredo.

— Sim, sim, eu o saberei guardar no fundo de minha alma. ¡Ah! está salva minha pobre Angela!

O tio Pedro saiu finalmente d'aquella sumptuoso aposento, cheio de esperança e de alegria.

O marquez, caindo n'uma cadeira, entregou-se de novo ás mais profundas meditações.

(Continúa)

SALVE... MADEIRA!

AO SR. ANTONIO JOÃO DE FRANÇA BETTENCOURT

Salve!... salve! Madeira formosa,
Tu és ilha das ilhas Rainha,
Deus te ha dado com mão generosa
Fulgores que teu solo não tinha.

Salve!... salve! ilha tão bella
De ti longe poesia não ha;
Nem póde o poeta aqui tel-a,
Nem seus cantos revivem por cá.

Em teu solo meu canto surgira
Mui viçoso d'esp'ranças d'amor;
E meu estro brotára da lyra
Ebrio de vida, poesia, fervor.

As ondas vêm de longe saudosas
A teus pés o seu colo curvar;
Tuas brisas fagueiras as rosas
Vêm mui lindas no calix beijar.

Salve!... salve Madeira formosa,
Tu és ilha das ilhas rainha
Deus te ha dado com mão generosa
Fulgores, que teu solo não tinha.

II

Mas tua belleza e encantos
Quem jámais ousou cantar?
Quem t'ergueu hymno saudoso
Linda Madeira sem par?...
O trovador... esse é pobre
A dor que o peito lh'encobre
Não o deixa desferir
Esse canto tão saudoso,
Que da lyra magestoso
Fazer devêra surgir.

Q'importa!... se assim não fôra,
Que havia o canto dizer
O canto d'um exilado
Que poderia valer?
Que valer?... que valeria?...
Murcha n'alma a poesia
Por as lagrimas de dô,
Acabado dentro d'alma
Esse fogo que m'acalma
Estê meu peito tão só.

A poesia... sim só essa
Te deve um canto cantar;
A poesia, Anjo celeste,
A virgem de meu sonhar;
Essa linguagem tão bella,
Que no seu seio revella
O que teu Deus só te deu,
E só ella teus encantos
Pinta com seus meigos cantos
Com suas tintas do céu.

Mas esse seja cantado
Só por um filho dos teus,
E nunca a lyra mui pobre
Te desfira os cantos meus,
Que esses cantos não tem preço
Que esses que eu te offereço
Não tem o condão do céu;
Que outros mais formosos inda
Ha de, Madeira mui linda,
Offertar-te o filho teu.

Esse só... e pôde agora
Cantar pois os brilhos teus,
Que esse tem a sciencia
Inspirada por um Deus
Esse só... só o teu filho,
Que seguiu um nobre trilho
Hoje te pôde entoar
Um hymno todo sagrado,
Que da patria ao triste brado
Elle lhe ha de cantar.

Coimbra, 27 de Março de 1860

JOSÉ AUGUSTO GUEDES TRIBEIRA

EXPEDIENTE

Recebemos o n.º 1 do *Academico*, publicação mensal, scientifica e litteraria, redigida pelos ex.^{mos} Sr. — João de Deus Ramos, Eduardo José Coelho, Anthero Tarquinio do Quental, Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro, Alberto da Cunha Sampaio, Alberto Telles de Utra-Machado, Francisco Fernandes de Guimarães Fonseca, Severino de Sousa Azevedo, José Maria da Cunha Seixas.

Já em nosso jornal, e n'outros, o público illustrado tem tido muitas occasiões de apreciar o distincto merecimento litterario de quasi todos ou todos estes nossos collegas e amigos; assim, e como do coração lh'o desejamos, a apparição d'este novo facho civilizador não pôde ser por elle se não acolhido com muitas sympathias e muitos louvores.

V. DA SILVEIRA

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

1.º volume dos PRELUDIOS LITTERARIOS, contendo 292 páginas de impressão, uma lithographia (grupo de estudantes da universidade), uma polka (*Pro-ludios*) e uma walsa (*A saudade*). Vende-se nas lojas do costume—Preço 1\$600 réis.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coimbra*—loja da imprensa da Universidade; *Lisboa*—livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª, livraria central do Sr. Melquidades & C.ª, rua do Ouro; *Porto*—Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; *Viseu*—Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pêso da Regoa*—Sr. Manuel Mendes Osorio; *Evora*—Sr. V. J. da Gama; *Lamego*—Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão*—Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria*—Sr. José Pereira Curado; *Aveiro*—Sr. Ernesto Augusto Ferreira; *Faro*—Sr. Feliciano José Alves Braga.

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno.....	15240	Anno.....	15180
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
		Por mez—	120 réis
		Avulso—	40 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira



Morreu o estudante do 4.º anno juridico, Antonio Paes Dias de Amaral!.....

Como é pungente e doloroso vê esconder no tumulto, sumir-se nas sombras da eternidade o irmão o amigo, que tanto amavamos na vida, e que ora chorámos, porque o hemos perdido, para sempre!...

Como é penoso e triste conhecer o mancebo na flor da vida, quando esta principiava a descobrir o horizonte d'um futuro de esperanças; para depois vê estas, queimadas pelo sôpro glacial da morte, desprenderem-se e cairem volvidas no pó dos tumulos!...

Mancebo, a quem o talento e virtudes auguravam já um porvir esperançoso, um futuro de gloria, perdemos-o para sempre! A corôa de louros, que a sociedade lhe ofertaria em premio de seus elevados merecimentos, trocou-lh'a Deus pela do martyrio, e pela palma do justo, com que o céu recompensa os que n'este valle de amarguras passaram á sombra da virtude e do sancto temor de Deus... e elle fôra um d'esses!

Extremoso filho, irmão dedicado, respeitador de seus mestres, condiscipulo amigo, dêra-se ás sciencias e ahi manifestou sempre o engenho com que Deus o dotára. Volve o seu espirito á muzica e á pintura, e o genio e a vocação admiravam!

A modestia, sublime apanagio das almas puras e generosas, deixava muitas vezes esconder quanto era e valia.

Foi-se acolher juncto ao throno do Sér supremo! Dôr, magua e recordação immarcessivel, cá nos deixou; gravada nos ficou no coração, e nunca esquecida lembrança em memoria amiga!...

Se prantos e saudades são tributos, que se deviam á amizade, lagrimas e saudades vindas do fundo d'alma lhe ofertámos e ofertaremos sempre, até que alfim, lá na eternidade, corrido o véu, que nos sepára, aquellas se estanquem, e estas se apaguem em fraternal abraço.

Coimbra, 16 d'Abril de 1860.

E. GARCIA

Carta a uma mulher que sympathizou com OS PRELUDIOS LITTERARIOS

Minha senhora:— Nós não vemos Deus e todavia temos-lhe respeito e amor. A intelligencia é filha de Deus, invisivel com seu pae, e ante ella nós curvâmos a fronte. Como Deus e como a intelligencia, v. ex.ª quiz ser amada e respeitada sem ser conhecida: alcançou-o.

Penhoram-me as expressões obsequiosas, com que v. ex.ª engrandece os meus pobres escriptos; mas não as admiro. Assim como através d'uma lente de grande força os objectos tomam proporções que não têm; assim uma intelligencia elevada nunca vê as coisas como ellas são realmente. É a explicação natural do merecimento que v. ex.ª encontrou nos meus escriptos. Quem é grande vê grandezas em tudo, porque a ideia do somenem a concebe. E d'aqui vem as grandes decepções e os grandes desgostos, que são o patrimonio das intelligencias privilegiadas.

O que é deveras lisongeiro para o meu amor proprio, e mais ainda consolador para o meu coração, é o facto, não os ditos. Se, como diz Fr. Luiz de Sousa, da pederneira só tira grandes faiscas o fuzil de aço fino, tenho muito de que me gloriar por haver sido eu que de tamanha intelligencia haja feito brilhar a primeira centelha.

Dizer eu isto por arrôjo e immodestia me será tomado; mas nunca sube sacrificar a verdade a virtudes de convenção. Tanto mais que a gloria, que de tal facto recebo, de v. ex.ª vem toda, de mim nenhuma; e não reputo immodestia confessar uma graça.

Um facto semelhante dado com uma mulher vulgar não passaria de me lisongear; com v. ex.ª, que em tão curto espaço soube revelar tão comprido entendimento, exaltou-me e commoveu-me.

Muito bem sei que a modestia faz redobrar o merecimento; mas sinto agora que a de v. ex.ª me roubasse com o prazer de conhecer o seu nome a esperanza d'um dia a conhecer pessoalmente e admirar de perto o subido engenho de que v. ex.ª deo mostras. Apesar d'isso, porém, ser-me-ha de futuro grande satisfação para as festas intimas da

minha consciencia o ter servido de pedestal á gloria de v. ex.^a

Que desde já lh'a antevejo, minha senhora caminhando afoita na senda a que abriu tão magestosa entrada. Não lh'a gabo de mimosa, que espinhos e agruras não lhe faltam; mas não lhe falte o animo, e v. ex.^a verá esses espinhos demudados em rosas de aproveitamento. Ávante, minha senhora, que cada passo que se dá na cultura do espirito é um golpe de morte no imperio das ruins paixões! Uma mulher tambem, e mulher de larga experiencia e muito saber, já disse, ha cincoenta annos, que os gosos do espirito eram asados para abonancar tempestades do coração. Devia sabel-o a baroneza de Staël.

Se os que governam o mundo pensassem bem n'essa verdade, não teria eu logar de dizer o que disse, de que agora, menos do que nunca, me arrependo, visto que deu em resultado o bello artigo de v. ex.^a, que sobejamente veio provar-me uma excepção honrosa á minha proposição. E acredito que haverá algumas outras. Mas nem porisso fica menos verdadeira, e Deus sube com que magua o digo. Os meus epigrammas são sempre pezares do coração, e nunca agudezas de espirito. Se são amargos, é porque assim os sinto tambem. Expressim a verdade, e a verdade nem sempre é doce.

Creio que v. ex.^a assim o entendeu, porque sabe elevar-se acima de preconceitos, e ver as coisas em toda a sua altura. Pelo que, em vez de censurar-me, como fariam outras que mais não entendessem, me tomou á conta de amigo seu, e do seu amavel sexo, que eu, longe de deprimir, quizera remontar onde lhe compete. Os espiritos de hoje vão de tal modo embotados com o materialismo, que é mistér linguagem aspera, aguda, incisiva para lhes fazer impressão. E a justificação do epigramma, cujos intentos são ordinariamente bons.

Concluo com um pedido, que reputo o melhor agradecimento ao favor que mereci a v. ex.^a. É a sua protecção decidida para os PRELUDIOS-LITTERARIOS, continuando a honral-os com tão valiosas producções, de que elles muito precisam para levar ao fim a missão caridosa, que lhes está incumbida.

J. SIMÕES FERREIRA

Estavamos para escrever duas palavras ácerca do merecimento oratorio, que attribuiamos a nosso amigo e collega o sr. J. Alves Matheus, de que com tanto elogio se tem falado n'estes ultimos dias, quando o sensato auctor do seguinte artigo, com sua judiciosissima apreciação, nos veio desviar de nosso proposito.

Pensando do mesmo modo que o illustre articulista, nem poderíamos ser mais severos com o sr. Alves Matheus, nem a velha amisade, que nos prende, nos aconselharia a ser mais indulgentes.

A critica assim esclarece e anima; não desconsola, não mata.

V. DA SILVEIRA

JUSTIÇA AO MERITO

O sr. Alves Matheus, como orador sagrado, acaba de dar-nos mais uma prova do elevado conceito, que formámos d'este talentoso mancebo desde que tivemos o gosto de o tratar.

A cerimonia da semana sancta em Condeixa, celebrada com a devoção, decencia e pompa devidas aos altos mysterios da redempção, deveu grande parte do seu brilho ao joven-orador, que desempenhou condignamente os dois sermões do *Mandato* e da *Soledade*.

A sublime lição de moral, dada por Jesus Christo aos homens no cenaculo, foi bem comprehendida e assás desinvolvida pelo sr. Alves Matheus.

Não exordio do seu discurso esboçou o distincto orador em traços eloquentes a historia moral do antigo mundo até á vinda do Messias. Principiando do dia em que a espada do Anjo do Senhor expulsou o primeiro homem do Eden terreal, fez sentir ao auditorio que a primeira paixão, que se apoderou do coração humano, foi o orgulho, a ambição, o maior de todos os vicios, que, acompanhando por espaço de mais de quarenta seculos a vida da humanidade e tomando novas forças nas leis e costumes dos povos, chego com as outras causas da corrupção ás mais hediondas proporções: é então que o Redemptor dos homens, inspirado da sabedoria divina do seu eterno Pae, combate sem armas, conquista sem exercitos o campo, que o vicio e o crime tinham usurpado. Aqui, o sr. Alves Matheus, foi habil pintor, historiador severo e orador eloquente; a Biblia e a Historia foram os dois moveis da sua intelligencia; a critica e o gosto não lhe faltaram na apreciação dos factos: agradou-nos sempre, mas então mais do que nunca.

Não nos esquecerá tambem um dos seus rasgos de verdadeira eloquencia, quando, em fórma pororativa, tratou de definir o orgulho: quiz mostrar-nos o asqueroso da chaga para depois nos fazer comprehender e admirar a qualidade do balsamo, com que Jesus Christo a curára; fel-o, e soube fazel-o com mão de mestre.

Descrevendo em traços sôbre tudo naturaes a scena passada no cenaculo entre Christo e os Apostolos, mais moralisadora, mais efficaz, mais sublime do que os mil inuteis systemas da vaidosa philosophia, tomou então occasião para exhortar o auditorio a seguir o exemplo de Jesus Christo. A peroração, em nada inferior ás outras partes do discurso, se não produziu o effeito, que o orador de certo esperava, foi porque o auditorio como que já não podia por mais tempo com o estado pathetico, a que por vezes o tinha sabido elevar; se não arrancou lagrimas foi porque as seccou primeiro no coração dos ouvintes, ou porque as esgotou antes de tempo.

Aconselhámos o sr. Alves Matheus a ser mais

breve nos seus discursos, a derramar com menos profusão as flores oratorias e a identificar-se um pouco mais com a gravidade do acionado, que demanda a tribuna sagrada; purgado d'estes defeitos, se realmente os tem, como nos pareceu, podemos asseverar que o sr. Alves Matheus em breve rivalisará com os primeiros oradores do paiz: deve desculpar-se o orador joven, talentoso, que estudou muito, leu muito, e agora levado pelo entusiasmo quer dizer tudo o que sabe, sem medir o vôo, como a aguia, perdendo umas vezes de vista o ponto d'onde partiu, e indo outras atraz da consonancia harmoniosa das palavras; mas sem dúvida tem bellezas muito alem do que podemos dizer em elogio seu.

O sermão da *Soledade* não foi tão substancioso como o do *Mandato*; n'aquelle predominou mais o sentimento que a intelligencia; n'este mais a intelligencia que o sentimento.

O sr. Alves Matheus carregou talvez um pouco os traços na pintura, que fez, do amor de mãe, que se é tanto no coração d'algumas, não o é, nem pôde ser, no coração de todas; porque a cultura de sentimentos e a instrução, que faltam á maior parte, faz com que não possam, porque não sabem, elevar-se tanto no primeiro affecto do coração da mulher. No entanto cremos, porque até o experimentámos, que o amor de mãe é grande e capaz d'extremos.

Com a pintura do amor de mãe dispoz o sr. Alves Matheus o auditorio a comprehender, se é possível, o infinito do amor de Maria Santissima por seu Filho; e, se a dor, que a mãe sente na perda do filho, que muito amou, é grande, proporcional ao amor e fonte de lagrimas para toda a vida, qual seria a dôr de Maria Santissima, que amou como a primeira das mães o seu Filho, o Filho de Deus, e elle mesmo o proprio Deus?

Eis, se nos não enganamos, o plano que o sr. Alves Matheus seguiu no sermão da *Soledade*. A demonstração pareceu-nos logica e habilmente lançada; ora arrebatando o auditorio com a elevação do pensamento e vigor da phrase, ora despertando no coração dos ouvintes lagrimas de verdadeiro e profundo sentimento, teve por espaço quasi d'uma hora suspensos os animos do auditorio. Aqui as imagens foram talvez em mais abundancia ainda que no sermão do *Mandato*, sempre naturaes sim, mas algumas vezes repetidas. Outra vez nos parece dever aconselhar ao sr. Alves Matheus que seja mais comodido n'estas imagens, porque o espirito de quem ouve como que se embriaga no aroma de tanta flor.

Augurámos pois ao sr. Alves Matheus um futuro brilhante, e ao pulpito portuguez um distincto orador, porque esperámos que o fino tacto oratorio, que tão cedo mostra, e o tempo, que em tudo é grande mestre, o hão de purgar d'estes defeitos.

O QUE FAZEM ROMANCES

Continuado do numero 10, tomo II.

(Conclusão)

III

N'essa mesma noite, em quanto Gervasio corria a casa de sua irmã para com seu fraternal abraço lhe levar o implorado perdão, D. Maria fechava-se no quarto e escrevia uma infinidade de cartas, que successivamente rasgava, por não achar que pintassem bem o estado de sua alma e pureza de sua paixão.

Ora se perdia em dúvidas amargas sôbre a possibilidade da ventura na terra; e então pedia a esse cavalheiro, que a esquecesse, que a não quizesse illudir; ora lhe lembravam as historias de mil amores felizes; e sempre com a ideia do tal lord inglez, falava-lhe na felicidade, que gozariam, se o seu amor fôsse tão ardente como lh'o pintava na sua carta; dizia-lhe, que assim amaloha como outra Julieta; tentava descrever-lhe o que sentira mal o vira, e queria explicar aquelle encontro por um decreto occulto da Providencia, que fizera encontrar dois entes, que já se conheciam, que tinham sido creados um para o outro, que se buscavam talvez. Lembrava-se depois das figuras, que lhe apareciam nos seus sonhos d'amor e em todas achava uma similhança tocante com o homem, que lhe escrevera.

N'estas alternativas de se determinar por uma ou outra carta, ouviu gemer pausado e lento o bronze da igreja de S. Julião e contou 12 badaladas; n'essa hora, mysteriosa e solemne, pareceu-lhe, que uma voz lhe annunciava a felicidade futura e resolveu escrever apenas duas palavras com que o animasse na sua affeição. Escreveu pois simplesmente:

«Ama e espera.

Maria.»

Que importava o mais que poderia dizer, se os seus corações se deviam comprehender, se as suas almas se deviam adivinhar?

No outro dia pela manhã entregou a sua resposta a Josepha, e quando entrava com seu pae em uma sege para fazer a primeira visita a D. Jacintha, entrevia já o seu incognito adorador, que apertava convulsamente ao peito um papel e lhe sorria com um sorriso inimitavel de amor e felicidade.

D'ahi a pouco entrou em um bonito palacete, abraçou chorandó sua tia e beijou suas primas, tão formosas, tão perfeitas, tão seductoras como jámais imaginára, mas de certo bem menos felizes do que ella.

As relações aos 20 e 23 annos travam-se logo íntimas e grandiosas; passado um momento, D. Maria amava suas primas, Josephina e Adelaide, como duas irmãs e protestava já não as poder deixar mais.

As pazes do antigo magistrado com Jacintha

foram immediatamente feitas; os dotes das sobrinhas acceites, se bem que Gervasio não podia supportar o luxo, que respirava ainda aquella casa, mesmo quando os seus habitadores se julgavam ameaçados da pobreza e miseria; porque o monte pio de seu cunhado pouco distava d'isso. Não obstante ao contemplar, depois de vinte e tantos annos de ausencia, uma irmã, que amára loucamente na sua mocidade, Gervasio afogava no peito os seus sentimentos, que não podiam deixar de se pronunciar contra aquella systema de vida tão franca e livre, contra aquella existencia tão variada e entretida de reuniões, de visitas, de conhecimentos; no momento porém de se reconciliar com essa irmã, perdida para elle de ha tanto, sepultava no coração todos os seus pensamentos contrarios a tudo o que via; sacrificava os seus hábitos e chegou até, a rogos de sua filha, a deixar a casaca direita, o respeitavel calção, bota, e cabelleira de rabicho, por uma niza á moda, por uma calça preta e toda afiambrada, e, não me lembra bem, se até por uma bota de verniz.

Sua filha, essa não trócaria a sua existencia por a do monarcha, o mais feliz da terra, mesmo absoluto e poderoso. De dia, passeios agradaveis na companhia de suas primas; á noite, bailes e reuniões brilhantes, em que ella, honra lhe seja feita, entrava sempre com certo ar de segurança e conhecimento, o que para uma provinciana admirava a todos, que a conheciam; e alem de tudo isto, uma carta amorosa e terna todos os dias!...

Seu pae falava a miudo na quinta do Carvalhinho e anhelava por ella; mas se não acompanhava sua filha n'esses passeios e divertimentos, tambem não lh'os prohibia e deixava-a na companhia de suas primas e tia, que completamente se restabelecêra logo que obtivera a amizade de seu irmão e a segurança do futuro de suas filhas.

D. Maria não via, é verdade, mais que uma vez por dia o seu adorado amante; mas que importava isso?... Não recebia ella todos os dias as suas cartas repassadas de ternura e amor? não se protestavam cada dia mil venturas? não disputavam até dos seus futuros? Ella dissera-lhe por fim, que a viesse pedir a seu pae, para verem cumpridos os seus votos e assentarem sua felicidade.

Uma cousa porém a admirava; porque não apreciava o seu amante nos passeios, não frequentava os bailes, não se via nos espectáculos?...

—Ora... são genios, pensava ella; são genios... e depois não sabe elle que é amado?... contenta-se com essa felicidade e tem confiança no meu amor: breve virá o tempo, em que jámais nos apartaremos...

Tinham porém passado 20 dias depois da chegada a Lisboa dos nossos conhecidos e Gervasio começava a adoecer: aquellas continuadas contrafacções em tudo, o que contemplava, consumiam-lhe a saude.

Um dia via suas sobrinhas apertando a mão a

dois cavalheiros conhecidos de sua casa; outro encontrava um homem a pé, a quem todos cortejavam, e que a todos correspondia, e sabia que aquelle, oh! ultima degradação da realza!... era um rei... outro descobria um padre impudentemente fumando um charuto: outro finalmente deparava com um seu antigo collega e correligionario politico, que lhe dizia ser deputado ás côrtes!... O que via todos os dias, attestando-lhe d'um modo irrecusavel a perfeita degeneração da sociedade, revoltava-o, consumia-o, abrasava-o. Ao passo que encontrava todas essas contradicções aos seus sentimentos, a sua vida regular e descansada na quinta do Carvalhinho recordava-lhe cada vez mais viva e apeteçada, e as consequencias d'esse continuo sacrificio, a pár da ancia de voltar á sua existencia socegada e campestre, traduzia-se em um arruinar de saude, que lhe fazia desapparecer a côr das faces e afugentava-lhe até o apetite.

Ao vigesimo primeiro dia da sua chegada a Lisboa, Gervasio saiu logo pela manhã com sua filha e, entrando em casa de sua irmã, a primeira cousa que disse, foi:

—Ora minha irmã, sabes o que vimos fazer? são as nossas despedidas; amanhã...

—Amanhã!... exclamaram quatro vozes ao mesmo tempo com intonação de dôr e admiração; pois amanhã já?...

—Piedade, meu pae, continuou D. Maria com voz afogada em lagrimas.

—Oh! tio, seguiram-se as sobrinhas, pois quer levar-nos a Mariquinhas?...

—Gervasio, meu irmão, já estás enfadado de nós?

—E v.^{as} m.^{es} todas, não vêem, que me mato aqui? não vêem que não nasci para esta epocha? antigamente... mas hoje...

—Mas olha, meu irmão, porque não deixas cá tua filha conosco mais algum tempo?

—É verdade, é verdade, meu tiosinho.

—É verdade, meu pae, exclamou D. Maria, caíndo-lhe aos pés e regando-lhe as mãos de lagrimas; ao menos mais quinze dias...

—Pois tu queres desamparar teu pae?

—Não... mas... eu...

—Pois seja feita a vossa vontade; ficará a menina mais quinze dias e eu ficarei tambem; vá lá... mas findos elles partiremos irrevogavelmente...

—Oh! pois sim, pois sim... exclamou a pobre, louca de contentamento; e seguiu-se uma scena tocante de mil beijos, apertados abraços e mal comprimidos chóros.

Nesse momento annunciou um criado:

—O sr. João Luiz...

—Ah! respondeu Josephina; que entre para o gabinete, que eu vou já.

E voltando-se para a irmã e D. Maria.

—É o nosso sapateiro...

—Vae indo, vae indo, que nós lá vamos... Josephina saiu e entrou para um pequeno gabi-

nete onde a esperava o sr. João Luiz; no entanto Adelaide e sua prima seguiram-na também e antes de entrarem no gabinete:

— Olha que o nosso sapateiro é o mais janota de Lisboa e trabalha perfeitamente, disse Adelaide; tu deves também tomar medida d'umas botinhas.

— Tomarei... e entraram ambas.

Um homem ajoelhava no meio da alcatifa da sala com as costas para a porta; Josephina assentava sobre uma almofada bordada um lindo pé, calçado com uma nivea meia, enquanto esse homem com todo o cuidado lhe tomava medida a elle, assentando os numeros em uma carteira de coiro da Russia, e desenhando em uma folha de papel as fórmulas d'aquelle perfeito pézinho.

— Então v. m.^{ce}, sr. mestre João, parece que se tinha esquecido de nós; estávamos já precisadíssimas...

— Perdão, minha senhora; peço perdão a v. ex.^a, mas tive de ir a Setubal e depois a Santarem por causa d'uns bezerros, que me constava haver lá para vender; não para calçado de senhora, que para isso bezerro, só o francez, mas...

— E veio á muito?

— Faz hoje 21 dias, creio eu.

— E só hoje é que pode cá vir!...

— Perdão, minha senhora... faz favor de carregar no seu pé... isso... assim... V. ex.^a ha de desculpar-me; tenho tido graves afazeres: primeiro que tudo, alem de não ter podido fazer negocio, as minhas suspeitas do caminho verificaram-se; encontrei tudo em um desarranjo inerivel... A sr.^a D. Adelaide quer também tomar agora medida? continuou elle ainda de joelhos, em quanto Adelaide se aproximava, e sua prima continuava, alheia á conversa, revendo um album de gravuras, que estava sobre uma mesa.

— Aqui estou, sr. João Luiz, aqui estou: mas depois?

— Depois, minhas senhoras...

— Sim depois, continuou Josephina, então depois que lhe aconteceu para cá não poder vir?

— É que no caminho de ferro tive um encontro...

— Um encontro?...

D. Maria principiou a ouvir a conversa, mas ainda preocupada e indifferente.

— É verdade minhas senhoras, mas v. ex.^{as} hão de desculpar...

— Temos alguma intriga de amores, am? isso deve ser muito curioso... interrompeu Josephina rindo.

— Perdão, minha senhora, mas não é intriga de amores, é uma coisa muito séria; é um casamento, que tenho a honra de annunciar a v. ex.^{as}...

— Bravo, sr. João Luiz, os nossos parabens.

— Agradeço muito a v. ex.^{as}... tenho já a authorisação da menina para pedir a sua mão ao pae, e estou convencido, que a obterei... Esta medida está prompta sr.^a D. Adelaide...

— Espere, ó sr. João Luiz, está allí também minha prima... Ó Mariquinhas, vens tomar também medida?... olha que hão de ser côr de castanha...

— Pois sim, lá vou... e D. Maria levantou-se.

João Luiz encostando a mão esquerda na casa, voltou-se sempre de joelhos para traz para ver quem era essa nova fregueza: n'esse momento mostrou-se em cheio a D. Maria; mas logo as côres fugiram-lhe das faces, e corrido, envergonhado levantou-se e deixou cair a cabeça para o chão confuso e inerte.

D. Maria ao vê-o deu um grito, agonizante e afflicto, e caiu redondamente sem sentidos.

Acabava de conhecer no sr. João Luiz o seu desconhecido dos caminhos de ferro, o seu futuro esposo, como elle se julgava, a sombra querida dos seus sonhos d'amor, como ella lhe chamava!...

Suas primas correram para ella tomaram-na nos braços e mestre João Luiz, aproveitando esta occasião, lançou mão do chapéu e saiu apressado deixando medidas, lenço de seda amarello e até a bengalinha.

D. Maria levada em braços para um leito continuava desfallecida; os socorros de suas primas, os cuidados do pae, os carinhos da tia, tudo era inutil; completamente branca e desanimada, os braços caíam-lhe, mortos e sem força, e não dava o menor signal de vida.

— Mas como foi isto?... perguntou o pae afflicto e desolado.

— Não sabemos: ia para tomar medida d'umas botinhas e de repente caiu desmaiada...

— Maria! minha filha... sou teu pae, não me ouves?!... continuou elle beijando-lhe as mãos.

Em breve mil perfumes lhe foram dados a aspirar, mil saes diversos se empregaram e Maria foi pouco e pouco voltando a si. Mal pôde abrir os olhos, passou a mão pela testa banhada de suor frio, e de repente, como acordando d'um sonho horrivel, ergueu-se, olhou esgaseada em volta de si e gritou:...

— Meu pae... já, já... por piedade, partâmos...

— Que dizes, menina, pois não estás aqui bem?

— Não, não, immediatamente para a nossa quinta do Carvalhinho...

— Para a quinta do Carvalhinho! perguntaram todos abismados e surprehendidos.

— Sim, para lá... e para sempre...

— Mas ainda agora querias ficar...

— Ainda agora... ignorava o que fazem romances... E depois, meu pae tem razão... estes ares fazem-me tão mal...

D'ahi a duas horas saía de Lisboa no comboio da tarde para o Carregado o sr. Gervasio Carneiro e sua filha, que, logo ao chegar á quinta do Carvalhinho, queimou todos os seus romances e encheu a estante de Manuaes da *Bonne Cuisinière*, *Bonne Menagère*, e outros livros, que taes, de cuja substituição se o coração não lucrou, parece porém que a saude e o physico tem tirado grandes vantagens.

APONTAMENTOS HISTORICOS

III

As armas do Sr. D. Affonso Henriques,
e a jornada de Africa.

E partes... levás a espada,
Levas o escudo real,
Essa espada tão fallada,
Por mouros tão receada,
De D. Affonso immortal!
Se a deixas envergonhada
Ai de til de Portugal!

J. DE LEMOS, (O Cancioneiro.)

Aos 13 dias do mez de Outubro de 1570 veio a Coimbra o Senhor D. Sebastião: os padres de Sancta Cruz, que estavam no costume de hospedar as pessoas reaes, mandaram-lhe offerceer o mosteiro, que não aceitou, e se dirigiu ao Paço Episcopal: ahi foi mui bem agasalhado pelo Bispo que então regia a igreja de Coimbra, D. Fr. João Soares.

Dias depois El-Rei mostrou desejos de visitar o mosteiro de Sancta Cruz, mas como particular: acompanhado d'alguns fidalgos seguiu caminho do mosteiro, e, por duas vezes que alli foi, não se lhe abriram as portas (a).

Vendo Martim Gonçalves da Camara, que aforrado não podia entrar o monarcha em Sancta Cruz, porque os padres lhe não abriam as portas, resolveu que pública fôsse a sua entrada; que D. Nicolau de Santa Maria, relata do seguinte modo:

« Avisou o Cardeal Infante D. Henrique ao Prior geral, que logo mandou armar e preparar a Igreja; e revestido em Pontifical, acompanhado do Convento de seus Conegos, foi receber a El-Rey á porta da mesma Igreja, aonde estava o primeiro estrado, em que Sua Magestade posto de joelhos beijou a Reliquia do S. Lenho, que o dito Prior tinha nas mãos. E logo o Cantor mór levantou o cantico do *Benedictus*, que o Convento foi cantando a côros com grande suavidade em canto de órgão, e assim foi levado El-Rey em procissão até á Capella mór, aonde o P. Prior geral disse pera sua Magestade as Orações costumadas, com que se deu fim ao solemne recebimento.

« Quiz logo El-Rey ir vêr o Mosteiro, e começou pelas Sepulturas dos primeiros Reys d'este Reyno (b), e com o chapeo na mão tomou o hysope da mão do Prior geral, e lhe lançou agoa benta; e mostrando-lhe o mesmo Prior geral a espada do glorioso Rey D. Affonso Henriques a

(a) Havendo falta d'aguas na cidade, o senhor D. Sebastião, por conselho do seu valido Martim Gonçalves da Camara, mandou tomar as fontes ao mosteiro de Sancta Cruz; e pelo conselho do mesmo valido se não agasalhou El-Rei ao mosteiro, de que resultou os padres não lhe abrirem as portas, como particular.

D. Nicolau de S. Maria, part. 2.º liv. x, pag. 353.

(b) As sepulturas dos primeiros reis eram no Claustro reedificada a Igreja, o senhor D. Manuel mandou fazer duas sumptuosas sepulturas no meio da capella mór, ficando da parte do Evangelho D. Affonso Henriques, e da parte da Epistola D. Sancho I. Foram trasladados no dia 25 de Outubro de 1515, por ser este o dia em que o primeiro rei tomou Lisboa aos mouros, em 1147. Assistiu o senhor D. Manuel e toda a corte.

Goes, Chron. de D. Man., part. 1, cap. 64. D. Nicolau de S. Maria, liv. xi, pag. 276.

« tomou na mão, e a beijou com muita reverencia, « dizendo pera os Senhores e Fidalgos que o acompanhavam: *Bom tempo, em que se pelejava com espadas tão curtas! Esta he a espada que libertou Portugal do cruel jugo dos mouros sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração; e dando-a outravez ao Prior geral* « lhe disse: *Guardai Padre esta espada, porque ainda me hei de valer d'ella contra os mouros de Africa (a).*»

D. Duarte de Menezes, capitão de Tangere, faz-se de vela com cinco navios; e ao romper da alva do anno de 1577, bate ás portas de Arzila; o alcaide Abdelcherim, filho de Bentuda, lhe abre as portas sem resistencia doze annos depois da sua completa derrota pelo antigo governador de Tangere, Lourenço Pires de Tavora (b). Este feliz acontecimento e o conselho dos lisongeiros fizeram com que o Senhor D. Sebastião emprehendesse jornada tão arriscada.

Não descansavam os máus conselheiros; elles procuravam todo o meio para poderem legitimar a sua lisonja, como vamos provar.

Começou de apparecer um grande cometa, que fez a sua derrota em tres mezes, e que, segundo dizem os historiadores, *tinha de comprimento quasi tres lanças, e de largo um covado: credulo sempre o povo por uma tal apparição, horrorisou-se; por que via n'este signal do céu novas calamidades para a nação portugueza; todavia, os que procuravam agradar a El-Rei, diziam-lhe — Senhor nada vos dê cuidado, porque cometa quer dizer, que Vossa Alteza cometa os mouros que os ha de vencer.*

Taes eram as palavras que obrigaram o joven monarcha a caminhar para Africa, e a não escutar o vencedor de Diu, D. João Mascarenhas, que, levantado no seu escabello, n'essa ultima reunião do conselho, em Cintra, bem alto lhe dizia — *Senhor, o dever de leal vassallo me impõe a obrigação de repetir o que tantas vezes hei dicto para salvação do reino: Vós ides perder-vos, senhor (c).*

Lembrado pois o Senhor D. Sebastião do que tinha dito em Coimbra, oito annos antes, escreveu ao P. Prior geral, D. Pedro da Assumpção, uma carta em que lhe pedia a espada e escudo do sancto rei D. Affonso Henriques; porque convencido estava, que com taes armas Deus lhe havia de dar victoria dos seus inimigos: a carta é como se segue:

«— Padre Geral E Convento do mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, Eu El-Rey Vos envio muito saudar, Eu me tenho Publicado em aver

(a) A espada de D. Affonso Henriques era larga e curta, de cinco palmos: o escudo, de pau de figueira, forrado de couro de boi cru oleado, e pintado, tendo de comprimento cinco palmos e meio, e de largo, no mais largo, tres palmos. O campo era pintado de branco, e no meio uma cruz azul, pontentéa.

D. Nicolau de S. M.º Chron. Agost. liv. xi, cap. 32: — Brand. Mon. Lusit. liv. x, cap. 7. — Faria, Epit. 3.º cap. 1. Sr. Gusmão, Inst. de Coimbra vol. v. pag. 174.

(b) Fr. Manuel dos Sanctos, na sua historia sebastica, diz « que as memorias não declaram o dia em que se effectou a entrega d'esta praça: » cap. xxvi, pag. 337: — Veja-se o nosso artigo nos Prel.-Lit. N.º 4, d'este vol.

(c) D. João de Castro, Disc. da vida de D. Sebastião.

« de fazer por my cõ a aJuda de nosso Senhor hũa
 « empresa em Africa por muytas E muy grandes
 « Razões, muy Importantes ao bem de meus Rey-
 « nos, E de toda espanha de que tambem Resulta
 « beneficio á xpãdadi o q̄ me pareceo escrever-
 « vos assy pera encomendardes a nosso Senhor o
 « bom successo desta empresa, que por seu serviço
 « faço, como pera Vos dizer que desejo Levar nella
 « a Espada E Escudo daquelle grande E Valleroso
 « Primeiro Rey deste Reyno, Dom Afonso Anrri-
 « ques, cuJa sepultura esta nesse mosteiro porque
 « espero em nosso senhor que cõ Estas Armas me
 « dê as vitoryas que ElRey Dom Afonso cõ Ellas
 « teve: Pello que Vos encomendo muyto que lo-
 « guo mas mandeys; por dous Relligiosos desse
 « Convento q̄ pera Isso Ellegereis. E como eu em-
 « bora tornar as tornarey a Enviar a Esse moste-
 « teyro, pera as terdes na Veneração E guarda
 « que hé devido a cuJas forão, E por tudo. E por
 « aqui entendereis que as não quero senão Em-
 « prestadas pera o effecto a que Vou, E de quam
 « grande Contentamento isto he pera my. Scripta
 « em Lxboa A 14 de Março de 1578 Rey (a).»

Aos 24 de Março foi lida esta carta em capi-
 tulo; e assentaram que tudo se fizesse como El-
 Rei pedia. « O P. Prior, diz o Chronista, man-
 « dou logo limpar a espada do glorioso Rei D.
 « Afonso Henriques, e fazer-lhe hũa bainha de ve-
 « ludo, com sua ponteira de prata dourada, e hũa
 « caixa preta em que fosse metida com sua chave e
 « fechadura dourada, e outra caixa preta em que
 « fosse o escudo do mesmo santo Rey, pera irem
 « estas armas com mais resguardo, e veneração, e
 « as mandou pello Vigario do mesmo Mosteiro de
 « S. Cruz, D. Jeronimo, Varão de grande autori-
 « dade, e de boa presença, que as entregou a El-
 « Rei (b).»

24 de Junho de 1578 é o dia destinado para
 a jornada de Africa; a margem do Tejo offerecia
 um brilhante quadro: alli se viam os velhos guer-
 reiros do Oriente, debaixo do commando do alfe-
 res-mór do reino, D. Luiz de Menezes: a flor da
 nobreza, tão esperançosa, debaixo do commando
 de Alvaro Pires de Tavora: gente recrutada, di-
 rigida pelos coroneis D. Miguel de Noronha, Dio-
 go Lopes de Sequeira, Francisco de Tavora e
 Vasco de Sequeira: italianos governados pelo mar-
 quez Thomaz Steruvile: tudescos, pelo coronel
 Martim de Borgonha; e castelhanos, por D. Alonso
 de Aguilar. Dezesete mil homens aguardam o
 signal para a partida.

« Lá vae... lá solta no vento as brancas vellas

« A portugueza frota; o Tejo ahi fica

« Viuvo para sempre!...

Para sempre!... que quarenta e um dias de-

(a) O Secretario Geral, A. J. V. Sancta Rita, pôde por
 seu zelo e diligencia obter e restituir ao archivo dos conventos
 esta carta, que se tinha extraviado; e mandou depois tinar
 d'ella e lithographar um perfeito fac-simili para remetter o
 seu original á Torre do Tombo. Antiq. Conimbr. N.º 1, pag. 3.

(b) D. Nicol. de S. Maria, Chron. Agost. part. II, liv. X,
 pag. 113.

pois, 4 de Agosto de 1578, as margens do Lu-
 cus sepultavam em seu seio a corõa e a antiga
 gloria portugueza!... (a) aquella corõa,

« Tão pejada de louros! Lá resvala,
 « Da fronte do mancebo, que não sabe,
 « Que não pôde sustel-a!... Era o diadema
 « Por Afonso ganhado, em mal de mouros
 « Na campina de Ourique! Inda era o mesmo
 « Do primeiro João, em mal de Hespanha
 « Era o mesmo de quem tremia o mundo
 « E o fero Adamastor vinha rojar-se
 « Diante d'elle outr'ora, á voz do Gama!
 « Ficou lá enterrado!... O Rei!... Quem sabe?... (b)

Esquecidas ficaram na armada as duas caixas
 com a espada e escudo do sancto rei D. Afonso
 Henriques, pedidas com tanto enthusiasmo pelo
 joven monarcha aos padres de Santa Cruz: *não
 permittiu Deus*, diz o Chronista, *que armas sem-
 pre vencedoras, fossem vencidas dos mouros*; e na
 mesma armada voltaram a Lisboa. O cardeal D.
 Henrique recebeu as duas caixas, e mandou que
 fossem entregues em S. Vicente de Fóra. Estava
 n'este mosteiro o padre D. Francisco das Neves,
 conego de Santa Cruz; a este virtuoso padre fô-
 ram entregues as caixas com as armas, para se-
 rem depositadas em Santa Cruz (c).

Mas que festas são estas em Santarém!... Que
 alegria e contentamento em todo o seu povo!...
 Porque, a tão negro e pesado luto, succedeu tam-
 manha gala!?... É porque dentro dos seus muros
 está aquella vencedora espada, que, ha 559 annos,
 brilhára pela primeira vez no alto das suas mu-
 ralhas (d).

Sabedor o prior da nobre villa de Santarem, que
 tinha chegado D. Francisco das Neves, e que este
 virtuoso varão era portador de tão rico thesouro,
 como a espada e escudo do valeroso D. Afonso
 Henriques, fez juntar no templo nobres e plebeus,
 subiu ao pulpito, e mostrando a todos aquellas vi-
 ctoriosas armas, que tinham sido o terror dos mou-
 ros, exclamou: «*Eis aqui nobres moradores de San-*

(a) Hieronimo de Mendonça, Jorn. d'África.

(b) Ainda nos não podemos convencer que o senhor D.
 Sebastião ficasse em Africa; se não mercesse todo o crédito o
 testemunho do insigne D. João de Castro, que nos seus *Dis-
 cursos da vida de D. Sebastião*, cap. 24, páginas 126, diz:—
*testimunho e certifico ser o verdadeiro Rei D. Sebastião nosso
 Senhor; assim como Deus he Deus*—(falava do prezo, que com-
 pareceu perante o Duque de Medyna-Sydonia, e que alguns
 segredos de gabinete lhe revelou, passados entre D. Sebastião
 e elle Duque,) tinhamos o testimonho d'um distincto litterato,
 que tendo examinado tudo quanto se escreveu sobre tal obje-
 cto, remata os seus bens elaborados artigos do seguinte modo:
 — *Acreditamos que D. Sebastião, rei de Portugal, não morreu
 no dia 4 de Agosto de 1578 nos campos de Alcacer-kibir: erê-
 mos tambem que foi elle o homem que mendigou pela Italia,
 que soffreu dois annos de rigorosa prisão em Veneza, que foi
 expulso do seu territorio pela senhoria, vendido em Florença
 por um Judas portuguez (Fr. Chrysostomo da Visitação, monge
 de Cister), arrastado ignominiosamente pelas ruas de Napoles,
 amarrado ás bancadas dos remadores nas galés da Sicilia, en-
 cerrado cautelosamente no castello de S. Lucar, conduzido de-
 pois ao interior de Castella, e... morto não sabemos como.* Rev.
 Univ. Lisb. tom. III e IV.

(c) Faria e Sousa, Epit. pag. 293.

(d) Santarém foi tomada por D. Afonso Henriques aos 7
 de Maio de 1147. D. Mendo Moniz foi o primeiro que subiu
 á muralha; e a este cavalleiro se deve toda a gloria d'este dia.
 Leão, Chron. de D. Aff. Henr. pag. 110.

tarem a espada e escudo com que esta nossa terra foi livre dos mouros, pelo glorioso e invicto Rei D. Affonso Henriques; alegrae-vos todos com as vér e venerar, e de novo dêmos graças a Deus por tão grande beneficio.»

Desceu do pulpito o virtuoso pastor e deu a beijar a todo o povo a vencedora espada (a), que ficou depositada no templo durante aquelle dia. Voltou a Coimbra, e no Sanctuario de Sancta Cruz se conservou até 1834, em que passou, com a extinção das Ordens religiosas, para o museu do Porto, onde se acha.

É fóra de toda a dúvida que as armas de D. Affonso Henriques não voltaram de Africa; nem é crível que esquecessem ao Senhor D. Sebastião, na armada, as armas em que elle depositava tanta confiança. Acreditámos que as caixas foram entregues ao bom do Cardeal, e que este, sem as abrir, as mandou para S. Vicente de Fóra, e foi alli que foram forjadas as que passaram a Santarem e de pois a Coimbra.

O illustrado redactor do Antiquario Conimbricense, mui habil investigador do que é antigo, examinando o livro dos assentos e resoluções do convento de Sancta Cruz, *actas dos capitulos do anno de 1574 a 1601*, apenas encontrou o capitulo de 24 de Março de 1578, em que se leu a carta em que se pediam as armas, e a sahida d'estas para Lisboa; todavia a acta da sua entrada no convento não existe em todo o livro: e não é crível que este historico acontecimento passasse desapercibido. Temos todos os dados para acreditar, com o illustre redactor, que as verdadeiras armas não voltaram. Só no museu do Porto se acha a espada; porque o escudo ha muito que não existia no mosteiro de Sancta Cruz, ignorando-se como e quando desapareceu: sem dúvida, como elle costumava cair da escapula na morte dos nossos reis, como diz o chronista, ficou esquecido lá por algum canto como envergonhado de occupar o logar, que de direito pertencia ao verdadeiro escudo.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE

O JOGADOR

CONTO POPULAR

I

—«Senhora mãe, vou-me embora
Pelo mundo a viajar;
De meu pae a rica herança
Agora me mande dar.

Minha mãe, eu não sei quando
Para casa hei de voltar;
Venha-me dar um abraço,
E sua benção deitar.»—

(a) D. Nicol. de S. Maria, liv. x, pag. 361.

—Mal haja, meu filho, a hora,
Em que me queres deixar!
Tanto bem te quero, tanto,
Que morrerei de chorar...

Porém, já que tu não queres
N'esta casa mais ficar,
De teu pae a rica herança
Em dinheiro te vou dar.

Deus te abençõe, meu filho!
Elle te queira guiar!
E permita que tu possas
Tua mãe viva encontrar.

Uma vez, e outra e outra,
Inda te quero abraçar;
Não sei se mais ao meu peito
Te poderei apertar...—

II

E o mancebo foi-se longe
Pelo mundo a viajar;
Andou por lá muito tempo,
Sem da mãe se recordar.

Uma noite muito escura
N'uma casa foi entrar;
Sósinho um homem vê n'ella,
Convida-o para jogar.

Era o homem pardo e feio,
De olhos negros a brilhar;
O mancebo se o fitava
Sentia-se arripiar.

Os dados saltam na mesa,
O homem sempre a ganhar;
E o mancebo perdeu tudo,
Não tinha mais que jogar.

E o homem negro e feio
Por dentro estava a folgar,
De infernal contentamento
Negros olhos a brilhar!...

(Continúa)

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria central do Sr. Melquiades & C., rua do Ouro; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pêso da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL.—V. da Silveira

DO CELIBATO ECCLESIASTICO

Continuado do n.º 8, tomo II.

O amor da familia será pois sempre o enlace magico, que faça sentir ao espirito, dominado pela materia, toda a extensão do amor divino;—será elle... e só elle, quem, como brando reflexo do céu, ensinará ao ministro d'uma religião toda de amor e conforto o suave balsamo, que tem de verter sôbre o peito, que o soffrimento alquebrou!...

Pedi a qualquer que vos afine um instrumento, que mão inexperiente desafinou!—debalde o tentará fazer quem não tiver noções de harmonia, quem não souber as cordas, cuja vibração presica regular, para que os sons sejam accordes!...

Tal será tambem aquelle que tentar offerecer consolações a um peito, cujas fibras são desafinadas pelo soffrimento, senão conhecer que affectos tem a mover, para de novo levar a harmonia ao coração que pulsa desentoad nas vibrações desaccordes d'um intimo soffrer!...

O celibato é pois um sacrificio que a natureza condemna, que o Genesis reprova, que a philosophia não pôde sustentar!

Se o homem, que votasse á divindade em solemne juramento o arrancar a propria vida, seria tido por um demente, e como pôde a divindade comprar-se d'um voto, que, senão é o da vida propria, é mais do que isso... é o da vida d'uma geração inteira, ou pelo menos o da mais nobre parte da vida individual?... Se os penitentes do Indostão, cujos votos se limitam ao sacrificio d'um braço ou d'uma perna, são considerados como loucos, como pôde a boa philosophia olhar impassivel este holocausto dos mais nobres órgãos da vida animal?...

O sacrificio é grande!... será talvez sublime!... mas é superior á natureza!... E quando a força de vontade vence as propensões da carne, e quem nos diz que uma reacção do cerebro não viesse tornar inutil!? Exemplos bem deploraveis nos provam, que com a esteril consagração da flor da vida animal podemos levar tambem em offrenda á Divindade a da vida intellectual!... E aprazer-se-ha Ella acaso de ver o homem perder esse raio de luz celeste, que Ella mesmo lhe deu? essa intelligencia que o eleva acima de todos os entes crea-

dos—só porque, votando-lhe a mais nobre das suas faculdades phisicas, prometteu um impossivel, contra o qual o organismo se revoltou, e de cuja perturbação veiu em resultado a perturbação dos órgãos, pelos quaes o intellecto se acha ligado á materia e, em consequencia, a loucura?... Não! mil vezes não!...

Uma religião, toda de poesia e amor, quer que as almas se apascentem de amor e de poesia! quer que os sacerdotes comprehendam todas as doçuras da vida, mas da vida pura e exemplar em relação á natureza e em relação ao céu!... E a mulher, esse anel da cadeia magica, que liga o céu á terra, que eleva a creatura ao Creator, a mulher deve ser quem derrame no coração do sacerdote todas as torrentes, todos os effluvios de consolação, que este vá levar ás almas atribuladas dos seus filhos espirituaes!... A mulher... a metade mais bella da criação, collocada por Deus na terra para adocar o character rude e intratavel do homem, para o consolar nas horas de soffrimento, ensinando-lhe palavras de conforto e resignação... a mulher não deve... não pôde ser considerada pelo ministro do Deus das misericordias como um ente desprezivel e vil, que se deve lastimar, ou como um meio de saciar nefandos prazeres, que é mysterio evitar!...

Não!... seja a mulher a companheira dos soffrimentos e afflições n'este perigrinar da vida! seja-o do sacerdote, que mais precisa quem o ajude a levar o pesado fardo da sua missão!... Sejam os filhos os laços, que ao ministro de Deus façam lembrar o seu rebanho!... e o sacerdote que comprehender estes affectos, saberá o que custa a perda d'um filho querido, e terá vozes de conforto para o coração d'um pae atribulado!... saberá todos os encantos do infantil vagido, e não olhará desapiedado o choro do innocente, que nem pae nem mãe conhece!... saberá emfim como se amam os filhos, como Deus nos ama a todos nós, e como elle deve amar todos os que Deus confiou ao seu paternal cuidado!...

E com isto lucraria a sociedade! porque o ministro do altar, prendido á terra pelas relações da familia, e prendido ao céu pelo reflexo d'estas, seria um exemplar de virtudes, emquanto que hoje o sacerdote desprendido do céu e da terra concentra só em si todas as effeições!

E se um dia acaso um affecto mundano se lhe

aninha dentro d'alma, se a natureza um dia vence a perseverança e talvez mesmo a boa vontade!... então ; infeliz d'elle!... Ligado ao céu por laços que não pôde quebrar, desligado da terra por juramentos que não pôde quebrar também, por uma inexplicavel reacção do espirito humano, maldiz os juramentos, detesta as ligações com o céu; e esse homem que podia ser bom para o mundo e para Deus, se um dia os enlaces terrenos tomam a superioridade, amaldiçoa esse Deus a que elle se ligou, porque lhe não deu força para resistir; amaldiçoa a natureza, porque lhe não poudo resistir, e o mundo amaldiçoa-o a elle, porque não foi bom para Deus nem para o mundo!...

D'este equuleo de torturas só se liberta o espirito na terra ou pelo suicidio ou pela loucura!...

N'uma sociedade porém corrompida e depravada não se chega jámais a taes extremos!... Quebram-se os juramentos, renega-se de Deus e, com a hypocrisia no rosto e o cynismo no coração, faz-se pacto com o mundo que recebe como bom clérigo e bom homem o que mente aos homens e a Deus!...

Eurico infelizmente não é uma chymera, nem Hermengarda um mytho!... O suicidio era o desenlace necessario d'aquelle drama terrivel, em que a loucura atacava o outro protagonista!... Fatal dilemma!...

Mas, graças á sociedade! achou-se a meia proporcional a taes extremos — a hypocrisia!... e o celibato da classe ecclesiastica hoje não passa d'um ponto de doutrina, porque o sacerdote, vencido pela natureza humana, vae buscar na mulher o cumprimento dos seus appetites sensuaes!... O que lhe falta pois?... Tudo quanto ha de nobre e elevado na reunião da mulher com o homem — o amor casto e virtuoso: a legitima affeição paternal, verdadeiro typo de todas as affeições divinas, que vê nos filhos partes do seu proprio ser, e não nos bastardos entes, que, perante a sociedade, yexam a incommodam!... e finalmente o caracter da verdade e moralidade, que uma religião toda moral e verdadeira impõe, como primeiro dever aos seus ministros, porque d'elles parte o exemplo a inocular-se no coração de todos os fiéis!

Taes são os resultados do celibato!... O sacrificio da especie!... o da saude muitas vezes!... o da intelligencia frequentemente, sem que d'ahi resulte gloria alguma á Divindade, nem o menor proveito á humanidade! Se acobertado pela hypocrisia não passa d'uma ficção, d'elle só resulta a perversão aos costumes e a mentira detestada por Deus e pelos homens!

A. M. DA GUNHA BELLEN

Sr. Redactor:—Vi com muito prazer, que me fez o favor de transcrever o meu artigo, o que sinceramente lhe agradeço por mais d'uma razão.

Confesso ingenuamente, que senti essa satisfação, que é natural a quem principia qualquer coisa, para que tem mais ou menos inclinação, yendo que não regeitaram a sua primeira ideia, e que, longe de cortar-lhe pela raiz a sua mais cara es-

perança, lh'a alimentam, e a animam a caminhar ávante. Se me não tivesse acontecido assim, eu não avançaria nem mais um passo; pois que temo sempre, que os meus demeritos escriptos cáiam no desagrado das pessoas, que me fizeram a honra de os ler, e possam por essa forma manchar o crédito do seu jornal, ao qual desejo intimamente o melhor exito e todas as prosperidades.

É também por este motivo, que lhe agradeço dobradamente a consideração, que teve a bondade de dar áquillo, que não merecia mais, que um logar nas últimas columnas do jornal, quando não houvesse, por qualquer causa, com que o encher.

Se todos assim fizessem, se todos alentassem o menor vislumbre d'intelligencia, que brota em qualquer individuo, haveria muita mais illustração; mas muitos, orgulhosos da sua sabedoria, não só despresam os primeiros raios de luz, que manifestam aquelles, que um dia talvez os podessem exceder; mas escarnecem até os seus humildes pensamentos.

Ea, sr. redactor, presto ao talento o seu devido culto; e com tudo não deixo de ter na mais alta consideração a sincera modestia e a humildade verdadeira. Diz o conselheiro Bastos, no seu romance — A Virgem da Polonia — que a humildade é o mais solido alicerce para a fundação da virtude; assim o creio, e digo mais: sem modestia não ha verdadeiro merecimento. Qual é mais meritorio e mais justo reconhecer nos que nos cedem a superioridade, ou supprimo-nos superiores a elles? No primeiro caso ha a modestia e a razão, no segundo a vaidade e o orgulho, que a maior parte das vezes caminham a par, se não da ignorancia, pelo menos de certa falta na primeira educação.

Peço-lhe sr. redactor, que tenha para comigo a mesma indulgencia, que já uma vez solicitei da sua bondade, e com a qual tanto me honrou, em não classificar o que fica dito, senão proprio d'um pequeno estudo, que d'este objecto tenho feito.

Escolhi o seu jornal para meu introductor, porque o titulo d'elle me deu coragem, porque o romance do sr. J. Simões Ferreira me deu inspiração, porque a sympathica penna do sr. A. F. de Loureiro me suscitou vontade de revelar, quanto gostei d'ella; e tive a felicidade de dever á benevolencia do sr. redactor o obsequio de publicar um discurso d'uma mulher sem practica e d'uma vulgar comprehensão; mais lhe devo ainda que é incitar-me a continuar. Sim, continuarei, porque me dão valor para isso.

Porque robustece a planta?; porque cuidam d'ella, porque a alimentam, porque a refrescam e a guardam dos ardores do sol, ou a preservam dos rigores do inverno; porque enfim matam o insecto, que podia amortecel-a; e assim ella vive, e torna-se vigorosa. Viveria também sem que tivessem cuidado com ella; mas que seria?: uma arvore silvestre e nada mais! Assim como a mão vigilante torna

a planta agreste odorifera, assim o sr. redactor com a sua benignidade me dá ousadia para eu ir caminhando até a conclusão do meu empenho, se fôr possível; e se me não animasse, se desprezasse o meu primeiro artigo, nunca mais redigiria outro, e assim ficaria inefficaz a minha propensão para a litteratura, como feneceria o recém-nascido, se lhe não dessem o sustento.

Depois de expressar sincera e francamente a minha gratidão para com o sr. redactor, em virtude da grande prova de consideração, que acaba de dar ao meu artigo tão escasso de merito, direi duas palavras ácerca do motivo, por que ha tão pouca illustração nas mulheres; declarando todavia, que não é o meu fim offendel-as, antes pelo contrario, tenho na devida importancia as illustres excepções.

As mulheres que nascem no meio da riqueza, e que são educadas com ella, costumam quasi geralmente fazer consistir no ouro toda a sua nobreza, gloria, e felicidade: seus paes, que a maior parte das vezes têm ido ao imperio do Brazil buscar a sua fortuna, adquirem-na á custa do seu trabalho, bem entendido, de tamancos, carapuça, com uma chave á laia de relógio, e um nastro servindo-lhe de cadeia: trazem a chave sempre comsigo para lhe não roubarem o classico cruzado novo, que levam na caixa de pinho. Estes senhores entendem, que o seu dinheiro é bastante illustração para suas filhas, e infelizmente é a illustração mais apreciavel da nossa epoca: não querem que ellas se consumam com estudos, por que podem endoidecer; e ahí ficam ignorando quantas vezes é mistér dois para completar quatro!

Outras são filhas de homens de talento, que muito desejariam elevá-las; mas que nem ao menos podem dispôr d'algum tempo para aprender a ler; pois todo é pouco para ganhar o pão, de que necessitam.

Outras não querem ler, porque dizem, que a leitura transtorna a cabeça: d'estas ha um grande numero e em homens tambem o não ha pequeno. Em quanto estiverem n'este erro, como é possível haver illustração?! Tenho tido questões a ponto de ficar indisposta com muita gente por sustentar a opinião, de que a leitura é proveitosa.

Ha outra classe de mulheres que acham todo o tempo pouco para gastar nos bailes, nas visitas, nos passeios, não lhes importando saber se a grammatica se compõe de quatro partes, e se uma d'ellas é a orthographia. Essas, que podem, é que deviam gastar ao menos a vigessima parte do tempo, que desperdiçam em instruir-se; mas não querem saber, porque não admittem que haja nada no mundo, que as torne mais dignas d'admiração, do que a sua riqueza; e olvidam, que estão sujeitas ás vicissitudes d'esta incomprehensivel vida.

Hoje ficarei por aqui; pois não quero por mais tempo abusar da paciencia dos estimaveis leitores dos — PRELUDIOS-LITTERARIOS.

Ao sr. redactor peço mais o obsequio de con-

ceder a este artigo um logar nas finaes columnas do seu jornal.

Sou, sr. redactor,

Porto, 13 d'Abril de 1860

A mesma affeição dos Preludios-Litterarios.

A relação economica, que a seguinte carta-circular tem com os PRELUDIOS-LITTERARIOS — aconselha-nos que a publiquemos aqui:

Ex.^{mo} Sr: — Alguns pedidos, que, acompanhados de muito boas considerações, se me têm feito desde que emprehendi em Coimbra a publicação dos PRELUDIOS-LITTERARIOS; e além d'isso, meus incessantes desejos de prestar, em harmonia com o interesse geral, a maior somma possível de serviços á provincia em que nasci, — levam-me a consultar, finalmente, e da maneira a mais séria, a opinião de todos aquelles que, por sua integridade de caracter, me têm sido nomeados por meus amigos, e a pedir-lhes, no caso de ser favoravel a meus intentos, todo seu apoio para uma empreza, que me parece do maior alcance politico e economico para o paiz.

Trata-se da instituição em Coimbra, como um dos pontos mais importantes e centraes de nosso paiz, d'um jornal politico, cuja indole seja a *defeza dos interesses moraes e materiaes dos habitantes de cada provincia em particular, na mais intima relação com os interesses de todas.*

Para que d'esta instituição possa colher-se o maximo resultado — é preciso, primeiramente, que sua organização pessoal seja a mais robusta e intelligente possível.

Cumpré, pois, e por emquanto, começar por descobrir na *capital* de cada provincia um individuo, que, além de intelligente e já habituado ás lides da imprensa, tenha *coração e força*, e, sobre tudo, um amor immenso pelas prosperidades de seus conterraneos, desgraçadamente ainda tão *distantes* d'essa terra da promissão — a CAPITAL, tão esquecidos na maior parte, tão menosprezados na communhão dos grandes beneficios, que a civilização e o progresso alli espalham a mãos largas.

Este individuo, auxiliado pelo maior numero de correspondentes que poder estabelecer-se nos pontos mais importantes de seus *respectivos circulos*, fará parte da redacção do projectado periodico, que terá tantos redactores, quantas forem as capitães das provincias, inclusivé ultramarinas: seu nome será, em todo caso, *ostensivo* na frente do jornal, podendo elle todavia suprimil-o em seus artigos, todas as vezes que as conveniencias assim lh'o aconselharem.

Sendo, como disse, a indole d'esta instituição a defeza dos interesses moraes e materiaes de cada provincia e, por consequente, de todo o paiz, é evidente que a differença entre as opiniões politicas de cada redactor, se por acaso a houver, em nada

embaraçará o pensamento da redacção; louvar o que nos parecer bom, estigmatizar o que se nos affigurar máu, em toda e qualquer parte, em todo e qualquer individuo — eis o caminho que nos propomos trilhar: *felicidade para todos, sem distincção de classes, nem de hierarchias* — eis o fim, que nos propomos proseguir: é grande para nós — é verdade, mas não impossivel; e tanto menos, quando os partidos, pondo de parte odios e vinganças mesquinhas, que tanto têm compromettido e desacreditado este malfadado paiz, se derem as mãos como amigos, e não sentirem em seu coração mais do que um só sentimento politico — *o amor da patria!*

Será, pois, do dever de cada redactor, visto que suas ideias de independencia e de cordura lhe farão tomar em horror aquelles auxilios, que, por necessidade ou corrupção, algumas empresas d'esta ordem têm ido buscar ás facções politicas, cujas bandeiras enlameadas seguem e defendem loucamente, será do dever de cada redactor, digo, fazer comprehender a seus conterraneos, por todos os meios plausiveis a seu alcance, a importancia d'este pensamento e a necessidade de todo o desenvolvimento, de que elle é susceptivel; a fim de obter dos mesmos, por meio de assignaturas e uteis esclarecimentos, todos os recursos de que se carece, não só para a sustenção do jornal, mas para seu progressivo melhoramento.

Este jornal, tão depressa o consintá sua definitiva organização pessoal e material, será publicado duas vezes por semana, no formato da *Revolução de Setembro* ou do *Futuro*; e comprehenderá, alem dos artigos que me forem remettidos regularmente pelos Redactores de cada provincia, todas aquelles noticias, que na actualidade mais directamente possam interessar seus assignantes. A distribuição d'estes artigos será feita *por provincias*, junctando-se-lhes as correspondencias, noticias, e o mais que, respectivamente a cada uma, com ellas tiver relação.

Depois, se os resultados, que espero colher, pela sinceridade de nossas opiniões, forem taes, que possam acarretar á Redacção a confiança dos povos, cujos interesses ella se propõe advogar, e, por conseguinte, sua decidida protecção, n'esse caso nosso jornal, que baptisámos desde já com o nome de **COLLIGAÇÃO DAS PROVINCIAS**, irá saindo mais a miudo até que, se fôr possivel, o possámos tornar diario.

O preço das assignaturas, pago adiantadamente e na occasião da entrega do 1.º n.º, não excederá, por

anno (sem estampilha)	a	4\$000
semestre	»	2\$000
trimestre	»	1\$100
mez	»	0\$480

preço, que reduzirei á medida, que augmentar o numero dos assignantes.

Sobre publicações de interesse particular e annuncios, que poderão com o tempo vir a ser uma

consideravel fonte de receita, para acudir ás despesas da Redacção — estipular-se-ha depois.

A **COLLIGAÇÃO DAS PROVINCIAS** só começará a ser publicada quando se houver conseguido um numero sufficiente de assignaturas para cobrir as despesas. Lisongea-me esperar que, para levar a effeito esta empresa, encontrarei da parte dos assignantes dos **PRELUDIOS-LITTERARIOS** todo o apoio, que até aqui lhes tenho merecido; promettendo-lhes em compensação, se este jornal houver de ser supprimido, para dar logar a mais avantajadas publicações, uma série nunca interrompida de *folhetins*, com tanta ou mais materia do que aquelles comprehendem hoje.

Finalmente, pertencer-me-ha a responsabilidade, e, por conseguinte, a fiança, que é mistér prestar n'estas publicações. A direcção e administração tambem me ficará pertencendo, reservando-me os lucros, que d'esta empresa possa auferir-se, emquanto baste para indemnizar-me do trabalho ou do sacrificio, que houver de fazer d'outra situação ou emprego. O restante será applicado aos melhoramentos do jornal, que desejo venha a corresponder em tudo a seus elevados fins.

Esta maneira facil e economica de *transplantar a imprensa* a todos os cantos d'um paiz pequeno e, em breve, de facil communicação, sem os mil inconvenientes, que rodeiam as typographias em terras onde as artes e officios são ainda mal conhecidos, mal cultivados; esta maneira de *resumir* n'um só edificio, n'uma só administração, n'um só capital, em fim, todos os materiaes, todos os esforços que, para o conseguimento da mesma idéa, d'outro modo seria preciso empregar pelo menos *septuplicadamente*, fazendo apenas entrar na colligação proposta as terras capitaes — Faro, Evora, Lisboa, Castello-Branco, Vizeu, Porto e Bragança; esta maneira, repito, de fazer participar todos os cantos de nosso paiz dos beneficios da imprensa, sem os embaraçar em as mil difficuldades que a acompanham, — não poderá senão merecer o unanime assentimento de todos aquelles que d'esta sagrada instituição não quizerem fazer uma arma para sua propria defesa, uma especulação para seus proprios interesses.

Eis com franqueza e lealdade tudo quanto sôbre este objecto me parece dever communicar-vos para vossa intelligencia, e a fim de que, conformando-vos com minha opinião e plano, eu possa alcançar de vosso zelo pelas coisas publicas todos os bons officios de que careço para realisar com felicidade uma instituição, que tão humanitaria e sancta me parece.

Dignai-vos mostrar esta carta a vossos amigos; e que elles sintam em seu coração tudo quanto de amor e de enthusiasmo eu tenho sentido e sinto ao trabalhar por este nosso paiz tão formoso e ao mesmo tempo tão desgraçado!

Do que pensardes e do que fizerdes n'este assumpto vos servireis avisar-me, contando sempre com minha circumspecção e respeito. Vosso, etc.

O NOBRE E O MENDIGO

Romance original da Sr.^a D. H. L. de Vilchez

Tradução de V. da Silveira.

Continuado do n.º 10, tom. II

VI

Haviam decorrido quinze dias depois dos acontecimentos, que acabámos de narrar.

O palacio do marquez de São Telmo achava-se ornado como para uma grande festa: a extensa sala de visitas, que havia tantos annos se conservava fechada, ostentava-se agora soberba com seus magnificos cortinados de damasco carmesim, apanhados por grossos cordões de ouro. Seus grandes espelhos, seus retratos de familia, seus maticos e elegantes tapetes, todos aquelles sumptuosos moveis, em fim, se haviam despido da espessa camada de pó, que os cobria, e davam áquelle salão um aspecto deslumbrante, principalmente para os simples habitantes de ***.

No centro achava-se collocada uma mesa coberta de veludo carmesim, e sobre ella uma pedrada escrevaninha de prata.

Os criados, cujo numero havia augmentado, iam e vinham em todas direcções, executando as ordens do mordomo, ao qual, de quando em quando, se ouvia dizer:

— ¡Quem o acreditaria! ¡elle que é todo um senhor marquez! Vamos... parece impossivel..., e outras exclamações semelhantes.

O marquez, vestido com exquisita elegancia, mas todo de preto, achava-se em seu gabinete com seu filho Fernando, que realçava por seu trajo da mais rigorosa etiqueta.

O mancebo, em cujo semblante se traduzia a felicidade, escutava em religioso silencio os ultimos conselhos, que o ancião lhe estava dando, ao vel-o prestes a fixar seu futuro, entrando para sempre n'uma vida toda nova.

Na outra extremidade do palacio, n'um gabinete pequeno, porém adornado com o maior gosto, Angela, ajudada por sua mãe adoptiva, achava-se de frente d'um grande espelho, acabando de alisar seus brilhantes cabellos e de cingil-os com uma simples corôa de flores de lorangeira.

Algumas caixas abertas, e ainda cheias de varios estofos e adornos, attestavam que o vestido da joven acabava de chegar com outros muitos, para completar seu enxoval.

Era um simples, porém lindissimo, vestido de tule branco, guarnecido de blondes e flores, que lhe cobriam o seio e os braços d'uma brancura extrema: tinha os louros cabellos sujeitos ás fontes de sua formosa cabeça por um fio de perolas, eguaes as que lhe serviam de collar e de pulseiras.

Quando a boa Joanna viu terminado o toalette d'aquella que chamava sua filha, bateu as palmas cheia de alegria, e murmurou com effusão:

— ¡Abençoada sejas! ¡Como estás assim formosa, minha filha! Sim, minha filha, minha querida filha; pois que, ainda que não tardes em ser marquez, ¿has de sempre consentir que te chame assim, não é verdade?

Angela, por toda resposta, lançou-se nos braços de sua ama; e uma lagrima de gratidão brilhou em seus olhos, então animados por uma doce esperanza.

N'aquelle momento abriu-se sem o menor ruído a porta do gabinete, para dar entrada ao tio Pedro que se deteve no limiar, contemplando com adoração a encantadora joven, que correu para elle logo que deu por sua presença.

— ¡Olhai! vedel-a, que linda! exclamou Joanna: na verdade, tem mesmo os ares d'uma princeza!

Com effeito, Angela ostentava todas aquellas galas com o mesmo desembaraço, a mesma soltura, a mesma elegancia com que as ostentaria uma rainha.

— Deixai-nos um momento a sós, Joanna, disse Pedro.

— Sim, sim; eu tambem tenho que dispôr... que ajudar a vestir meu filho e arranjar-me um pouco; porque, em fim..., como quem diz..., quasi que somos da familia. E como tudo isto foi uma coisa tão inesperada... nem acerto com o que faço nem... vamos, vamos, eu saio já.

O tio Pedro e a joven ficaram sós.

O ancião havia tambem n'aquelle dia deixado seus farrapos; e, posto que com a usual jaqueta e calção curto dos filhos do povo, tinha-se vestido de preto com algum esmero e aceio.

— Muito bem, disse para Angela: dentro de poucas horas serás a esposa de Fernando, e verás assim realiado o que julgáras um sonho. ¿És tu feliz, minha filha?

— ¡Oh! quanto póde ser-se n'este mundo! e principalmente n'este momento, em que vos vejo e sei, que os perigos, a que me haveis dito vos ieis expôr por mim, já não existem.

— Sim, minha filha, já não existem, ou, para melhor dizer, não os encontrei; porque, n'este mundo, o interesse, o ouro vale mais do que a voz do sangue; e eu não contava com isso. Porém ouve: ¿és completamente feliz? ¿nada te falta n'este dia?

— Só a benção de meus paes.

— A fronte do tio Pedro anuviou-se ligeiramente.

— ¡Ah! é verdade... tens razão.

— Porém vós estareis a meu lado ¿não é assim?: vós me servireis de padrinho, visto que o marquez assim o quer.

— Sim, eu ahi estarei, minha filha; e depois que receberes a benção nupcial, quando teu futuro estiver já firmado, eu te direi o ultimo adeus e me affastarei d'estes sitios.

— ¡Como! pois não quereis receber de mim a expressão de meu reconhecimento! Não sabeis que tudo vos devo e que me sentiria muito mais feliz tendo-vos sempre a meu lado!

—Angela, não devo tornar a ser feliz n'este mundo; e na tua companhia esquecer-me-hia d'uma expiação, d'um castigo que me impuz sôbre a terra.

—¡Um castigo! uma expiação, vós, que sois tão compassivo! ¿que crime poderíeis ter cometido?!

—Não m'o perguntas, minha filha ¡não m'o perguntas nunca!

N'este momento um criado de grande libré assomou á porta do gabinete e disse com voz clara e accento official:

—Os senhores esperam pela *senhorita*.

E desapareceu deixando cair de novo a elegante cortina de damasco, que defendia a entrada.

—Está chegada a hora, Angela: vamos, pois scellar tua felicidade.

O ancião acompanhou a futura marquezia até o salão, onde já a estava esperando a nova familia, que ia recebê-la em seu seio.

Poucas eram as pessoas que alli estavam reunidas para assistir a este acto, tanto mais solemne quanto era grande aquelle isolamento.

Assim que Angela appareceu, logo o joven Fernando se adiantou para recebê-la: a pobre joven estava toda trémula; sua felicidade parecia-lhe ainda um sonho. Em seguida occupou um logar juncto do marquez, que a recebeu com um sorriso benigno e amavel.

O tabellião, depois de ter pedido venia aos circumstantes, principiou a leitura dos contractos matrimoniaes.

O marquez cedia a metade de todos seus bens á sua nova filha.

Concluida a leitura observou o tabellião, que só faltava áquelle documento os nomes dos contrahentes.

Fernando aproximou-se e disse em voz alta:

—O meu é Fernando Leopaldo de Varila.

—O da futura...

Todas se olharam durante um momento de indecisão.

—Angela, respondeu esta com voz tremula.

—¿Angela de que? perguntou o notario, sem reparar na perturbação da joven.

Angela não respondeu, e o calor da vergonha lhe incendiou o rosto: estava indecisa, e suas vistas supplicantes, por um instincto d'alma, se fixaram no mendigo.

—¿Angela de que? tornou ainda aquelle homem a perguntar.

—Angela de Varila e Medina, exclamou o tio Pedro, adiantando-se e sem poder resistir aos impulsos de seu coração: escrevei como vol-o disse.

Um olhar d'assombro respondeu a estas palavras; porém ninguem se atreveu a interromper aquelle silencio.

O tabellião consultou com os olhos o velho senhor.

—Continuai, lhe respondeu este com socego.

Fernando aproximou-se da mesa e assignou primeiro: apresentando depois a penna á joven desposada, esta escreveu tambem seu nome.

A felicidade d'estes dois jovens acabava de ser firmada: eram esposos ante os homens. Um momento depois o sacerdote abençoava sua união na capella do palacio, e eram esposos ante Deus.

Concluida a cerimonia perguntava Fernando a seu pae:

—¿Então ella pertencia a nossa familia? É...

—Tua mulher. Nada mais me perguntas; são segredos, meu filho, que te peço não queiras penetrar. És feliz, porque a amas: ¿que importa o mais?

—Oh! sim; amo-a, senhor, de toda minha alma!

Entretanto Angela, na outra extremidade da casa, exclamava nos braços do tio Pedro:

—¡Oh! não, não nos deixeis sós, eu vol-o peço; servir-nos-heis de pae, e nunca filha alguma será mais terna, mais carinhosa do que eu, para com aquelle que tanta influencia tem exercido em meus destinos.

—É impossivel, minha filha; já t'o disse ha pouco. Demais? que fariam meus farrapos e minha pobreza no meio de vosso fausto esplendor?

—¡Ah! acreditaes...

—Não: sei que tu jámais te arrependerias d'esse offercimento; porém talvez já não acontecesse o mesmo com tua nova familia, envergonhando-se amanhã do importuno hospede, que haviam admitido em sua casa. Fiquemos pois cada um em seu posto; Deus assim o quer! Porém, como é forçoso que, talvez para sempre, façamos agora nossas despedidas. Angela, se alguma coisa póde em teu coração as recordações de teus passados soffrimentos, as esperanças de tua felicidade, — eu te peço, minha filha, que, todas as vezes que dirigires tuas supplicas ao céu, involvas n'ellas o nome do solitario velho, do pobre mendigo... ¿Fal-o-has assim, não é verdade? ¿juras-m'o?

—Sim; juro-o por Deus!

—E amanhã, quando nas tristes noites do inverno, sentada com teus filhos ao fogão, lhes ensinares a adorar a Deus, que tu faças tambem com que elles aprendam o nome do pobre velho, que só, sem abrigo, sem consôlo, talvez expire n'esse mesmo momento victima da miseria e da intemperie. Então, Angela, se um sentimento de dó agitar teu coração; se uma lagrima de piedade assomar a teus olhos, que tu digas: «Se foi culpado, meu Deus; assás expiou suas faltas! — perdoae-lhe.» ¿Não é certo, que assim o farás?

—¡Sim, meu pae, sim!

—Pois bem, sinto-me tranquillo: nada mais desejo d'este mundo; vou deixar-te. ¿Queres abraçar-me, Angela?

—¡Oh! com toda minha alma!

A joven lançou-se nos braços de Pedro, que n'elles a recebeu com toda a effusão d'um amor immenso e comprimido.

Assim permaneceram mudos por alguns momentos.

Ao separar-se, o mendigo aproximou seus labios da fronte da joven e murmurou, com imperceptivel accento, a palavra:

— ¡Perdão!...

Todos rodearam depois o ancião, que se dispoz a partir. No momento porém de deixar aquella casa disse para Fernando:

— Senhor, um dia, o primeiro em que nos encontrámos, abençoei eu vossas cabeças e augurei-vos um venturoso futuro; e minha predição realisou-se. Ensinæ, pois, a vossos filhos, que, ao encontrar um pobre velho sem amparo, o soccorram, estendendo-lhe sua mão protectora. E visto que este sancto procedimento em sua mãe foi o principio da felicidade, que hoje lhe sorri, ensinae-lh'o do mesmo modo; e Deus vos provará, que não foi em vão que disse: «Eu amo os misericordiosos.» Fazei-o assim e que o ceu vos proteja.

Quando saiu passou juncto do marquez, e, dirigindo-lhe um olhar eloquente, murmurou:

— ¡Nunca!...

O velho desapareceu sem que nem Joanna, que tudo havia presenciado, nem André, e os dois rendeiros que com elle haviam servido de testemunhas, conseguissem arrancar-lhe uma palavra, que lhes fizesse adivinhar de que maneira elle havia podido representar um tão interessante papel nos successos d'aquelle dia. Todos lhe fizeram mil perguntas, ás quaes, porém, o ancião nada respondeu.

Mas quando se encontrou fóra do alcance de suas vistas, voltando-se para o lado do palacio, e antes de perder-se nas sinuosidades do caminho, exclamou:

— ¡Meu Deus fazei-a feliz! e ¡ai! que ella ignore sempre, que eu fui o assassino de seu pai!

FIM.

O JOGADOR

Continuado do n.º 11, tomo II.

III

— «Se a minha alma por dinheiro
Vós quizesseis acceitar,
Á fé que n'este momento
Minha alma fóra jogar!...»—

— Eu acceitarei vossa alma,
(Volve-lhe o homem sem tardar,)
Talvez possaes o perdido
Ainda recuperar. —

E os dados sôbre a meza
Eil-os de novo a saltar;
E o homem pardo e feio
Inda outra vez a ganhar!

IV

— Ganhei eu! (lá rugo o homem
Com voz rouca de aterrar),
E o mancebo olhou p'ra elle
E viu cousas de pasmar.

Descobriu-lhe na cabeça
Chavelhos a despontar;
Viu-lhe o rosto de repente
Qual carvão a negrejar!

Em garras agudas, longas,
Lhe viu as unhas mudar;
E seus olhos negros, negros,
Cada vez mais a brilhar!...

V

— Ganhei eu! (dissera o homem)
Vossa alma quero levar!
O jogador, que é honrado,
Não põe demora em pagar. —

— «Perdido estou! (disse o moço)
Co'o demonio fui jogar!
E com o medo, que tinha,
Começou-se a persignar,

Foi o seu anjo da guarda,
Que esta acção lhe quiz lembrar,
Que bem sabia que o démo
Para a cruz não pôde olhar.

E certo foi... que o demonio,
Quando tal viu practicar,
Um estoiro deu medonho,
Capaz de a casa abalar.

Um forte cheiro de enxofre
Se começou a espalhar;
E nunca mais o mancebo
O démo pode encontrar.

VI

Fôra-se o demonio embora
Sem o dinheiro levar;
O mancebo, um padre chama,
Que o venha purificar.

Deu-lhe algum p'ra que mandasse
Algumas missas resar;
E guardou o resto d'elle
P'ra sua vida passar.

Para casa sem demora
Eil-o vae a caminhar;
Inda a mãe encontrou viva,
Nunca mais a quiz deixar.

Coimbra, 1836.

E. DE BARROS

A MARIA

Quando elevo os olhos meus
Pela noute a divagarem
Por essa extensão dos céus,
Em cada estrella que fito
Adoro o poder de Deus;

Mas quando em raios d'amor
Casas as vistas co'as minhas
No mesmo ardente fulgor,
Tambem adoro em teus olhos
O poder do Creador.

A. A.

EXPEDIENTE

À joven escriptora portuense, que nos acaba de pedir, pela primeira vez, a publicação nos *Preludios* d'um seu pequeno romance, — rogâmos que, dentro d'um subscrito, se digne enviar-nos apenas seu nome e morada. Não é curiosidade, que a não ha onde predomina o respeito; — é necessidade. Ha duvidas na imprensa, que só os auctores as podem tirar.

Esperâmos merecer mais esta prova de confiança de quem tanto nos penhorou já com sua carta; e tanto mais, quando a satisfacção de nosso pedido em nada a pôde comprometter, visto que um bilhete de visita, por exemplo, é não só possível, mas até muito facil encontrar-se na rua, etc.

Para maior tranquillidade accrescentâmos, que toda correspondencia dirigida a esta redacção só deve ser aberta por seu redactor principal.

V. DA SILVEIRA

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria central do Sr. Melquiades & C., rua do Ouro; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pêso da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

Preços

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno.....	1\$240	Anno.....	1\$180
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
		Por mez — 120 réis	
		Avulso — 40 réis.	

A COLLIGAÇÃO DAS PROVINCIAS

JORNAL POLITICO, ETC.

DIRIGIDO POR V. DA SILVEIRA

Publicar-se-ha duas vezes por semana, no formato da *Revolução de Setembro*. — Centro da Redacção — COIMBRA. — Séde dos Redactores — Faro, Evora, Lisboa, Castello-Branco, Coimbra, Vizeu, Porto, Bragança, Ponta-Delgada, Angra do Heroismo, Funchal, Cabo-Verde, Lounda, Moçambique, Góa, Macáu.

PREÇOS

(Pagamento adiantado)

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Coimbra e Africa portugueza		Provincias, Madeira e Açores	
Anno.....	4\$000	Anno.....	4\$600
Semestre.....	2\$000	Semestre.....	2\$600
Trimestre.....	1\$100	Trimestre.....	1\$250
Mez.....	\$480	Mez.....	\$560
America		Asia	
Brazil, anno (por navio de vella) moeda fraca.....	8\$000	Góa e Bombaim, anno, (franco) xerafins.....	
		Macáu, Singapur, etc., anno, pat. hesp.....	

N. B. Em quanto não estiver completamente organizada a Redacção d'este jornal — toda a correspondencia sobre assignaturas, etc., deve ser dirigida para Coimbra.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

Rogamos aos srs. assignantes, que ainda devem a esta redacção, — que queiram ter a bondade de mandar pagar a importancia dos numeros d'este jornal, que têm recebido até hoje, e a dos que devem receber, pelo menos, até o fim do proximo mez de Junho; advertindo-lhes, que a publicação dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, apesar do que escrevemos no numero passado, não será interrompida antes de terminado o 2.º volume, em que esperamos concluir todos os escriptos n'elle já começados.

É tão facil e ao mesmo tempo tão cavalheiroso para os srs. assignantes a satisfação d'este nosso pedido; e, para nós, tão embaraçosa a falta de qualquer pagamento do que se nos deve, que acreditamos ser pela última vez, que nos vemos constrangidos a recordar-lhes este dever.

Cumpre-nos tambem advertir-lhes, que, de hoje para o futuro, os pagamentos das assignaturas d'este jornal, pelo que diz respeito ás provincias, devem ser feitos directamente a esta Redacção; afim de evitar-se delongas, e podermos conhecer n'um só dia o verdadeiro estado de nossa cobrança. Acabamos de prevenir d'esta resolução nossos Commissarios e Agentes, aos quaes, seja dito de passagem, tivemos sempre a fortuna de dever os melhores obsequios. Os pagamentos, a que acabamos de referir-nos, podem ser feitos ou por meio

Maio — 1860

de vales do correio, ou de estampilhas de 25 réis.

D. JOSÉ ZORRILLA

ESTUDO

Continuado do numero 9, tomo II.

XIII

Das outras lendas que Zorrilla enleou n'esta collecção, só duas, pelo genero em que se acham escriptas, occuparão o nosso estudo.

Quem não leu já os Contos phantasticos do immortal Hoffmann? quem não se tem sentido attrair pela inexcedivel magia, com que elles são escriptos? Ninguém, creio eu, desconhece nem a obra, nem o auctor; e tanto merito se tem encontrado n'esses contos, que passaria aos olhos de todos como arrôjo, o querer imital-os, como loucura, o querer excedel-os. E comtudo Zorrilla, conhecendo de certo isto, tentou escrever contos phantasticos, como *Margarita la Tornera* e *la Pasionaria*, que são os que n'este momento chamam a nossa attenção. Mas seria uma emulação louca e stulta a que levou o nosso auctor a tentar este genero? Não; Zorrilla escreveu *Margarita la Tornera*, mais como phantasia religiosa (são expressões d'elle) do que como conto phantastico; e escreveu *La Pasionaria* para satisfazer o desejo d'uma senhora. Está pois desculpado o nosso auctor.

Não seria de certo fóra de proposito o tractar aqui, se o genero phantastico se poderia acclimar entre nós, ou se elle é unica pertença dos climas do norte. Parece-nos que, para escrever taes obras, o poeta se deve inspirar mais pelo alvejar dos gelos das serras, do que pelas louçainhas dos nossos vergeis; que lá entre a neblina, que de continuo os cobre, se podem imaginar melhor os contornos d'essas visões, que á luz fulgurante do sol do meio dia. Penso que o Fausto não podia ser escripto por Herculano, como Goethe não podia desenhar Eurico.

Assim como ensaio são acceitaveis as lendas de Zorrilla, que não como obra completa. Sobra-lhes de certo bellezas de phrase, mas falta-lhes o encanto que arrasta em Hoffmann, e a magia

com que elle nos enfeitiça. Mas não devem de certo occupar mesquinho logar na analyse das obras do nosso poeta estas duas tentativas.

Outras lendas, separadas d'esta collecção, se podem encontrar tambem em Zorrilla, e não indignas de occupar a nossa attenção.

Entre estas não sobresaem pouco as comprehendidas na collecção—*Vigilias del Estio*. Nellas

Nada profano hay.....
 No hay en sus renglones,
 Mas que viejas tradiciones
 Y acaso fabulas bellas.
 No tienen mas intencion,
 Que hacer humilde memoria
 De nuestra pasada historia,
 De nuestra fé y religion.

E é este o prospecto que Zorrilla nos apresenta, e que cumpriu á risca ao traçar esses cantos nas *vigilias nocturnas de julho ardente*.

El Talisman, dedicada pelo auctor a D. Carlos Latone, encerra muita simplicidade, e como tal encanta o ouvido e arrebatá a alma. Basta lêr a introdução, para que o leitor sinta desejos de mais e mais ter que lêr.

El Montero de Espinosa, continuação d'outra que aqui já citámos, tambem deve agradar a todos que presarem este genero de litteratura.

Fóra da collecção tambem se encontram mais, recommendando-se ao leitor *La azucena silvestre*, tão bella como o seu objecto, e *Un testigo de bronze*, tão interessante como o seu titulo.

Entre nós este genero de—Lendas, é bastante desprezado; se em muitos outros pontos a nossa litteratura é mais florescente que a espanhola, n'este comtudo, força é confessar a nossa inferioridade.

(Continúa)

F. BRILHO

Resposta á carta do Ill.^{mo} sr. J. Simões Ferreira

A carta de v. s.^a collocou-me n'um estado de impossivel narração; e, se eu não julgasse do meu dever endereçar-lhe os mais sinceros agradecimentos, não me animaria a lançar mão da penna para tal fim; porque, na verdade, não sei o que hei de escrever! Referir que não mereço taes favores? Estou d'isso tão convencida, que até me parece muito duvidoso, que haja alguém que o não saiba, tendo lido o que eu escrevi. Expressar toda a gratidão que sinto? Como? com que palavras? Por outro lado receio tambem enfadar os leitores com aquillo, que só interessa a mim e a v. s.^a

Mas seja-me permittido, que eu só por esta vez sacrifique pelo dever e pela gratidão, o gôsto litterario dos indulgentes leitores, roubando-lhes o prazer da litteratura n'este espaço, que occupo com tão mal traçadas linhas.

As frases com que v. s.^a me honra são dignas d'um reconhecimento, que, se é que o comprehendendo, não sei expressal-o, nem tenho termos com que o possa fazer chegar ao elevado conhecimento de v. s.^a

Encontrei inspiração nos escriptos de v. s.^a já

ha mais tempo, do que a data do meu primeiro artigo, e em outro jornal tambem, sem ser os PRELUDIOS: não a divulguei logo, porque me não senti com alento de escrever um artigo para um jornal como a *Litteratura Illustrada*.

Nos PRELUDIOS tornei a encontra-a; e declarei-a, por achar comparação entre mim e o estimavel redactor d'este jornal; pois que, se elle trabalha para obter os meios que lhe são indispensaveis para levar ao fim o seu nobre empenho, eu trabalho para alcançar instrução; e assim, faltando a ambos sua coisa, ainda que diferentes, ha semelhança entre nós; e como amigos e irmãos, se elle tanto quizer, podemos obsequiar-nos mutuamente.

Se não declarei o meu nome foi por convicção e não por modestia; pois estou firmemente convencida de que o artigo não merece uma assignatura. E de que servia o meu nome n'elle? Seja v. s.^a o meu juiz, mas um juiz recto e severo; e quando um dia nos meus escriptos encontrar algum merecimento, mande-me subscrever o meu nome, que eu o farei sem hesitar.

Esta minha franqueza mostra a v. s.^a, que não ha em mim a modestia, que v. s.^a imagina; e se m'a suppõe, é porque me julga por si. Talento já lhe eu conhecia, senhor, e agora descubro-lhe outro predicado não menos apreciavel; e o talento e a modestia são dois attributos tão raros, como estimaveis! E comtudo, quasi sempre andam junctos sciencia e humildade, materialismo e ufania. É a regra geral; tudo o mais são excepções.

Eu sei que na carreira litteraria ha muitos *espinhos*; mas anima-me a lembrança de que ao pé d'elles ha quasi sempre flores. E como chegar sem dissabores ao termo de tão gloriosa empresa? Os grandes homens, as intelligencias singulares têm pagado com amarguras as eruditas produções, que nos têm legado; tomemol-os por nossos modelos, e console-nos a ideia de que elles soffreram muito para ser hoje admirados, se é que é logico achar consolação nos padecimentos dos outros, o que não creio, porque os males alheios não aliviam os nossos; mas ha um systema quasi geral de applicar como antidoto aos nossos desgostos a recordação de que os mais tambem soffrem, recordação que longe de mitigar as nossas dôres, devia pesar em nossos corações.

Reprovo tal opinião, e com tudo sirvo-me d'ella! É o que succede a quem segue ideias geraes; muitas vezes involuntariamente manifesta sentimentos, que não têm. Eu respeito tanto a dôr, quando é verdadeira, que uso remetter-me ao silencio, por nunca encontrar expressões, que julgue sufficientes para acalmar as tormentas do espirito: a melhor consolação é dar livre curso á dôr. A tal respeito penso como A. Herculano, o qual diz, que a dôr é como a materia, que se gasta com o uso.

Espero desculpa por apartar-me da narração principiada, e continuarei a responder á carta de v. s.^a

Se v. s.^a sente alguma satisfação por haverem sido os seus escriptos, que me suscitaram pretensão d'escrever, pôde acreditar que foi n'elles, exclusivamente n'elles, que senti desejos de seguir a carreira litteraria: só me faltava onde principiar, e, como por decreto da Providencia, appareceram-me os PRELUDIOS, e n'elles novos motivos, que me resolveram a lançar mão da penna; e em vista de certa particularidade do meu genio, era impossivel achar um jornal mais a proposito para eu escrever. É quasi paixão a sympathia que tenho pelos PRELUDIOS!

Causou-me certa impressão observar homens, que se jactam de ser escriptores, não comprehenderem aquillo, que v. s.^a escreveu; era mistér ser-se dotado da mais crassa ignorancia para dar ao pensamento de v. s.^a a interpretação que lhe eu ouvi dar.

Não se arrependa v. s.^a de falar assim, porque não é com lisonjas, que se consegue espargir a illustração: eu desejava estar no caso em que v. s.^a está de o poder fazer, que não poupava expressões francas, ainda que fossem amargas; pois que aquelles, que Deus dotou d'alguma comprehensão, devem ficar-lhe muito agradecidos; e quando não haja a gratidão, ha o prazer de ter feito bem. Quando na minha infancia me reprehendiam por causa de defeitos, que, se m'os não corrigissem, seriam hoje bem repugnantes, eu escandalisava-me; mas agora, que detesto nos outros eguaes vicios, bemdigo a mão, que me soube castigar.

Agradeço summamente a v. s.^a os louvores, que me dedica, que supposto eu esteja convencida de que os não mereço, não deixam de ser muito agradaveis ao meu coração, pelo facto de me virem de v. s.^a; porque me fazem crer que me não enganai com o pensamento, de que tinha tendência para a litteratura.

E fico-lhe especialmente muito grata, por me pedir, que escreva n'um jornal onde v. s.^a, e outros senhores de elevado genio escrevem. Não olvidarei nunca que lhe devo a fineza de se não envergonhar, de que os meus escriptos appareçam n'um jornal, aonde se encontra o nome de v. s.^a Escreverei sempre que seja mistér, em todos os numeros havendo logar.

Termino patenteando que o maior pesar que sinto, é não ter o preciso talento para cumprir, como desejava, o pedido de v. s.^a, e empregarei todo o cuidado para satisfazel-o o melhor que eu souber; na esperança de que v. s.^a dará o devido desconto á minha falta de estudos, nos quaes de hora em diante gastarei todo o tempo, que poder dispensar.

Uma mulher, que sympathisou com os Preludios-Litterarios

Um má lingua, falando dos individuos, que costumam andar sempre acompanhados d'um lacaio, achava que elles tinham muito de commum com os burros, que não andam sem levar alguém atrás de si.

COISAS E LOISAS

Continuado do n.º 9, tomo II.

CAPITULO V

No qual se muda de estylo, e se falla d'outras coisas, que d'antes se não disseram.

Pelo que já temos dicto é facil de vêr que Pedro Pereira da Penha Peixoto não era um homem como ha muitos, sem dizer todavia que seja uma originalidade. Nos seus trinta annos de existencia tinha visto bastante para julgar as coisas e as pessoas pelo que ellas são e valem, e d'ahi vinha o ar de superioridade com que as olhava.

No mesmo dia em que nós iamos contando, e de que o sr. Patrocínio nos desviou um instante, pelas cinco horas da tarde tinha elle acabado de jantar, e sentado negligentemente n'uma cadeira de braços deixava ao seu estomago todo o socêgo e commodidade para fazer chymos e chylos, e quantas mais operações elle quizesse, ao mesmo tempo que a imaginação lhe fugia por esses ares involvida em nuvens de fumo d'um excellente charuto, que, pelo adjectivo não podia deixar de ser contrabando.

Tinha as pernas encurusadas, e de quando em quando agitava com phrenesi a que estava sobreposta. Então uma golfada de fumo saia mais espessa e mais impetuosa, d'alto a baixo enterrava-se-lhe na testa uma ruga, e um sorriso de desdem terminava tudo.

— Estás em casa, Pedro? disse uma voz, e passos apressados e firmes subiam a escada.

— Sobe; respondeu este machinalmente, erguendo-se.

— Queres-me alguma coisa? perguntou Joaquim Antonio Ribeiro, abrindo a porta.

— Entra. Estava pensando em ti, não podias vir mais a proposito.

Os dois amigos apertaram as mãos, e Ferreira tocou a campainha.

Instantes depois entrava um criado com duas chavenas de café e uma caixa de charutos.

— Se alguém me procurar, disse-lhe elle despedindo-o, que não estou em casa. Não quero luz sem a pedir.

Era effectivamente quasi noite. Á ultima claridade do crepusculo tomaram os dois mancebos o café, e depois a convite do dono da casa sentaram-se a par no canapé.

Era tempo de entrar em materia especial, e a occasião pedia-o.

Pereira começou:

Acreditas na minha amizade, Joaquim? Acreditas que te desejo todo o bem que para mim quizer, que não sei se desejaria a um irmão?

Joaquim Ribeiro, que já estranhára alguns preliminares desusados, mais estranhou aquella pergunta, que, feita d'um amigo provado para outro, indica sempre sequencias graves. Não lhe viu o alcance, e respondeu com outra pergunta:

— Não o sabes tu? A que vem perguntal-o agora?

— Porque preciso, agora principalmente, que te lembres d'isso para escutar o que tenho a referir-te: porque preciso, eu mesmo, de ter essa certeza para te contar uma historietta bem simples. Ouve.

Joaquim estava, como se costuma dizer, nadando em sêcco. Bem parafusava elle, mas era o mesmo que nada. Se não conhecesse quem lhe estava falando, ria-se: assim calava-se, esperando ver sair um rato d'aquella montanha.

— Faz dois annos para o estrudo, principiou Peixoto, que por uma bella tarde dos fins de fevereiro passeava eu algures, que pouco importa o sitio, a quasi um quarto de legua da cidade. Ia a cavallo. Do lado opposto vinha um carro na estrada, e o cavallo espantou-se. Não perdi o socêgo nem os estribos. Dei-lhe uma boa esporada: mas, em vez de romper para diante, fez um rapido gyro sôbre si mesmo e desandou-me a toda a brida pela estrada abaixo. Quando pude sopear-o, achei-me sem chapeu.

Voltei a buscal-o, e chegando ao sitio onde o cavallo tinha feito a reviravolta, e onde eu supunha me teria cahido, não o achei. Por um movimento bem natural ergui a cabeça. Tinha diante de mim uma casa, soffrivelmente elegante, e a uma de muitas janellas pareceu-me ver uma cabeça de mulher, que logo se retirou para dentro, a tempo que senti ranger a meu lado os gonzos d'um portão, e uma voz dizer:

— O seu chapeu está aqui. Está-se a limpar da poeira, e entretanto queira v. s.^a entrar e descansar um pouquinho, que a senhora manda-o convidar.

Não me fiz rogar segunda vez, que o cavallo arquejava debaixo de mim e eu suava a bom suor. Entrei o portão, e logo dentro um criado me tomou o cavallo e indicou uma escadaria de pedra, que me ficava á esquerda. Subi sem mais cerimonia, realmente satisfeito com a aventura que não podia ser mais a proposito.

Ao cimo da escada abria á direita uma porta, que dava para uma saleta de espera, e em frente d'esta havia outra fechada, que se abriu á minha chegada. Uma mulher que me não lembrava de nunca ter visto, convidou-me a entrar.

No primeiro momento fiquei um pouco embaraçado a olhar para ella.

Não era linda, mas incontestavelmente formosa. Principalmente, porém, tinha um olhar de tógo e trajava com gôsto. Foi o que notei no primeiro relancear de olhos.

Convidou-me segunda vez, e ajunctou ao convite um sorriso muito amavel, que lhe descobriu uns dentes, que pareciam perolas.

Demorar era passar por incivil. Entrei, e sentamo-nos.

— Talvez lhe faça transtôrno esta demora, principiou ella, e em tal caso teria a pedir desculpa de o ter feito subir aqui; mas não quiz deixar

perder esta occasião, porventura a unica que o ceu me depare, de dizer-lhe algumas coisas, que v. s.^a provavelmente ignora, e que eu mesmo tinha jurado nunca me saíriam do coração.

— E tu não conhecias essa mulher? perguntou Joaquim Ribeiro, que começava a interessar-se com a historia.

— Á fé d'amigo, que nunca d'antes a tinha visto que me lembrasse.

— Isso é que é ser feliz! concluiu o mancebo com modo ingenuo.

— Vaes ouvir o melhor. Não sei agora o que lhe disse, mas creio que as banalidades do estylo, até ver em que aquillo vinha a dar.

Ella ergueu-se e foi, pé ante pé, fechar duas portas que do interior da casa davam para a sala. A uma vinha a criada com o meu chapeu, já limpo e prompto, que ella tomou e poz sôbre uma cadeira, fazendo á criada signal de se retirar.

Foi então que tudo aquillo me despertou outro interesse, que não só curiosidade. Uma mulher nova, desconhecida, que logo á primeira vez que falla commigo me promette dizer coisas do coração, e que para isso tem a cautella de por si mesma fechar as portas, era para mim tamanha novidade, que se m'o-tivessem dicto duas horas antes, tel-o-hia por impossivel. E não pelo facto, senão pela terra. Era um facto que está ainda hoje muito longe dos costumes de Coimbra, onde as mulheres sabem conservar o seu logar e a sua dignidade. Porisso, repito, estranhava-o e interessava-me.

Concluidos aquelles preliminares, veio ella sentar-se outra vez, mas agora n'uma cadeira proxima de mim, e continuou dizendo com voz meiga:

— Não pôde fazer ideia como estou contente. Se estes momentos fôsem coisa que se comprasse, eu dava o melhor que tivesse, o que mais estimasse na vida. Foi Deus que me fez a vontade. Nunca em minha vida me senti tão commovida, Ora quer ver?

E tomando-me a mão achegou-a ao peito.

— Sente como o coração me palpita alvorçado? proseguiu: pois é por si que elle palpita. Estou n'um estado de exaltação pelo ter aqui juncto de mim, que parece-me que se agora morresse nem sentia a morte.

Não farei agora de philosopho, que nem se acreditariam philosophias n'aquellas alturas. Tudo aquillo seria para fazer meditar muito, mas muito mais era para exaltar. Quando senti aquella mulher tão proxima de mim, a sós ambos n'uma casa fechada a dizer-me palavras de tanto endoidar; quando senti na minha o contacto d'aquella mão de fogo, que me attraia tão suavemente, e depois aquelle oscillar descompassado debaixo das rendas amarrotadas por minha mão; por um instante perdi a cabeça, e creio que o adivinhou ella nos meus olhos incendiados, porque se levantou immediatamente, vermelha como purpura, e dirigiu-se para a porta do interior.

Abriu-a, e demorou alguns segundos a olhar e escutar para dentro.

Voltou depois, dizendo com voz pouco segura e muito baixa.

— Cuidei que tinha sentido gente.

Esse pouco tempo, porém, foi bastante para eu cair em mim, E seguiu-se uma reacção instantanea e violentissima. Detestei aquella mulher, e tive vontade de a insultar. Como em nós se operam estas methamorphoses tão rapidas, não sei eu; nem faço mais que narrar factos.

Ergui-me, quando ella se vinha chegando, e disse bruscamente.

— Eu vou-me embora.

Em vez de formalisar-se, ella sorriu. Tinha interpretado favoravelmente aquelle movimento. Julgou que eu queria fugir uma occasião perigosa, que não tinha força de dominar. Foi o que julguei do seu sorriso. E por uma volubidade exquisita do meu character, tornei a sentar-me, fazendo commigo proposito de lhe dar uma lieção.

Tudo isto se passou no fulgir d'um relampago.

— Pois então não está bem ao pé de mim? disse ella assentando-se de novamente, mas mais desviada.

— Pois não, minha senhora: excellentemente, o melhor possivel: respondi eu com um sorriso, que ella não entendeu por um sarcasmo. Se me lembrava de sair é porque temia incomodar v. ex.^a

— A mim, incomodar, o senhor Pedro!... É porque não acredita, que nunca em minha vida tive prazer maior.

Por este theor seguiu a conversação não sei por que tempo, que me pareceu a eternidade. Estava aborrecido de morte. A mulher até me perguntou se eu era poeta.

— Não, minha senhora: respondi, reprimindo um bocejo.

— Pois haviam de ser muito lindos versos seus.

— Obrigado, minha senhora, mas que quer v. ex.^a se a rima é-me tão rebelde. Nunca na minha vida achei senão uma; amor e dissabor. E bem sabe v. ex.^a, que versos sem rima não valem hoje nada.

Outra vez a mulher me não entendeu. Levantei-me e offereci-lhe os meus prestimos.

— E então quando o hei de tornar a ver?

A resposta estava-me a saltar. Sustive-a todavia.

— Breve, minha senhora.

— E antes não me fará o favor de dar-me noticias suas? Se alguma vez me quizer dar esse gosto, aqui tem o meu nome.

E entregou-me um bilhete.

Queres agora que te mostre esse bilhete, meu amigo?

Joaquim tinha prestado toda a attenção. Não saberia adivinhar onde Pereira levava a mira com aquella narração, mas, que mais ou menos, comsigo tinha alguma coisa, dizia-lhe o instincto. Respondeu, pois, com ancia:

— Sim, deixa-me ver esse bilhete.

— E se te arrependeres?

— Não me queixarei. Que mais póde ser? Esse bilhete é de alguém de minha familia?

Pedro olhou para elle, e contemplou-o um instante em silencio.

Para que irei eu derramar n'esta alma singella e crente o veneno do ciueme! pensou elle. Mas um mal com outro se cura, e este homem é mal empregado. Devo tremer acaso, quando se tracta de o salvar só porque o meio é um pouco violento?

E tocou a campainha. Veio luz, tomou então de sôbre uma meza uma carteira, e abrindo-a, mostrou um bilhete de visita em relêvo, dizendo:

— Recordo-te que te desejo todo o bem.

— Mas fizeste o peor mal, que me podias fazer: exclamou o mancebo, deixando cair o bilhete.

E depois, passado um momento de desalento, ergueu-se com os olhos incendidos, os labios trêmulos, todo elle em convulsão, e apanhando do chão o bilhete, arrojou-o ás faces do amigo, brandando furioso:

— Mentas, e és um infame. Insultas uma mulher, e atrações um amigo.

Pedro não respondeu.

— Exijo que te desdigas immediatamente: que digas que esta mulher não tem nada com a tua historia, que pouco me importa se é inventada ou não; ou aliás, Pedro...

Não desdigo uma palavra, Joaquim: mas peço-te uma coisa. Vamos a casa d'esta senhora, e ella que me desminta. É o mais que posso fazer.

— Immediatamente.

— Pouco depois os dois saíram.

Eram quasi seis horas, e a essa hora tinha Cesario promettido estar em casa de Luiza.

Lá iremos nós tambem.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA

ADVERTENCIA

Resolvendo-nos a publicar estas nossas cartas intimas, escriptas sempre debaixo das primeiras impressões e com toda a franqueza de pensamento e incorrecção de estylo que lhes são naturaes, só temos em vista archivar n'este jornal da amisade memorias queridas d'um dos periodos mais socegados da nossa vida, e talvez por isso tambem dos mais felizes, e assentar aqui um padrão do como nós sentiamos e pensavamos antes de colhermos a experiencia do trato com o grande mundo, que, a meu vêr, nos faz tão pequenos. Já hoje não saberiamos escrever muitas coisas que então nos sabiam da penna espontaneas, e um dia virá por ventura em que nos será allivio e saudade vir aqui revêr o principio d'onde partimos. Que se nos releve pois fallar, muitas vezes, de coisas e circumstancias pessoaes, visto o fim que temos a franqueza de offerecer por desculpa.

Em compensação as nossas cartas hão de ser alternadas com outras do meu particular amigo o sr. A. A. da Fonseca Pinto, que por certo temos

de sobejo indemnizarão os leitores dos PRELUDIOS do enfado de lêr as nossas.

J. SIMÕES FERREIRA

EPISTOLOGRAPHIA

Dez mezes em Sernache

CARTA I

Meu amigo:—Hontem pelas quatro horas e meia da tarde, depois d'uma jornada feliz e variada, de que mais tarde lhe fallarei, dei entrada n'esta terra que me vae ser patria, não sei por quanto tempo, e que ao primeiro aspecto não pôde ser melhor.

Estou por em quanto hospedado no Seminario, que, pelo que já vejo, não tem de real senão um nome pomposo, como quasi todas as nossas coisas. Chama-se, e provavelmente assim estará inscripto nas Secretariás do Estado. — *Real Estabelecimento Central da Missão portugueza ultramarina*. Com tal nome parecer-lhe-ha incrível que tudo isto se reduza a uns dez ou doze creanças, quasi todos d'além mar, sob a direcção d'um superior, que é, como sabe, o sr. Constancio Floriano de Faria; doutor e lente na faculdade de Theologia.

A casa por si é excellente, e tem uma bella posição topographica. Agora mesmo, sentado á mesa no meu quarto, estou vendo nascer o sol, que me vem visitar primeiro, e depois vae derramar-se sôbre a nevoa d'um valle que ahi me fica defronte, fazendo-o alvejar similhante a um campo immenso de algodão, agitado a intervallos por uma aragem fugitiva.

Por detraz da nevoa, e sobranceiro a ella, eleva-se uma cordilheira de serras em recortes caprichosos, que são o fundo mais appropriado para esse quadro pictoresco.

E esta vista está-me causando tristeza e saudade. Faz-me lembrar a nossa Coimbra, que tão mimosa é de taes encantos, e que não sei quando tornarei a vêr!

Os ares da nossa terra não são menos puros e são bem mais fagueiros. O sol estranho não aquece nunca tanto como o nosso. A natureza mais rica e variada, o panorama mais surprehendente e grandioso, podem deslumbrar-nos, mas não nos tocam se é debaixo d'um ceu alheio. Na nossa terra tudo nos falla, tudo nós entende, tudo nos encanta. Cada pedra da casa que nos viu nascer tem para nós uma historia, uma recordação. Aqui brincavamos nós em pequenos, alli estudámos as primeiras lições, n'outra parte viamos todos os dias a nossa mãe.

Longe pela primeira vez de tudo isso, é agora que me está lembrando quanto hei perdido. E estou triste que não é dizer! Por isso não digo hoje mais nada.

N'outra começarei com a jornada, e ir-lhe-hei dizendo d'aqui o que fôr julgando ou sabendo. O que só lhe posso dizer já é que é a aldeia mais linda que tenho visto.

Sernache do Bom-Jardim, 5 d'Outubro de 1858

J. SIMÕES FERREIRA

ABRANTES

POESIA OFFERECIDA

AO EX.^{mo} SR. BARÃO DA BATALHA

Que ces sites sont doux, que ces lieux sont touchants!

LAMARTINE.

Abrantes! terra formosa,
Paraíso terreal,
Que te miras donairoza
No meu Tejo de christal...
Tu... a quem meu patrio rio
Vem trazer por alvedrio
O feudo do seu amor,
Tu... gentil! que assim o encantas,
Que elle vem beijar-te as plantas,
Como o servo ao seu senhor;

Tu, Abrantes! tens a c'rôa
De rainha entre alcantis
No castello, que apregôa
Passados feitos gentis!...
Tens o manto de princeza
Na risonha natureza,
Que em de redor de ti vês;
Tens o solio de um kalifa,
N'essa virente alcatifa
Que se desdobra a teus pés!

Vetustos padrões de gloria,
Aqui se encontram tambem,
Que os fastos da tua historia
Mil nobres acções contêm!...
Vede-o vós!!... — Feito tão bello
Na tomada do Castello
Por nosso primeiro rei!...
Vede-o, sim!... mas nossos preitos
Render-se-hão a novos feitos
Do valor da nossa grei.

Erguidas sagradas Quinas
No teu soberbo alcaçar,
Vem as hostes marroquinas
Nova conquista tentar!
Em vão!... Que o Deus que, em Ourique,
Dêra alento a Affonso Henrique,
Roja os crescentes no pó;
E, das victorias ao grito,
Foje, vencido e maldito,
O infiel Aben Jacob!...

Novas pelejas empenha
Pero Fernandes, que então
Renegára o Deus de Hespanha
Pelas crenças do alcorão!...
Mas co'as gentes abrantinas
Martim Lopes — pelas Quinas
Faz prodigios de valor;
E vence desbaratando

Todo o exercito execrando
Do renegado traidor!...

Depois vem João primeiro
Os seus aqui reunir,
Quando do jugo estrangeiro
Tentava a patria remir;
D'aqui segue a Aljubarrota,
Onde os hespanhoes derrota,
Hasteando o luzo pendão;
E depois d'essa victoria
Uma pedra aponta a historia
No adro de S. João!...

Tens tambem, ó fresca Abrantes,
De gloria um novo laurel,
Em ser berço dos infantes,
Prole de El-Rei D. Manuel;
Tens filhos de nome illustre,
Que aos teus annaes dão seu lustre:
És dos Almeidas solar,
Tens D. João, bispo da China,
Avelar, que ao mundo ensina
Um desinteresse sem par!...

Tens Zuzarte, tens Soares,
Alvaro Pinto, Chachim,
E outros muitos nos altares
Das lettras patrias... assim
Ruy Dias as lettras ama,
No amor das lettras se inflamma
Castro, bispo do Brazil;
Reitor primeiro em Coimbra,
Garcia d'Almeida timbra
Em ser primeiro ente mil.

Tu tambem foste ditosa
Côrte do grande Manuel,
Outr'ora dada á formosa
Rainha Sancta Isabel,
A essa que em rosas trocava
O pão, que á pobreza dava,
Cobrindo a esmola c'um véu,
Pois que a esmola dada ao pobre,
Quando a virtude a encobre,
São rosas puras do céu!...

Formosa Abrantes ridente,
Teu passado é seductor;
Mas os fastos do presente
Oh! não tem menor valor!...
Mudaram tempos e glorias,
Não se ouve o som de victorias,
Nem da guerra os escarceus;
Mas não mudam estas flôres,
Estes prados de mil côres,
Estes ares, estes ceus...

Mas não muda a limpha pura
Do Tejo meu tão gentil,
Nem a brisa que murmura
Por meigas tardes de abril;

Mas não muda o eterno riso,
Que um perpetuo paraíso
Da natureza aqui faz;
Mas não muda o bello clima,
Que a sentir aqui anima
Os gózos que amor só traz!...

Nem recordes, feiticeira,
Teus passados generaes
Que ahí tens o nobre Cabreira,
Que não soffre hoje rivaes;
Que do Barão da Batalha
O nome illustre se entalha
Em novos... flóreos padrões...
E inda por elle no peito
Sentirão fundo respeito
As vindouras gerações!...

Mas, p'ra que lembrar a guerra
N'esta estancia de prazer?
Se a dôr aqui se desterra,
Se ha dôce vida a viver!...
Guerras aqui só de amores,
Ditosos os contedores...
Ditosas as ovações!...
As armas sejam caricias,
As victorias mil delicias,
Os reductos corações!

De tantas damas ornada,
De tantas damas gentís,
Tu pareces encantada
Celeste mansão de hurís;
És um eden sôbre o mundo,
És um oasis jucundo
Que dás á vida frescor;
Vem as Tagides formosas
Aqui... toucadas de rosas
Tecer cadeias de amor!...

Aqui a vida é um sonho
Embalado no prazer,
Se vem um olhar risonho
Nos nossos olhos morrer;
Aqui as damas são bellas
Como do céu as estrellas,
Como do prado o matiz;
Aqui é um paraíso,
Aqui... quem gosa um sorriso
Não pôde crêr-se infeliz.

Eia, pois, Abrantes linda,
Que o Tejo meu vem banhar,
Acceita o canto que ainda
Te soube a lyra offertar!
Recebe o sincero preito
Que te off'reço no meu peito
D'um affecto tão leal;
Pois, nas delicias que encerras,
És a rainha das terras,
Não tens ua terra rival!...

NO DESCONFORTO UM ALENTO

Bem vindas minhas lagrimas, bem vindas!
CASTILHO, *Ciúmes do Bardo*.

Casta filha do céu, candida lua!
Comparo-te a donzella d'alvas roupas,
Que em vôo desprendido lá dos montes
Pairasse, manso e manso, d'astro em astro,
Derramando no espaço frouxos raios
Da luz dos meigos olhos namorados.

Nos páramos do céu, ardendo em chammas
De branda luz, e d'alvamento brilho,
És a imagem de Deus, e obra sua!
Face do Creador, sorrindo meiga
A quem na terra o louva, o crê e adora:
Nos céus impéras tu como sob' rana
Ante milhões d'estrellas, que rendidas
E timidas se escondem de teu brilho:
Astros, que de si sós, os céus enchiam,
Ante a modestia de teu meigo rosto,
Humildes prestam culto á luz, que ostentas
Suave como a luz d'uns meigos olhos,
E triste como a lampada d'um templo.

Casta filha do céu, candida lua!
Manda ao meu coração um raio ao menos
De tantos mil e mil, que a mim só negas!
Sim! ao meu coração, onde só entra
A luz tórva e cruel do sofrimento!
Sequer dá-me um remanso de saudade,
Em que eu possa chorar maguas passadas,
Maugas do meu viver já bem soffrido!
É pobre o meu pedir! dá-me um alento
Que ajude a minha lyra pobre e triste
A segredar-te as notas do meu culto...
A ti, e só a ti contal-as póde
Quem uma flôr não acha entre os espinhos
Duros da vida, que tão bastos surgem!
A mais ninguem confio os meus queixumes,
Casta filha do céu, candida lua!

Meus dias, como as folhas da roseira
Soltas ao vento assolador do outomno,
Vão cahindo em chão de desalento
Ao sôpro abrazador da desventura!
Amei!... Foi-me o amor viso d'esperança
De ter inda na terra um paraíso!
Após comprida noute, eu via a aurora
Precursora da luz, fanal de crenças
Aquecidas ao sol d'uma ventura!
Mas rapido o clarão da luz celeste
Brilhou, que quando a face olhei d'esse Anjo
Viçosa e bella flôr lhe despontava
Já em seu coração, e um nome d'outrem
Seus tabios tão mimosos repetiam!
Diziam n'um suspiro vindo d'alma
O nome que no peito escripto tinha!
Sellavam c'um suspiro atroz sentença,
Não de morte final, mas de martyrio
Constante, e já sem termo n'esta vida!
Foi o golpe do raio após o brilho

Que em trevas sepultou meus tristes dias!
E então filha do céu, candida lua!
Só harpejos de dôr, nenias sentidas
Suspirou minha lyra em seus queixumes.
Só a febre na sêde da ventura,
Que olhei, que vi sem vêr, brilhar, sumir-se,
Ficou p'ra devorar meu peito afflicto:
Mas tu filha do céu, candida lua!
Dá-me um remanso de saudade ao menos.

E dêste-m'o!... N'esta hora solitaria,
Já de teu meigo-rôsto um doce raio
De luz consoladora concedeste
A quem tal bem na terra não achava:
Um instante me dêste de confôrto,
Ouvindo meus suspiros, vendo o pranto,
Que á minha dôr meu coração negava:—
Foi a gôtta do orvalho no deserto,
Foi a flôr em campo árido e triste:

Mas tudo em fim se acaba!... irás em breve
Longe, e onde meus olhos não te avistem,
Levar o balsamo e o confôrto amigo
A quem, talvez como eu, gema sósinho!
Pois vae, filha do céu, candida lua!...
E não esqueças aquelle que a ti só deve
Este instante de paz, em que da vida
O athaude triste ancorei breve
No porto da saudade! o desalento
Volta ao meu coração... não póde o morto
Chorar a vida ás portas do seu tumulo!
Adeus candido astro da saudade!

Coimbra, 2 de Maio de 1860.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ANALYSE DOS LUSIADAS DE CAMÕES, (Appenso).
Edição do sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, ver-
dadeiro amante das lettras patrias, como o mos-
tram os grandes serviços que em poucos annos
lhes têm prestado, fazendo sair á luz obras de bas-
tante merecimento, que a não ser elle, quiza, fic-
ariam sempre ignoradas ou pelo menos esquecidas.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE adiantadamente, no acto
da recepção do 1.º n.º, EM COIMBRA, no Escripto-
rio da Redacção do mesmo jornal.

Preços

1.º vol. (brochado) 1\$600

2.º volume

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno.....	1\$210	Anno.....	1\$480
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
Por mez—120 réis		Avulso—40 réis.	

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

OS ENGEITADOS E AS RODAS

Continuado do n.º 2, tomo II.

III

Aos que condemnam as rodas, como anti-economicas, não lhes podemos responder. Avaros do coração, é a torpeza da propria avidez que os condemna; refutam-se a si proprios. Os que vêem n'ellas um estímulo de desmoralisação, e uma causa geral de miseria, crêmol-os victimas d'uma illusão, e é forçoso dar-lhes uma resposta.

Affigura-se-nos, que os adversarios das rodas não attentam bem na sua essencia e fim; e que olham apenas para a instituição, como ella ahi vive, rachitica, incompleta, e contraria inteiramente ao que deve ser por sua propria natureza. Já o dissemos, a instituição das rodas, como existe hoje, é uma verdadeira calamidade social, e indigna dos sacrificios, que exige. Julgar que se evita um infanticidio, porque existe uma casa, onde se recebem os engeitados, é uma lamentavel illusão, se não um erro crasso. Falam os factos tão alto, que, continuar n'este engano d'alma, é antes um crime. Em lugar do infanticidio rapido, violento, que se crê evitar (e nem sempre se evita) existe um infanticidio lento, mil vezes porisso mais criminoso. Quem mata n'este caso é a lei. É outro crime, ou, se querem, deficiencia da lei, o abandono imprevidente, que ella faz dos expostos n'uma idade, em que elles, por si proprios, não podem procurar meios de existencia.

Contra-senso notavel! foram tão miopes os nossos legisladores, que não viram que é n'aquella idade, que aquelles infelizes mais careciam da protecção da lei!

O resultado d'esta imprevidencia e crueldade da lei, é manifesto; são outros tantos proletarios, ou desventuradas meretrizes, que ella lega á sociedade.

Legado funesto, para conjurar o qual devem convergir todos os esforços d'uma sociedade, que quizer ser, primeiro que tudo, moral. É opinião nossa, que os esforços da communidade só secundariamente devem vir em auxilio do individuo, pois a este toca curar principalmente do seu bem-estar. Tal não pôde ser na hypothese excepcional, de que nos occupámos agora.

Maio—1860

O homem, só depois d'um certo desinvolvimento physico e intellectual, é que pôde curar de si, ser previdente e providente. Antes d'isso, é um verdadeiro cego, que precisa de quem lhe dirija os passos, e o affaste dos abysmos de que o mundo está cheio.

É a familia, que se encarrega d'esta missão. Mas o engeitado, coitado d'elle, não tem familia, senão fôr a sociedade; só no mundo, vêl-o-heis morrer de fome, ou mais tarde então, figurar na phalange dos altos criminosos. E porque? porque a lei, antes d'elle, tinha sido criminososa.

N'uma epocha verdadeiramente materialista, não obstante a *espiritualidade*, com que tanto procura enfeitar-se (talvez porque é uma necessidade da moda affectar ser aquillo, que se não é), é difficil uma refôrma, para effectuar a qual é necessario, sobre todas as cousas, amor do proximo.

Sendo impossivel, como nos parece a nós, pelas razões que apresentámos nos artigos precedentes, evitar a exposição dos recém-nascidos, reputámos necessaria, economica, politica, e moralmente uma instituição, que sirva de mãe adoptiva d'esses infelizes, victimas innocentes do crime.

Chamem-lhe, a essa instituição, rodas, hospicios, etc., ou o que lhes convier melhor, que nós não discutimos palavras, quando o fim se consegue.

EDUARDO J. COELHO

FELICIDADE E RIQUEZA

L'homme est comment l'arbre qu'on secoue pour en faire tomber ses fruits: on n'ébranle jamais l'homme sans qu'il en tombe les pleurs.

LAMARTINE

I

Era em Agosto; n'uma d'essas suaves tardes de verão em que o sol; prestes a mergulhar-se no occaso, inunda com seus raios avermelhados os cumes das montanhas, emquanto os valles se vão envolvendo nas escuras sombras da noite: n'uma d'essas tardes em que, maravilhados os olhos com as bellezas da creação, sentimos a alma povoar-se de sentimentos de amor e gratidão para com o auctor da natureza. E na verdade, a perspectiva que se des-

enrolava ao longe ante meus olhos era muito propria para fazer nascer sentimentos taes; perspectiva como ha tantas no nosso bello Portugal e especialmente na pictoresca provincia do Minho.

Ao longe o horizonte é limitado por elevadas montanhas e aprumadas serranias, povoadas aqui por bosques magestosos de carvalhos e castanheiros, acolá por sôbrepostos penedos, que lhes den-teiam o cume: em um ou outro pico mais elevado vê-se a branquejar a capellinha d'algum sancto; e o trilho que lá vae ter, seguindo as ondulações da montanha, dir-se-hia, visto de longe, uma longa fita tortuosa, lançada caprichosamente pelo dorso do monte.

No valle, por entre o denso arvoredado que o borda, se avistam a furto numerosas aldeias com seus campanarios, e lá ao longe se ouve o estrondo do rio, que se despenha de pesqueira em pesqueira, formando pequenas cascatas e como para augmentar a magestade da scena se elevam lá ao longe, illuminadas pelos raios moribundos do sol, duas altas e antigas torres d'um convento grandioso, cuja côr negra indica, que muitos annos lhe têm roçado a frente; as quaes, subindo do denso das arvores que as cercam, parecem duas sentinellas encarregadas de velar nas povoações vizinhas, protegendo-as com a egide da religião. Tudo isto se apresenta aos olhos admirados e bem justifica o apellido dado a esta interessante provincia — de jardim de Portugal.....

O sol se tinha de todo occultado no occidente; as sombras do valle tinham subido ao cume dos montes, e o manto azul dos céus se recamára de estrellas: anoitecera, e dentro em pouco a lua, apparecendo por detraz da montanha, se elevára grave e magestosa pela amplidão dos céus, derramando sôbre a terra sua luz melancholica.

Que sensações se experimentam n'uma noite de luar! É então que a natureza se nos apresenta tão rica de poesia, tão deslumbrante de sentimento, que a alma como que se desliga dos laços materiaes, que a prendem ao corpo, para voar ao infinito, remontando a essa ideia immensa, absoluta e eterna, que enche o espaço — a Divindade — que assim pensava o nosso divino Garret, quando dizia: «Este sonhar acordado, este scismar poetico diante dos sublimes espectaculos da natureza, é um dos grandes prazeres que Deus concedeu ás almas de certa tempera.»

A julgar por isso que fica escripto, não pense porém o leitor que vae assistir a uma longa historia recheada de acontecimentos imprevistos e peripecias extraordinarias, pois que redondamente se engana: o que lhe apresentámos é unicamente uma narração simples e singella, despida de galas e atavios, que sómente tem em seu favor o ser verdadeira e real, e não imaginada e fabulosa; e posto isto entremos n'ella sem mais demora.

A familia de Domingos, pobre mas honrado e activo lavrador, tinha recolhido do trabalho em que consumira todo o dia, e estava sentada á

porta de casa em contemplativo silencio, com os olhos fitos na lua, que silenciosamente ia subindo nos céus.

Domingos era, como se disse, lavrador, e cultivava com religioso cuidado o eido e os pedaços de terreno, que seu pae lhe deixára. Ao vêr esses profundos sulcos, que lhe enrugavam a fronte, attendendo aos olhares prenhes de receios que lançava sôbre seus filhos, não seria difficil conhecer que o futuro d'estes seriamente o preocupava. E assim era: o seu estado se approximava muito da pobreza; as sementeiras tinham pela maior parte falhado, e depois de deduzidas as rendas do senhorio, pouco lhe ficaria para os alimentos do resto do anno. O seu viver que até ahí déslisára placido e socegado, como humilde regato em escuro valle, começára a agitar-se e a encapellar-se ao sôpro da pobreza. As suas unicas esperanças estavam postas em Francisco, seu filho mais velho, que tencionava mandar para o Brazil: mas, para as realisar, tinha a luctar com um obstaculo grande, qual era o arranjo de meios para pagar a viagem. Fôra esta nuvem negra, que lhe offuscava o horizonte esperançoso que imaginava para seu filho: o bom do homem esperava apertar ainda nos braços o seu caro Chico, que havia de voltar á aldeia convertido n'um brasileiro abastado.

D'estes e outros serios cuidados o arrancou porém a voz da sr.^a Rosa, sua estimavel companheira, que o chamava para comer a modesta ceia, que acabava de preparar; e dentro em pouco toda a familia, depois de ceada, resada e deitada, esquecia no somno os trabalhos do dia, colhendo novas forças para continuar as fadigas do seguinte.

II

Joaquim de Mesquita era um proprietario que habitava na mesma aldeia de Domingos. Sem ser muito rico, tinha bastante para sustentar-se com decencia. Já viuvo no tempo em que se passaram os acontecimentos que referimos, a sua familia compunha-se d'uma filha unica. — Adelaide se chamava ella. Não nos servindo para a sua pintura das expressões usadas em taes occasiões, sómente diremos que era impossivel vê-la uma vez só, sem experimentar desde logo uma sensação profunda, e sentir-se captivado o coração. Sem mais ninguem para quinhoar a sua afeição, tinha o velho pae concentrado na filha de seus amores todas as suas esperanças; o desobedecer a um desejo, a um capricho da sua filha amada seria para elle o maior dos crimes. Quasi da mesma idade de Francisco, educados juntos, crescidos ao mesmo tempo, companheiros nos brinquedos infantis, não poderam deixar de sentir um pelo outro, uma amizade de creanças, que se foi convertendo em amor profundo e reciproco: amor tanto mais singello, que, costumados a verem-se diariamente, a fallarem-se sem reserva, não podiam imaginar no futuro causas ou motivos alguns, por que se interrompesse e acabasse uma convivencia, arreigada e fortalecida

pelos annos, pelo tempo. Não sabiam ainda que o mundo despresa os sentimentos puros e nobres, e só attende áquillo de que Francisco carecia, e cuja falta ainda não avaliára. Era elle um moço intelligente, probo, dotado das melhores qualidades; faltava-lhe porém isso a que se curvam todas as cabeças, ante quem desaparecem todas as difficuldades, a que o mundo dá toda a consideração, o dinheiro!—Com elle alcançaria a mão de Adelaide, sem elle os seus sentimentos seriam repellidos e calcados aos pés, porque o velho pae por modo algum se resolveria a dar sua filha a um pobre-saíma, que não tinha bastante metal para a... *receber*, como se ella fôsse uma vil mercadoria, que se troca por um punhado de peças de ouro.

Dinheiro, Dinheiro! decididamente és o rei do mundo! Comtigo ha merecimentos, ha virtudes, ha tudo, e sem ti nada, absolutamente nada. Mas por que não seria assim? se é com elle que occorremos a todas as necessidades, que se adquirem faustuosos vestidos, brilhantes endereços, com que se eclipsam amigos e rivaes: que importa que a alma esteja despida dos sentimentos melhores, de tudo o que é virtuoso, nobre e elevado, se o corpo anda bem ornado, e de vistosos enfeites?.....

Joaquim de Mesquita, que não queria para genro senão quem levasse dinheiro para o fim altamente justo e razoavel de occorrer aos encargos do casal, conhecendo o risco de deixar crescer e existir esse amor, que se manifestava entre os dois jovens, tratou de lhe pôr termo, fazendo ver a Francisco, que a pobreza eclipsa as melhores qualidades d'este mundo, e prohibindo-lhe d'ahi por diante a entrada em sua casa. Esboçar o desespero dos dois amantes será difficil. As cartas, em que desabafaram os sentimentos de que estavam dominados, iam trasbordando dos maiores protestos de fidelidade, e o pobre rapaz resolveu embarcar de pressa para adquirir esse tão fatal dinheiro, de que dependia a sua felicidade. Adelaide entre lagrimas consentiu no projecto; e, chegado o dia da partida, se arrancaram dos braços, um do outro, jurando uma fé constante.

III

Dez annos se passaram depois d'aquelles acontecimentos.

Estamos na primavera, n'essa deliciosa estação em que a natureza só respira poesia e amor.

Amanhecêra um bello dia e o sol radiante lançava seus raios vivos sobre a vegetação, que balouçava brandamente. Era meio dia quando á aldeia de... chegou um figurão bem vestido e montado, que a todo o galope se dirigiu para a casa de Domingos, sem se importar com as cabeças, que appareciam de todos os lados, examinando-o com curiosidade, e perguntando quem seria. Mas o recém-chegado já o leitor o reconheceu: pela emoção que se lhe divisa no rosto ao ver essas casas, essas arvores que parecem não lhe ser estranhas, pelo profundo abalo que sentiu ao ouvir o pequeno sino da aldeia, que n'esse momento annunciava

estar o sol em meio curso, dir-se-hia, que esses logares, esse som lhe despertavam saudosas recordações de tempos passados.

E na verdade, nem mais nem menos, era o nosso Francisco, que, tendo adquirido boa fortuna, chegava do Brazil, e voava á terra natal para rever seus velhos paes, sua amante, todos os que lhe eram caros. Eil-o que galga os modestos degraus da casa paterna, entra ancioso; mas o espectáculo que se apresentou ante seus olhos, o fez recuar pallido e atterrado. Seu pae estava deitado no leito da morte. Ao sentir barulho perto de si, volveu a cabeça, e reconhecendo o filho, os olhos se lhe reanimaram, uma alegria celeste se lhe estampou no semblante, e sua alva cabeça ainda teve força de se levantar do travesseiro para melhor o examinar. «Louvado seja Deus, murmurou por fim, que attendeu ás minhas súplicas; uma voz íntima me segredava que não morreria sem te ver. Agora sou contente, posso partir; mas por que vens tão tarde? Sinto a morte chegada a mim e em breve serei reunido a tua mãe, que me espera.» As palavras do ancião faziam verter copiosas lagrimas ao mancebo, e, quando elle lhe expirou nos braços, sua dôr foi excessiva.....

Uma esperança porém lhe restava ainda. Agora que era rico, nada se oppunha á sua união com Adelaide, que mais do que nunca lhe era necessaria para partilhar a sua dôr e encher o vacuo deixado pela morte do pae. Desgraçado! essa última esperança tambem a devia perder. Adelaide desde muito tempo que estava casada. Um velhote se apresentára a titulo de pretendente, e, como ia recommendado pelo dinheiro, que lhe enchia as algibeiras, Joaquim de Mesquita lh'a concedeu sem difficuldade; e ella, reconhecendo não ser prudente deixar o certo pelo incerto e o presente pelo futuro, não duvidou trocar seu corpo pelas riquezas do velho. Era um contracto como outro qualquer.

IV

Hoje o sr. Francisco da Silva é um rico proprietario, tem um bello palacio e gosa no mundo das maiores considerações em razão dos seus avultados capitaes, etc. etc. Será porém feliz? se elle vos respondesse, dir-vos-hia que de bom grado trocára toda a sua riqueza pelo tempo obscuro da sua mocidade, pobre de dinheiro, mas rico de illusões e amor. Entendam lá o mundo e o homem!

Outubro de 185...

J. M. DA SILVA PIMENTEL.

CANDIDA

I

Um segredo.

Lisboa é incontestavelmente a melhor terra de Portugal para passar um inverno quem, tendo um certo numero de relações, tem tambem os meios necessarios para as sustentar. Para esses a socie-

dade jámais falta, as companhias não se fazem desejar, e os divertimentos succedem-se numerosos e variados.

Mal porém os calores de junho se approximam, em logar de aquecer, essa ancia de gosos, principia a arrefecer na razão directa dos graus do thermometro, e os que mais influentes eram por ella principiam a aborrecer Lisboa e a anhelarem pelo campo.

Ha então uma revolução em todas as familias; discute-se acaloradamente a necessidade de sair d'aquelle ar, em que se abafa, e, decidida ella, entra no campo da discussão a escôlha do logar, em que se deve passar a estação dos calores.

Todos appellam para Cintra e a epocha de Cintra principia.

A aristocracia, tanto de pergaminhos como de dinheiro e formosura, determina-se por a patria dos amores de Bernardim Ribeiro, não porque alli se bebem as inspirações, que bebeu o poeta, mas porque alli cada noute é festejada por um esplendido baile, cada tarde por um animado passeio, cada dia por um abundante jantar e cada madrugada por a perda d'uma fortuna em frente d'uma mesa de jôgo.

Cintra torna-se então um theatro animado aonde se vae concluir o spectaculo começado dias antes em Lisboa, e as scepas do drama são alli tão interessantes e imprevistas, que d'um dia para o outro se vê um amor viçoso e palpitante, trocado em indifferença atroz; um infeliz hoje, ditoso no dia seguinte; um filho obediente até esse momento, perdido d'ahi ávante por o primeiro amor, que ahi o fascinou, e um poderoso hontem, arruinado amanhã, porque encontrou um cavalheiro, a quem apertava respeitosa e a mão nas primeiras sociedades, e que lhe roubou a sua fortuna em uma carta, que por um acaso appareceu na mesa primeiro um instante, que outra.

A epocha da emigração de Lisboa era chegada, porque estamos em fins de junho; e o general S.^{ta} Barbara entrára em sua casa contente, porque acabava de alugar um bonito palacete em Cintra, aonde tencionava passar o verão com sua filha. Fazamos primeiro conhecimento com os actores da scena, que vamos descrever.

Leão Trigoso de S.^{ta} Barbara era um Marechal reformado, que habitava uma bella casa em Lisboa, e, possuindo uma boa fortuna, apezar de militar, vivia só para sua filha, que fazia a admiração de todos que a conheciam.

Retirado de ha muito do serviço, casara-se 20 annos antes com uma senhora, pertencente a uma das mais nobres familias da capital, que poucos mezes depois perdeu, ao dar-lhe o fructo querido d'esse tão curto amor. Desde a morte de sua esposa, o general, isolado no meio d'uma sociedade, que adorava principalmente em sua casa as brilhantes soirées e abundante serviço de mesa, principiou a despresal-a e a viver só para sua filha, que devia supprir ao pé d'elle o logar da perdida esposa.

Na educação de Candida empregou todo o esmero e applicação, e na epocha em que nos achámos, via completamente recompensados os seus cuidados de pae; com effeito, em 1856, Candida, tinha completado os seus 19 annos, e n'essa idade nada deixava a desejar. Em extremo delicada, o seu corpo era flexivel e airoso, como a haste da flor, que se verga ao sôpro da aragem tepida da tarde; as suas formas perfeitas e excessivamente bem talhadas; e as suas feições sympathicas e engraçadas. Branca, mas bastante descorada, seus olhos tinham uma expressão de melancholia, que tocava; o rôsto oval e pallido um ar, que respirava a candura e innocencia; e a voz maviosa e terna, um timbre tão melodioso e irresistivel, que fascinava. Candida junctava a todos estes dotes physicos uma esmerada educação, boa indole, modo de pensar nobre e justo, e sôbre tudo um amor louco pelo pae.

O general S.^{ta} Barbara, no dia em que principiámos esta narração, entrando em casa, encontrou sua filha no seu gabinete de trabalho, sentada em frente d'um bastidor, mas com os olhos fixos no bordado, que tinha principiado, a cabeça pendida sôbre elle e a agulha parada.

Absorvida nos pensamentos vagos dos seus 19 annos, Candida não deu por a approximação de seu pae: com um vestido de caça de côr clara, a delicada cintura era-lhe apertada por uma fita de sêda, clara tambem, e todo o seu *toilette* simples e elegante; apenas se perdia nos fios lustrosos do seu abundante cabello preto uma flor, negligentemente prêsa, em quanto esse mesmo cabello, levemente ondeado, era penteado com toda a simplicidade e elegancia.

O gabinete, em que se achava, era pequeno, mas ornado com um luxo e riqueza, que bem accusavam o gôsto dos seus habitadores. Duas janelas rasgadas se abriam sôbre um jardim assombrado por uma extensa rua de acacias floridas, através das quaes se via ao longe o Tejo, resplandecendo ao sol brilhante de junho, em quanto nos arbustos do jardim gorgeavam e brincavam, por entre as flores mil avesinhas dispersas.

O general entrára, approximara-se vagarosamente, encostara-se ás costas da poltrona em que estava sentada sua filha, e deixou-se ficar silencioso e quêdo para não perturbar aquella meditação de innocente.

Ella porém continuava a permanecer immovel; e seria o gorgeio alegre das aves, que a entretinha?... seria a aragem perfumada e meiga da manhã, que a embriagava?... seria a pureza e amenidade do céu, que a fazia pensar?... e em que pensaria ella, tão innocente e formosa, tão adorada e querida, tão rica e feliz?

Os 19 annos trazem isso comsigo: ás vezes, quanto mais risonha se apresenta a natureza, mais brilhante se mostra o futuro e mais carinhosa a amizade, dos que nos eercam, tambem mais inexplicavel é a agonia, que nos parece comprimir a alma, mais triste o desgôsto, que

nos acompanha, e mais exigente a impaciencia, que nos persegue.

Candida estava em uma d'estas occasiões. Principiára para se distrahir d'um momento de tristeza, que não podia explicar, que era quasi o presagio d'um desgosto, o receio d'uma desgraça proxima, por se sentar em frente da janella, que deitava para o jardim; lançára depois mão do bordado, que tinha dias antes começado, mas em pouco tempo sentira, que seus olhos se erguiam d'elle, fixavam por um momento as flores, que bordavam as ruas do jardim, levantavam-se depois ao céu, e iam-se em seguida perder nos confins do horisonte, caindo por fim sôbre o bordado outra vez; sentira ainda, que em tórno a ella soprava a aragem perfumada de manhã, gorgeavam as aves, brincavam os raios do sol, mas a agulha permanecia parada: os olhos não se lhe despejavam do bastidor, que não viam; e a alma não lhe acordava do torpor em que tinha caído.

Seu pae tinha chegado; e ella, sem o ouvir ainda approximar, continuou n'aquella indizível meditação. Passado um momento ergueu pausadamente os olhos ao céu, e um suspiro vagaroso e prolongado lhe fez agitar brandamente os seios; mas a fronte pendeu-lhe outra vez sôbre o peito e permaneceu na mesma immobilitade.

Santa Barbara ouvira porém aquelle suspiro, e uma dôr lhe desceu ao coração; lêra n'elle a expressão d'uma mágua, d'um desejo, e com voz afflicta exclamou, deixando cair a sua mão trémula sôbre o delgado hombro da filha:

— Candida, minha filha... soffres?

— Ah! gritou ella surprehendida e assustada; meu pae!... estava aqui... que dizia?...

— Sim, minha filha; estava ao pé de ti ha mais de cinco minutos, e tu nem tinhas sentido, nem tinhas adivinhado teu pae, que te ama tanto!...

— Eu?...

— Sim, tu; mas estavas triste? ..

— Eu... não, meu pae.

— Estavas sim... não o procures encobrir... mas dize, minha filha, em que pensavas tu?...

— Não sei... ás vezes... nem eu sei, meu pae... mas tenho uma vontade de chorar, uma afflicção...

E a pobre creança sentia realmente as lagrimas borboalharem-lhe nos olhos.

— Candida, minha filha, continuou o general commovido, mesmo a seu despeito, abre-me o teu coração, não me escondas nada; sou teu pae; quem mais te pôde amar do que eu?

Candida caiu-lhe nos braços chorando e murmurou:

— Perdão, meu pae, perdão... mas eu já não estou triste... já não choro, olhe, não vê?...

E por entre as lagrimas, que lhe banhavam ainda as faces, transparecia-lhe um sorriso, tão meigo, tão candido, que o pobre velho beijou-a ainda uma vez, e com voz palpitante de esperança exclamou:

— Assim, minha filha, assim é que eu quero vêr-te sempre... Oh! como agora me sinto viver...

E já não soffres, não? Olha, meu anjo, vinha trazer-te uma novidade, queres que t'a diga?...

— Quero, quero... pois já me ha de castigar por lhe ter dado um desgosto?

— E não achas que era bem feito?...

— Mas... eu...

— Pois está bom; sempre te direi tudo, apesar de vér ainda esses olhinhos vermelhos... Ora diga, minha senhora, lembra-se do que me pediu ha dias?

— Eu...

— Sim... tambem é esquecida? pois eu lh'o lembro... e veja, que apesar de ser um velho não sou tão esquecido como a menina... Amanhã vamos para Cintra.

— Amanhã...

— É verdade; amanhã...

— Mas...

E Candida sentiu ainda os olhos arrasarem-se-lhe de lagrimas, as côres fugirem-lhe das faces, e um tremor agitar-lhe os membros.

— Então que é isto?... temos outra vez choros... Pois tu ainda outro dia querias ir para Cintra e agora...

— Não, meu pae... é impossivel .. amanhã já!...

— Então que tem que seja amanhã já?... Está tudo prompto, temos lá uma linda casa... e então em Cintra, am? até aquelles ares te hão de fazer muito bem... Ora vamos, mais um beijo a teu pae, e não chores... não quero nunca vêr-te chorar...

O general abraçou-a ternamente, beijou-a na testa e saiu voltando-se ainda para lhe sorrir. Mal porém desapareceu, Candida deixou-se cair sôbre uma cadeira, escondeu a fronte nas duas mãos e balbuciou.

— Perdão, meu Deus... perdão para mim e para elle... e deverei enganar, quem me ama como meu pae... Oh! que farei... que farei?...

Passado um momento de abatimento, ergueu-se resolutamente, abriu a porta do seu quarto, sentou-se a uma secretária toda marchetada de prata e tartaruga e escreveu á pressa um bilhete. Acabado elle tocou uma campainha, appareceu uma criada, entregou-lhe o bilhete, que acabava de escrever, e disse-lhe:

— Esta carta já, já para elle; sim; Carlota, sim?... tem paciencia, mas... não sabes?... meu pae quer levar-me amanhã para Cintra, e bem vê... é preciso que lhe falle hoje. Anda, minha Carlota, não ha um momento a perder.

A criada saiu e Candida deixou-se outra vez cair em uma cadeira, murmurando:

— E virá elle?... se não recebe hoje a minha carta... Oh! meu Deus... tende compaixão de mim.

Escondeu depois a cabeça nas mãos e não se ouviu depois mais que o entrecortado dos soluços e o abafado do choro.

A carta, que tinha acabado de escrever, continha apenas estas palavras.

« Julio.—Meu pae quer amanhã levar-me para Cintra. É preciso que te falle... Vem hoje ás 11

« horas da noite... no Jardim. Ama-me, Julio;
 « não queiras matar-me e matar meu pobre pae.
 « Não te esqueças, hoje ás 11 horas... Adeus...
 « vens, sim?... »

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

RESPOSTA A UM PEDIDO D'UMA SENHORA

Donzella, que pedes ao bardo do Senhor? não sabes, que no portal do templo pendurei a harpa minha a Deus sagrada? não vês, que só devo vibrar-lhe as cordas, para entoar em honra d'Elle hymnos festivaes, ou funebres canticos?

Mas quem não cabirá fascinado ante os encantos d'uma mocidade pura, ante o mago talisman da virtude? podia eu desobedecer á virgem, que me faz pensar no céu, porque recorda aos filhos da terra os anjos, que vivem lá?

Em arida encosta d'alta, fragosa serra nasceste qual camelia: os roseos, humidos dedos de matinal aurora, arrociam-te a corolla de meigo pranto: o sol, erguendo a fronte coroada d'aurea luz em berço purpurino, allumia ridente os escavados pincaços da Estrella, e compraz-se em beijar e aquecer com seus doces raios tuas petalas mimosas.

Fresca e formosa, como a rosa, que do Japão nos veio, viçaste e cresceste; e os tufões violentos, e as rajadas frias do nordeste deram-te novo brilho. Virgem do Senhor, escuta um conselho. Nos ruidosos festins das sallas, não de dizer-te enganosas fallas.

Lá onde o amor é cálculo não de cercar-te férvidas homenagens: não de louvar os encantos, os mimos, as graças mil, que, para adornar-te, em ti prodiga espáziu a natureza; não de chamar-te rainha, porque tens da belleza o condão, que enfeitua o coração: não creias; que de labios á mentira affeitos jámais sahio verdade. Impia turba de cortezãos, eivados de paixões damnosas, para quem a vida é de torpezas teia urdida, ha de dizer-te, que quer erigir-te altares, e adorar-te, como fiel, prostrado no pó do templo, adora a ostia sacro-santa, que foi deposta em sacrario augusto. Não de dizer-te, que te viram nas trevas e no martyrio do existir, como nauta atribulado em mar irroso vê no cerrado horisonte scintillar radiante estrella, que o guia a almo porto, onde acha abrigo; que te amam, como viajero sequioso em areal abrasado ama o verdejante oasis, onde ha fresca lymphá, que lhe apaga a sede, e lhe avigora as forças; não os creias; que vís escravos se fingem agora, para serem depois altivos senhores: é essa a linguagem falsa, d'onde destilla o acre veneno, que a lisonja, qual vibora entre flôres, tentará verter em teu coração, vaso immaculado, onde florescem as nobres aspirações, e os bons affectos, como em ara sancta ardem tenues grãos de fragrante incenso. Não confies na belleza: vês a florinha, que esmalta ameno prado? de manhã rica de côres, e rescendente de perfumes, brilha e parece

deleitar-se ao sentir-se aeariciada por branda vi-
 ração: no fim da tarde estorce-se agonizante na
 haste açoutada por ardente suão; e morre quei-
 mada, e jaz murcha no chão. A grinalda entre-
 tecida de rosas é linda hoje; mas ha de cair-te desfol-
 lhada da fronte, ao roçar da aza inflexivel do tempo.
 A belleza é meteoro, que fulgura inflammado um
 instante na amplidão do espaço, para cahir logo
 apagado; é luz, que lampeja um minuto, qual re-
 lampago veloz; é arbusto, que viridente medra
 um dia no valle, secando alfim tombado pela furia
 do vendaval. Crê sempre em Deus, como o nau-
 frago aterrado crê na ultima tábuá, que lhe ficou
 do baixel partido contra as vagas. Tem esperança
 n'elle como o viajante, transviado em noite tor-
 mentosa, espera abraçar a esposa querida, e bei-
 jar os tenros filhos.

Ama-o, como o infante ama a mãe carinhosa,
 que o aperta ao seio, e lhe depõe na face ferven-
 tes osculos. Anjo errante na terra, lembra-te, do
 céu, d'onde vieste, como em lôbreço e escuro car-
 cere se lembra o infeliz captivo de ver ainda o
 brilho do firmamento, e o azul do mar, a relva,
 que tapeta as campinas, e a verdura, que veste
 as collinas.

Anhela por elle, como o pobre desterrado aneia
 em longes e estranhas terras por descansar no re-
 gaço da patria amada. Que a virtude seja o leme,
 que te encaminhe no pégo da vida, d'escolhos se-
 meado; que ella seja a egide, que te proteja no
 batalhar renhido, que has de travar com o mundo;
 que seja bronzea columna, a que te encostes, quando
 vacillares na lucta; que ella seja o sceptro, com
 que reines aqui; que ella te sirva de flammejante
 espada, com que conquistest a mansão, onde o
 Senhor tem o solio seu: é tua agora, não a dei-
 xes cahir da mão: aperta-a e brande-a bem, que
 ganharás a corôa entrelaçada de viçosos louros,
 que lá do Empireo te mostram legiões d'archan-
 jos. Que ás illusões risonhas, que ora te affagam
 a phantasia, se não sigam nunca amargos desen-
 ganos, que pungem a alma.

Que os formosos sonhos, que te enebriam a
 mente, promettendo-te a felicidade lá em vago fu-
 turo, não terminem em acordar desconfortado e
 triste.

Que teu rosto puro e limpido, como céu sem
 nuvens em dia de florente primavera, não seja fe-
 rido pelo raio do infortunio; que os sorrisos, que
 ora o illuminam e aformoseiam, se não troquem por
 lagrimas, que o escaldem e crestem, como lava,
 que rebenta do coração a estallar, por entrar lá
 angústia suprema. Que no caminho da vida, que
 vês hoje recamado de flôres, que admiras, não
 cresçam nunca espinhos, que te magôem; que
 teus labios não próvem amargoso absyntho na
 eburnea taça, que te sabe agora a mel suave. Não
 sonhes, virgem casta. Depois d'um bello dia en-
 feitado de gallas, e enriquecido de primores, custa
 muito ver chegar tenebrosa noite, em que medo-
 nha tempestade faz ouvir seus longos e temerosos
 bramidos. Pensa bem. O mundo não é tal, como

elle se reflecte no espelho da tua alma. Santo, infavel gôso será para mim aspirar cá de longe o ardor balsamico, e ouvir as harmonias divinas, que sahirem do teu sanctuario.

Que os seus umbraes só cruze quem fôr digno.

Cá de longe me curvarei reverente ante a innocencia, que é d'elle a mais esplendida decoraçãõ. Cá de longe ajoelharei, rendendo sincero culto ás tuas virtudes, como, ante urna de crystal, onde está reliquia veneranda, ajoelha fervoroso peregrino.

Da tua vida o livro só encerra ainda páginas brancas. Não podêr eu gravar lá uma só palavra, — a felicidade!! Abraçado na flor dos annos á cruz de Christo, nobre pendão, por que jurei combater, pedirei a Deus, que velle pelo anjo, que creou: prece intima, ardente, sahida de peito aquecido pelo fogo de juvenil idade será a minha; e levada nas azas da fê, subirá da terra, e chegará aos pés de seu throno. Nos momentos saudosos, em que o teu nome me acudir á memoria, acordarei com elle os eccos da minha solidão; e grato consôlo será para mim fazer sentidos votos pela felicidade da virgem do Senhor.

Maio 3 de 1860

EPISTOLOGRAPHIA

Dez mezes em Sernache

CARTA II

Meu amigo. Como entre nós são escusadas etiquetas, relevará que seja eu o primeiro que encete a nossa correspondencia sem esperar pela participaçãõ do estylo da sua chegada.

A estas horas deve estar em Sernache, e com boa jornada, por quanto o tempo conservou-se sempre amoroso, bafejando com seus mimos as horas da sua digressãõ. Confesso que estou ancioso por saber de si, como o receberam na Lagarteira e no Seminario; se lhe custou trepar ás montanhas que dizem se encontram ingremes no caminho; emfim se fez a jornada só com aquelles incommodos inseparaveis d'ella.

Tenho por escusado dizer-lhe o quanto me custa esta separaçãõ: por muitos e affeioados amigos que tenha, nenhum comtudo perde mais com esta ausencia do que eu; nenhum tambem a sentirá mais. Privado da sua convivencia, vou experimentando os espinhos da saudade, que, com o volver do tempo, penetrarão mais fina e intensamente.

Para os que ficam é maior o sentimento; os que se abalam, pela variedade das sensações, pela nova situaçãõ em que se encontram, e pela curiosidade de romper o desconhecido, de vêr um mundo novo, que na sua idade sempre descortinam através d'um prisma seductor, depressa se distraem; e, com quanto conservem uma grata lembrança dos que deixam, essa recordaçãõ não fere tão pungente.

Comnosco ficam os mesmos objectos e sitios,

que nos fallam constantemente dos ausentes; em quanto nos rodeia deparâmos com um vacuo que se não preenche; os que partiram, nos novos horisontes que se rasgam diante de si, na vida nova que encetam, encontram uma compensaçãõ, um lenitivo para a dôr d'uma separaçãõ prolongada.

É isto o que ha d'um e outro lado.

Accresce a esperança, que tambem é muito, se não tudo. Não ha ninguem que, prêso á rotina d'uma vida uniforme, não sinta dilatar-se-lhe o coração quando se desprende dos enfados da monotonia; por caros que sejam os interesses que larga, a imaginaçãõ os inventa mais avultados nas fórmas caprichosas do futuro. E, se por acaso não são maiores, basta que são novos... A novidade é uma magia que impelle o homem irresistivelmente.

Apezar do muito que perco, resigno-me. Estou convencido de que esta ausencia lhe fará bem. Ha de polil-o, dar-lhe muita experiencia e completar a sua educaçãõ litteraria. E demais sei que da sua nova posiçãõ ha de sahir-se honrosamente para si. Isto alegra-me, e de bom grado sacrificio a minha pobre individualidade a um futuro que prevejo risonho e esperançoso para um amigo.

Por hoje ponho termo; até amanhã que espero novas suas.

Coimbra, 3 de Outubro de 1858

A. A.

Anecdota

Iam de jornada um dia dois Frades.

Um d'elles sei eu que era Jesuita; do outro, não vos direi ao certo, mas parece-me que era Franciscano.

Em bom cavallo, ajaezado ricamente, cavalgava o primeiro, faustoso representante da *Companhia universal*; pobre *mendicante*, era levado o segundo em esguio dôrso de esmagriçado sendeiro.

Muito á mão iam conversando as duas entidades fradescas, provavelmente ácerca das cousas de Deus, quando crescido riacho lhes tolheu o passo. Era mistér passar, e ponte não a havia.

Já na margem d'além, ria o Jesuita do companheiro, que se contorsia, e fazia de mil côres, com medo d'um segundo baptismo, intalado a meio caminho, d'onde nem á mão de Deus Padre conseguia o jumento arrancar-o.

Suava o bom do Franciscano, e das pernas fazia *vae-vens* com que arremetia furioso a esfolada barriga do pobre animal, que a corrente pouco e pouco ia arrastando. Em colicas e ancias se ia finando, e o Jesuita a escarnecê-lo, que era o que mais o amofinava.

— Recorra ao sancto nome de Jesus, irmão.

O Franciscano sentiu faltar-lhe o burro debaixo das pernas, aqueceram-lhe as orelhas, esbugalharam-se-lhe os olhos, e bradou com os labios a tremer de sancta ira:

— S. Francisco me valha! Nem sequer me falle em Jesus!

Sorriu-se o Padre da Companhia, e aproveitou-lhe a phrase.

Chegaram finalmente onde levavam seu destino, que era uma festa, em que deviam ambos prégar.

O Filho de S. Ignacio, que a levava fígada, foi-se logo direitinho ao Vigario geral a recomendar-lhe o Franciscano como hereje, que negava o nome de Jesus.

Benzeu-se o sancto varão, e mandou em continente chamar o Franciscano.

— De mau christão o accusam, irmão, que renega o nome do filho de Deus; veja se tem alguma cousa que allegar em sua defeza.

— Nego a accusação, — respondeu o *mendicante* com toda a placidez d'espírito.

— É porque o irmão se não recorda — acudiu o Jesuita, que começou a desconfiar do outro: — não se lembra que ao passar um ribeiro, onde por milagre de Deus não ficou afogado, me disse no meio de sua afflicção, que *nem em Jesus lhe fallasse?*

— Recordo-me perfeitamente, e tambem da razão por que o disse, que o irmão devêra saber. Quando o nome inefavel do verbo Eterno é proferido, até os irracionaes ajoelham reverentes; e na

posição critica, em que me achava, que seria de mim se pronunciasse o sanctissimo nome de Jesus, e o jumento ajoelhasse?

A justificação valeu, e a inquisição perdeu-lha para tres dias.

1858

S. P.

EXPEDIENTE

Desejando não interromper a publicação d'este jornal durante os tres proximos mezes de ferias, e sendo-nos indispensavel para isso procederá cobrança do seguinte trimestre, antes que de Coimbra se ausente a Academia, — pedimos a todos nossos collegas, assignantes dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, que, da mesma sorte por que o fizeram no anno passado, se sirvam consentir na anticipação d'este pagamento, promettendo-lhes nós em compensação, se assim o desejarem, fazer enviar para suas respectivas localidades, sem augmento de porte, todos os numeros, que durante os ditos tres mezes sairem á luz — devendo para isso deixar no escriptorio d'esta Redacção os nomes das terras, para onde forem residir.

V. DA SILVEIRA

A COLLIGAÇÃO DAS PROVINCIAS

JORNAL POLITICO, ETC.

DIRIGIDO POR V. DA SILVEIRA



Publicar-se-ha duas vezes por semana, no formato da *Revolução de Setembro*. — Centro da Redacção — COIMBRA. — Séde dos Redactores — *Faro, Evora, Lisboa, Castello-Branco, Coimbra, Vizeu, Porto, Bragança, Ponta-Delgada, Angra do Heroismo, Funchal, Cabo-Verde, Loanda, Moçambique, Góa, Macáu.*

PREÇOS

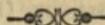
SEM ESTAMPILHA		(Pagamento adiantado)		COM ESTAMPILHA	
Coimbra e Africa portugueza				Provincias, Madeira e Açores	
Anno	4\$000	Anno	4\$600	Anno	4\$600
Semestre	2\$000	Semestre	2\$300	Semestre	2\$300
Trimestre	1\$100	Trimestre	1\$250	Trimestre	1\$250
Mez.....	\$480	Mez.....	\$560	Mez.....	\$560

America

(COM ESTAMPILHA)

Asia

Brazil, anno, (por navio de vella) moeda fraca	9\$200	Góa e Bombaim, anno, (franco) xerafins.	41
» anno, (pelo paquete) moeda fraca	13\$360	Macáu, Singapur, etc., anno, pat. hesp.	8



N. B. Em quanto não estiver completamente organisada a Redacção d'este jornal — toda a correspondencia sôbre assignaturas, etc., deve ser dirigida para Coimbra.

PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

PRELUDIOS-LITTERARIOS

« Interrompemos a publicação d'este jornal bem contra nossa vontade: ; não houve esforços, que não fizéssemos para vencer todos os obstaculos, de que, quasi inesperadamente, a má vontade d'uns, as pequenas considerações, os mesquinhos interesses d'outros nos rodearam!...

« A indiferença, o cynismo quasi, com que por um consideravel numero de nossos assignantes foram recebidos os pedidos de pagamento, que lhes fizemos; e, por ultimo, o injusto procedimento, as exageradas pretensões do administrador da Imprensa da Universidade, na satisfação do que lhe devemos, — muito contribuíram principalmente para que, *nem ao menos*, podessemos publicar em devido tempo o n.º 13 de nosso jornal, em que quizemos annunciar aquella interrupção e pedir a todos nossos assignantes, que já haviam satisfeito a importancia de suas assignaturas, as desculpas, a que, por tão imperiosos motivos, nos julgavamos credores.

« Hoje porém, aplainadas algumas difficuldades, restituídos completamente ao uso de nossa liberdade, em tudo que se refere á impressão d'este jornal, vamos de novo emprehender a publicação de nossos *pobres* Preludios, persuadidos de que nos não faltará d'esta vez apoio para a conduzir convenientemente a seu ultimo termo — *a conclusão do 2.º vol.*, de que já levamos publicados 14 numeros. A franca declaração, que aqui fazemos, de nossas pessimas circumstancias, para que, no presente anno lectivo, possamos sem risco ultimar nossa amargurada carreira, e o conhecimento dos motivos da suspensão de nossos trabalhos jornalisticos, que deixamos apontados e que mais largamente exporemos no primeiro numero, que publicarmos, não podem menos de garantir-nos esta persuasão; e mais ainda, quando, pelo que respeita a nossos affeioados collegas da Universidade, só lhes pedimos, com sua assignatura, o *gostoso* sacrificio d'uma mensalidade de *cento e vinte réis*, sacrificio que terminará, não com a nossa formatura, mas com o n.º 36 d'este jornal, que a mais tardar verá a luz no proximo mez d'abril.

« Para animar-vos — não vos promettemos *melhoramentos*, que mais subida origem tem tido e

ha de ter sempre vosso enthusiasmo por esta publicação: o que vos promettemos sim, e bem certo estamos de que o havemos de cumprir religiosamente, é — conservar e ler com frequencia, é decorar mesmo e gravar no coração os nomes de todos aquelles, que, ou com seus preciosos escriptos, ou com seu dinheiro houverem promovido nossa felicidade; é que, para nós, cada um d'esses nomes nos recordará sempre um amigo; para todos, um philanthropico.»

Assim noticiámos nós, ha dias, a reaparição dos *Preludios-litterarios*, assim reconquistámos as sympathias, que entre nossos assignantes nos havia feito perder a maneira brusca e desusada, com que fomos constrangidos a interromper a publicação d'este jornal.

É dever nosso, em cumprimento do que alli promettemos, fazer hoje conhecidas de nossos leitores as duas seguintes cartas, que em diferentes epochas escrevemos ao sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, administrador da Imprensa da Universidade: ambas ellas são de natureza a esclarecer sufficientemente os motivos da interrupção de nossos trabalhos e a demonstrar até á evidencia quam bem fundadas são todas nossas queixas contra o injusto e inqualificavel procedimento d'aquelle senhor.

Depois só nos restará a acrescentar, que tam odioso se tornou por ultimo aquelle seu procedimento, que nos vimos na necessidade de abandonar o emprego, que tinhamos na mesma Imprensa, e que actualmente era nosso *unico* meio de subsistencia, e ir publicar este jornal n'outra officina, com gravissimo prejuizo para nossos interesses...

Devemos ao sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes uma grande parte dos beneficios, de que hoje gozamos na carreira, a que nos dedicámos; ; devemos-lhe favores, que nem sua revoltante injustiça nos fará esquecer nunca! E se fazemos do dominio do publico estes factos é — que apreciámos a inteireza de nossas acções acima de toda a generosidade para com um homem, que perdeu o direito, que tinha a nosso reconhecimento, a nossa estima desde que por seus actos e imprudentes palavras poz em risco nossa reputação e nosso futuro.

Aquelle que faz almoeda dos favores, que nos *prodigalisa*, que procura prevalecer-nos servin-

do-se de nossos sentimentos de gratidão, para opprimir-nos e humilhar-nos depois — só tem a esperar de nós arrependimento e pesar de havermos contrahido uma divida, que é humanamente impossivel de satisfazer...

Eis as duas cartas :

« Ill.^{mo} sr. : Em resposta ao officio de V.S.^a, datado de 2 do corrente mez de março, em que, ponderando a necessidade, que tem o cofre do estabelecimento a seu cargo de satisfazer regularmente ao pagamento da importancia do papel consumido no mesmo estabelecimento e a outras despesas, se serve declarar-me — que não pôde continuar a encarregar-se da impressão de meu jornal — *Preludios-litterarios*, sem que eu satisfaça, com a maior brevidade possivel, a importancia de minha conta em divida, — cumpre-me rogar a V. S.^a que queira mandar tirar a dita conta e remetter-m'a, a fim de que eu possa saber com certeza qual a quantia que me será preciso pedir emprestada para satisfazer, com a brevidade reclamada, se me fôr possivel, minhas dividas á Imprensa da Universidade, á qual, por gratidão, desejava poder poupar talvez a suspensão de seus pagamentos, de que parece ameaçada, a julgar por seu mencionado officio...

« Não posso, porém, deixar de aproveitar-me d'esta occasião para significar a V. S.^a ; quanto eu senti de amargo em tam inesperada, como durissima resolução da parte d'um estabelecimento, que ha tantos annos me conhece !

« Um jornal, que atravessando todos os riscos das publicações, entrou já no segundo anno de sua existencia ; um jornal, que, em Portugal, tem ainda perto de 500 assignaturas e que durante todo o tempo de sua vida, apesar do grande atrazo em que se acha sua cobrança, tem já pago á Imprensa da Universidade talvez mais de metade de suas despesas ; um jornal, que, como os *Preludios-litterarios*, foi creado em Coimbra, para com seu producto sustentar seu redactor durante os poucos annos, que lhe faltam para concluir sua carreira, sempre semeada de desgraças, de miseraveis privações, de vexames... um jornal, cuja administração tem sido tam bem regulada, que seu redactor tem podido com seu producto não só satisfazer suas necessidades mais urgentes, mas ainda muitas de suas dividas, no valor de mais de 300\$000 réis, dividas, em que o mesmo ex.^{mo} sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes figurava como credor talvez na importancia de 80 e tantos mil réis, — ; um jornal assim não devia nunca ser ameaçado de suspensão por algum atrazo em seus pagamentos ! É tanto menos por um estabelecimento nacional, cuja indole não pôde ser outra senão — *o proteger as nascentes emprezas litterarias*, que, em officinas particulares encontram, por via de regra, e em attenção a suas poucas forças e repugnancia d'um povo pouco instruido, todos os embarços, que mais cedo ou mais tarde hão de produzir seu desfallecimento.

« Collocada assim no campo, em que se acha, esta triste questão, é de meu dever, não só pelas considerações, que tenho tido a honra de fazer a V. S.^a, mas ainda por muitas outras, que me abstenho por ora de referir, e que têm seu fundamento em muitos factos por mim presenciados n'esse estabelecimento e attestados pela propria escripturação, é de meu dever, repito, fazer aqui o mais solemne protesto contra semelhante violencia, reservando para occasião opportuna, se por infelicidade tiver logar a suspensão do jornal, de que se tracta, o apresentar publicamente os motivos de tal suspensão e todas as circumstancias, que lhe assistiram, a fim de que, n'outra tentativa minha litteraria, que porventura depois houver de cometer, não possa na desconfiança publica encontrar a menor resistencia.

« Deus guarde a V. S.^a — Coimbra 3 de março de 1860. Ill.^o Sr. Administrador da Imprensa da Universidade. »

« Coimbra, 15 de maio de 1860. Ill.^o Sr. : Pela ultima vez vou escreve-lhe sôbre a mesquinha questão, que ha alguns mezes V. S.^a suscita, para terminar com a publicação dos *Preludios Litterarios*, ; que, por todos respeitos, lhe não deviam merecer senão apoio e auxilio ! ; E' que não ha ninguem hoje em Coimbra, que melhor conheça minhas circumstancias, e, por conseguinte, a necessidade, que eu tenho, de prolongar a duração d'aquelle jornal, d'onde estou colhendo todos os recursos, de que careço para não interromper uma carreira, que está a tocar seu termo ! ; E' que não ha ninguem, que melhor conheça as humilhações, as *angustias*, que tenho soffrido durante sete annos, para reconquistar na sociedade uma posição, que perdi com a decadencia de minha familia, condemnada por suas convicções politicas, de rica que era, ás mais horriveis privações ! .

« O motivo ostensivo, que V. S.^a ainda d'esta vez me apresenta, para justificar suas ordens ao respectivo typographo, para não compôr *nem mais uma lettra do original, que eu lhe entreguei*, — é minha divida á Imprensa, durante anno e meio de continuas publicações, d'uns 200\$ reis, ; divida, que embaraça o cofre d'esse estabelecimento na satisfação de seus pagamentos tanto a seus empregados, como á fabrica do papel ! . . .

« Permitta-me V. S.^a que lhe diga francamente, que me parece não só ridiculo, mas infundado, injusto o motivo de suas exigencias e de seu inqualificavel procedimento para comigo: ridiculo, porque a suspensão de meu jornal, se não difficulta, se não tornam impossivel, pelo menos não apressa o pagamento de minha divida ; alem de que — é ella tam insignificante, comparativamente ás despesas forçadas d'esse estabelecimento, que mal daria para as contrabalançar por uma ou duas semanas... : infundado, injusto, porque se o cofre está em circumstancias de não po-

der pagar aos empregados da Imprensa e á fabrica do papel, sendo-lhe, para isso, preciso recorrer a seus devedores, para que apressem seus pagamentos, alem de ser prejudicial para seus interesses a interrupção dos trabalhos começados por particulares, que em grande numero só podem haver do producto de suas obras os meios de satisfazer seus compromissos, — é tambem da maior immoralidade, ; que elle, fechando os olhos aos grandes e mais antigos devedores e abastados escriptores, se dirija com toda sua inflexibilidade aos pequenos, que, desprovidos de fortuna, e ainda no meio de suas tarefas, mais precisam de espera e de toda sorte de contemplações!

« Ha uns cinco annos que sou empregado na escripturação d'esse estabelecimento; e não tenho uma só idéa de que com algum redactor de jornal ou editor V. S.^a procedesse da maneira por que está procedendo comigo.

« O *Cysne do Mondego*, O *Constitucional*, a *Es-tréa litteraria*, em quanto foi dirigida pelo sr. B., a *Revista academica*, a *Revista juridica*, etc., etc. terminaram *expontaneamente* suas publicações — sem que V. S.^a se lembrasse nunca, pelo menos por escripto, pôr-lhes seu veto por falta de pagamento!..

« E todavia ; O *Cysne do Mondego* ainda deve ao cofre 40 e tantos mil reis! O *Constitucional*, redigido pelos exm.^{os} sr.^{es} S., Q. e J. de M., riquissimos proprietarios, lentes da Universidade, deputados ás côrtes, etc. etc., — uns 200 e tantos mil reis! a *Revista academica*, redigida por um mui nobre descendente dos T., — uns 190 e tantos mil reis! a *Revista juridica*, redigida por acreditadissimos advogados, uns 160 e tantos mil reis! sem falar n'outras publicações, como o *Almanack d'instrução publica*, do exm.^o sr. J. M. d'A, lente, deputado, proprietario, etc. etc., que ainda deve uns 110 mil e tantos reis! (a)

« Mas, se todos estes argumentos não bastassem ainda para provar a falta de fundamento, a injustiça de semelhante deliberação, que não posso recordar sem azedume, porque revolta, — bastar-me-hia, por certo, lembrar ao sr. Olympio, *administrador e thesoureiro* da Imprensa, as circumstancias menos favoraveis, relativamente ás minhas, em que o sr. Olympio, *editor*, se acha para com o cofre d'esse estabelecimento.

« ; Pois o sr. Olympio, *administrador e thesoureiro* da Imprensa, tem a inhumanidade de *pôr a corda na garganta* ao redactor dos *Preludios-litterarios* — por que não pagou ainda a miseria de 200 e tantos mil reis, menos do que lhe devem ainda seus assignantes, como demonstrará; ao redactor dos *Preludios-litterarios*, — que não tem onde cair morto, e que perderá todo seu futuro e os horriveis sacrificios, que por elle tem feito, desde que lhe tirarem este meio de subsistencia,

e ; não estrangulou já o editor da *Analyze dos Lusíadas de Camões*, das *Excellencias da eloquencia popular*, do *Godofredo*, do *Mez de Maria* (b), do *Mundo Alegorico*, das *Poesias de Nicolau Tolentino*, etc., etc., que deve ao cofre mais de 600 mil reis?! ; o editor de tantas obras, que tem uma situação independente e fixada, uma gratificação das mais pingues, um futuro de venturas a sorrir-lhe?!

« Que razões! que imparcialidade! que justiça!..

« O cofre está eshausto, e ; recorre-se ás vexações, que humilham e desgostam os que o podiam encher! O cofre está eshausto, e ; recorre-se a quem não pôde pagar para deixar em santa paz, e ainda com reconhecimento, os que estão nadando em riquezas e felicidade! O cofre está eshausto, e ; roja-se pela lama os creditos d'um pobre subalterno, para salvar a reputação e abrilhantar ainda mais o fastigio de seu superior, que, se ha culpa, é ainda mais culpado do que elle!..

« E' como vai o mundo!

« ; Doe-me o coração ao ter de falar-lhe assim! Devo-lhe muitos favores, como particular e como empregado: nunca os esquecerei. Mas, sr. Olympio, ; tudo isso nos foge d'alma, quando um facto contrario nos traz depois, com a humilhação, a desconfiança sôbre as intenções d'aquelle, que julgavamos nosso bemfeitor!

« Terminarei esta carta pedindo-lhe que queira reflectir no que, a este respeito, já lhe havia escripto em 3 de março do corrente anno, na certeza de que, para terminar com tam frequentes inquietações de espirito, esta questão fica irrevogavelmente reduzida aos seguintes termos:

1.^o continuação da impressão dos *Preludios-litterarios* na Imprensa da Universidade, até terminar o 2.^o volume, obrigando minha honra ao pagamento das despesas, que o estabelecimento fizer com a mesma publicação, quando e como minhas circumstancias o permittirem;

2.^o em caso negativo — declaração *terminante* de que não é aceitavel este meu alvitre, a fim de que eu possa proceder immediatamente a todas reclamações e justificações, que julgar necessarias, quer pela Universidade, quer pela imprensa periodica;

3.^o *recusa formal*, de minha parte, de qualquer outro meio de sair d'este negocio.

« De V. S.^a etc. — Ill.^{mo} Sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

V. DA SILVEIRA »

Na occasião em que se estava compondo o que deixámos escripto, recebemos uma *carta anonyma*, d'um amigo do Sr. Olympio, da qual daremos conhecimento a nossos assignantes, n'este mesmo jornal, se até á publicação do n.^o 16 ella não tiver apparecido no *Tribuna Popular*, para onde a enviamos logo.

V. DA SILVEIRA

(a) Ouvimos dizer depois, que este livro havia sido impresso por conta do Governo (?!)

(b) ; Por conta de quem seria feita esta impressão? ; por que se não satisfez logo sua importancia?

LEITURAS POPULARES

Continuado do n.º 8, tom. II

XI

Associação e Liberdade: são estas as duas idéas salvadoras — e só ellas — que, uma pela outra completando-se, podem levar a bom fim as nossas modernas sociedades.

Associação livre — eis o que em nome da sciencia podemos affoutos responder a esses nobres, mas desviados, sonhadores de utopias, que na fé de uma imaginosa organização social, toda artificio humano, que não segundo as leis do natural organismo, e em nome das sanctas esperanças e fraternas aspirações, que em abundancia lhes enchem as almas generosas, nos promettem, ha meio seculo, o progresso da perfeita felicidade — porventura mais do que ao homem é dado esperar na terra.

XII

A sciencia toma o facto, especula-lhe a essencia e natureza, observa-lhe as relações, e de tudo deduz as leis que lhe presidem. Póde desempenhadamente apresental-as á luz do dia, e para o futuro concluir affoutamente do passado; póde e deve-o, que outra não é sua missão.

Mas o que muita vez o frio calculo e analyse reflectida deixam, por mesquinho ou vulgar, sem d'ahi tirarem materia para considerações, toma-o para si o coração sensível do poeta; pela imaginação o nobilita e engrandece, na mente lhe forma a robusta estatura; até que apparece em fim gigante de crescidas forças, esse que ainda ha pouco, de mesquinho é pigmeu, nem sequer attrahia as vistas do investigador curioso.

E' assim que a imaginação e a analyse, a sciencia e a inspiração, uma pela outra se completam, trabalhando cada qual na esphera que pôr natureza lhe compete, e para fim commum — a *Verdade*, concorrendo uma e outra na medida de suas forças e aptidões.

São (ou antes deveram ser) duas irmãs queridas e extremosas, em obra commum, empregando desvellos e cuidados; nunca, como até hoje, rivâes, que, por um mesmo amor, e em nome da mesma causa, se detestam e guerreiam.

XIII

E' destes dous elementos — sciencia e inspiração — que brotam as nobres idéias e grandes verdades, que por vezes têm mudado a face de uma civilização, quando, em vez de uma á outra se mostram hostis, para fim commum se têm dado mãos amigas.

Nas porfiosas luctas politicas do século, em que — mais ou menos — todos temos sido actores ou

expectadores, se encontra clara prova e exemplo manifesto da proposição que aventámos.

Por longo tempo batalharam em bandos oppostos e á sombra de vario pendão os modernos representantes d'esses bons principios, uns e outros promettendo-nos felicidade; mas cada qual em nome de mui differente divindade; até que, passados que foram os tempos de mais escandecida lucta e acalorada discussão, a mesma força da verdade os trouxe a si; e a commum e amigavel união lhes soube chamar os animos discordes.

Ambos em parte transviados, a ambos comtudo assistiam tambem em parte principios de verdade. Inimigos, seriam sempre viajantes perdidos em densas trevas, cada vez a se affastarem mais das veredas trilhadas; reconciliados, um ao outro se guiam e ajudam, com as luzes e forças proprias, em nome d'uma longa amizade no futuro, postos em commum.

E, de feito, não é hoje que, no meio d'essa pleiada illustre de generosos espiritos, que anhelando anciosos por um melhor futuro, trabalham afanosos para alivio e engrandecimento dos que choram; não é hoje que entre elles se encontrão rivalidades d'eschóla, mas indignas d'homens, ao bem dos homens votados.

São hoje irmãos. Os erros de cada qual, ao despirem-se dos velhos rancores, sacrificaramos no altar da nova aliança; e d'entre as cinzas impuras, que o vento dispersa ao longe, sahio — nova Phenix — a flor immarcessível da verdade eterna.

(Continua)

ANTERO DO QUENTAL.

PAUPERISMO

INTRODUÇÃO

Differem as nações, além d'outras caracteristicas, pela composição das idades dos seus naturaes, porque ha em toda a povoação umas poucas de povoações juxta-postas: n'outros termos, o numero e duração dos individuos proximos a entrar ou já entrados no periodo productor differe de mundo para mundo, de povo para povo, de concelho para concelho: na mesma cathegoria d'edades varia ainda o grau da sua eficacia laboriosa, quer em differentes paizes, quer em differentes épochas no mesmo paiz. Assim, a diligencia e esmero do operario inglez vence grossos salarios em menos horas de trabalho, do que se exigem n'outros paizes sem quebra para o assalariante; ao passo que a pouca diligencia, e até incuria do obreiro irlandez vence um salario, que é copulativamente mesquinho para quem o recebe, e excessivo para quem o paga.

Aquella differença momentosa omitta-a a geographia politica, consubstanciando as disparidades mais repugnantes n'uma synthese chamada —

nação, absurda, porque a heterogeneidade de valores e idades, que compõem cada povo, e que n'umas partes se traduz por um sobrecellente de nascimentos cotejados com os obitos, n'outras por uma prorrogação da vida media, aqui por uma equação perfeita entre os obitos e nascimentos, alem por um grave deficit no quadro d'adolescencia e idade adulta, — testemunha que é ficticia essa unidade esposada pelo vocabulario da estadistica geral, unidade, que conviria substituir para classificações semelhantes ás das sciencias naturaes, grupando factos identicos ou analogos, por onde ajuizassemos das oscillações da povoação.

E' no quinquennio inicial da existencia que a morte mais frequente colhe em flôr da arvore da vida os fructos da maternidade: as taboas de mortalidade ajustam-se em attestar copiosos os obitos da primeira infancia. Este veto, intimado á multiplicação pela morte, decresce em energia gradativamente neste primeiro periodo, pois cada anno addicionado ao fundo da idade existente é uma resistencia, cada vez maior, que reage contra a lei reductora. Devolvida esta quadra semeada de sinistros, retrabe-se a mortalidade com movimento acelerado até aos 14 annos. No terceiro periodo, que mede nove lustros, ha uma uniformidade arithmetica, uma certa lentura na abstenção da morte para o que ella foi de severa na aurora da existencia; mas essa uniformidade é fallaz, por que ao passo que se caminha no estadio dos annos, o circulo abbrevia-se, os sobreviventes rareiam, e por igual que seja no anno corrente a somma das unidades apagadas á que foi no anno preterito, os obitos crescem, por que a lei dizimadora opera sobre uma quantidade de vidas, que se simplifica de continuo. Dos 60 annos em diante a morte abate, com a celeridade, que empregou no primeiro periodo, os veteranos da povoação.

Havendo pois grande numero de vagas nas fileiras dos vivos, antes que estes cheguem á nubilidadade, e sendo mui grave a oscillação da taxa comparativa dos obitos de cada paiz, na idade infantil, podemos na confrontação do numero dos nascimentos com os movimentos dos obitos, que os cerceiam, têr um estadiometro seguro para contar os passos ao pauperismo.

Os obitos chegam em certos paizes ao triplo do que chegam n'outros. Esta differença para mais é symptoma d'uma enfermidade hereditaria e constitucional, cujo appellido é — *pauperie*: da repressão desta pende o incremento da vida media, e d'este incremento impende a composição d'idades e grupos de povoação mais congruentes ao fim civilizador; é porque elle importa a persistencia das funcções laboriosas, e porque esta repugna com a debilidade em que vegeta a infancia e adormece a velhice, que, segundo as nossas posses, o devemos promover. Com este decremento d'obitos cresce a povoação valida — adolescentes e adultos —, consentindo a morte,

suprema moderadora das funcções genitae, que se prorogue a existencia já da idade tenra, já da idade media, já da idade propecta; aqui dando accesso a maior numero d'entre a infancia para vestir a toga viril do trabalho, ali consentindo que o tempo cinja aos adultos a frente com a grinalda das cãs, alem, na margem extrema dos annos, alongando a vida dos anciãos até á longevidade patriarchal.

Multipliquem-se os nascimentos: se a morte lhes não concede que vinguem, serão verdadeiros multiplicadores d'indigencia e aviltamento. — Todo o capital dispendido com estas gerações, que não chegaram a balbuciar o verbo da vida, sepulta-se debaixo da mesma pedra tumular com os devedores insoluveis delle, desbaratando assim o fundo alimentario das gerações posteriores—(1).

Inquirindo as causas desta redundancia de nascimentos, persuade-nos a logica dos factos de que não só a indigencia é prolifica, mas ainda que a mortalidade multiplica os indigentes, de que só a abundancia pôde pôr termo. E' um phenomeno notavel, que a epidemia, com seu instincto homicida, em vez de coarctar, promova a povoação indigente; mas as chronicas dos povos ahi estão para o testemunhar.

Na India, China e Japão o facto preponderante é augmentarem as povoações pela parciomia; 10 ou 12 operarios indios subsistiriam com o salario d'um operario inglez, e um operario inglez, immerso n'atmosfera social, sob cujo imperio vive, não pôde manter-se com menos da retribuição de 10 ou 12 operarios indios. Aquelles povos jejuadores vivem vida vegetativa no meio da penuria, nascem com ella, multiplicam-se ao influxo d'ella, destroncados continuamente por ella, e, como as cabeças da hidra, renascendo apesar della. E' a tēla de Penelope sempre desfeita e refeita.

Sempre... não; porque a magra pitaça attinge alfim o meridiano da sobriedade, attinge um ponto em que a povoação não augmenta sem que augmente a producção: e n'este ponto, um atomo de subsistencia, que falte, um revez no mercado — repudia do convivio social essas multidoes redundantes, essas bôcas supranumerarias, que a morte apaga com a sua esponja inevitavel.

Em Manchester e Bristol, nos bairros mais insalubres e fecundos em nascimentos, n'esses viveiros repletos d'operarios, onde em 1832 a cholera sangrou mais a povoação mendigante, já em 1848, sete annos depois, sobravam no quadro os novos recrutas. O orçamento da taxa dos pobres era em Inglaterra:

Em 1801, — de 4,078,891 lib.st. por 8,872,950 h.
Em 1818, — de 7,878,801 — —11,978,875 h.
Em 1833, — de 8,000,000 — —41,000,000 h.

(1)—St. Oliveira Marreca.

Estes dados estadísticos parecem contravir a lei económica — que a povoação tende a adequar-se aos meios d'existencia e subsistencia—; mas este crescimento ou é devido ao requinte da frugalidade, ou a um sobejo de renda disponível para subsidiar as classes necessitadas; ambas as hypotheses têm um limite, e, transposto este, faltam casas para os recém-nados no xadrez social.

Ha pois na povoação duas povoações, uma normal outra anormal; uma que acompanha em seu progresso os progressos das subsistencias, outra que se repovôa d'abstinencia ou d'um excesso de renda collectada pela caridade voluntaria ou legal; uma que não só cresce crescendo os nascimentos, mas, nomeadamente pela redução dos obitos, que vivendo na abundancia, atinge pela abundancia um periodo vital mais largo á sombras das uniões conjugaes; outra que cresce crescendo concomitantemente obitos e nascimentos, passando da casa sobradada para o casebre terreno, da manança succulenta e animal para a magra dieta vegetal, como ainda hontem a população da Irlanda: aquella é a regra, esta a excepção; regra e excepção, que se vigoram com factos colligidos pela Estadística.

Por uma parte andam irmanadas as forças musculares e civilisadoras, conforme atesta o dynamometro de Perou: andam irmanadas as vidas e subsistencias, — a medida de grãos, que rendia 100 no seculo 16, rende hoje 190, e as *medias* dos seguros de vidas bem-como os registros civis, que sobreviveram ás antigas communas, v. g. á de Genova, depõem contestes que ha hoje uma dilatação nos annos — para a idade tenra, que chega em maior numero ás idades ultteriores, — para os adolescentes e adultos, que têm ante si mais largo horizonte de dias: por outra parte, os mapas dos expostos sobem na razão inversa dos quinhões nutricios das classes famintas; e o decremento d'estatura é testificado em França pelo Decreto que encurtou o numero de millimetros requeridos nos recrutandos, e, outro-sim, pela difficuldade ascendente que se encontra na Russia no recrutamento da guarda imperial.

Raro é o paiz, que, na devida proporção, não tenha a sua Irlanda, a sua Flandres, a sua Gallaiza, cuja exabundancia de habitantes não flua da redução dos consummós ao estreito necessario, ou d'um sobrecellente de capitães disponíveis para lhes costear as despesas.

Não é que regurgite de homens o globo terraqueo; mas porque ha matrizes d'abundancia que são para nós como que um livro fechado, porque ha neste Mundo Velho um Novo Mundo de riquezas por descobrir, porque no habitado e habitavel á acção da natureza não responde, em regra, a reacção da Industria. Inquirir as causas e remedios d'aquellas sobejidões é o que commetteremos nos consequentes capitulos.

(Continua)

SARATVA

CANDIDA

Continuado do n.º 14, tom. II

II

Como principia uma paixão

Nessa mesma noite Candida appareceu risonha a seu pae: beijou-o com mais carinho, falou-lhe no bello tempo, que iam passar na formosa Cintra; mas mal se ia adeantando a noite e se aproximavam as onze horas, mais lhe custava a sorrir, conversar e ostentar a mesma alegria.

Deram dez horas, e sentiu-se esfriar e empallidecer.

—Meu pae, murmurou ella então, desculpa-me, sim?... mas é-me preciso ainda pôr em ordem os meus vestidos para partirmos amanhã e assim...

—Vae, vae, minha filha e tracta de descançar. Pobre anjinho, como estás pallida!

—Isto não é nada; não ha de ser nada.

O general beijou-a na fôrma do seu costume, e Candida retirou-se; mal entrou porém no seu quarto ajoelhou deante de uma imagem da Virgem e orou por muito tempo: levantou-se depois, lançou á pressa um manto pelos hombros e cautelosamente principiou a atravessar umas poucas de salas até entrar na de jantar: chegada a esta, abriu mansamente uma das portas envidraçadas, que deitavam para o jardim, e sahiu por ella.

A noite estava clara. Era uma destas noites sem lua, em que o fulgor de milhões de estrellas derrama uma claridade duvidosa e terna sôbre a terra.

Não soprava uma leve briza e respirava tudo um silencio profundo e augusto.

Candida com passos mal seguros sumiu-se por uma rua de acacias, que seguia a par de um muro coberto de trepadeiras em flor. Ao fim d'esse muro havia uma pequena porta, meia escondida na verdura, e juncto d'ella um pequeno banco, em que ella se deixou cahir.

Com a cabeça reclinada sobre uma das mãos estava realmente bella então. A alvura da fronte sobressahia sôbre o escuro da capa, que lhe cobria os hombros. Os cabellos ondeavam-lhe soltos; os olhos erravam-lhe demasiadamente abertos e fixos, e seu delicado braço tremia-lhe sob o leve peso da empallidecida fronte.

Candida ouviu dar onze horas; sobresaltou-se, ergueu-se do banco, deu dois passos e encostou o ouvido á porta.

Cada passada, que ouvia ao longe, vinha sobresaltal-a mais e murmurava então: — Será elle?...

Mas os passos approximavam-se, iam-se depois affastando até perderem-se de todo, e ella continuava na mesma posição silenciosa e attenta; ouviu, após as onze, dar o relógio visinho tres quartos, e ninguem ainda tinha chegado.

Era quasi meia noite, quando uns passos apres-

sados se approximaram da porta: uma chave se intrudiu na fechadura e um homem alto, embuçado em um longo capote, entrou em seguida. Candida cahiu-lhe nos braços e exclamou convulsa e desfallecida:

—Chegaste em fim, Julio...

O desconhecido, a quem ouvimos chamar Julio, fechou a porta com todas as precauções, pegou depois em Candida nos braços e veio sentar-se no mesmo banco, em que ella estivera antes.

Era um homem alto, magro, de feições distinctas e que mostrava já mais de 30 annos, pallido, se um moreno amarellado se póde chamar pallidez: um farto bigode preto lhe escondia o labio superior, e seus olhos negros tinham um fogo no olhar, que arrastava: trajava um fato todo preto, e uma longa cabelleira negra, anelada e lustrosa, lhe cahia arripiada negligentemente para traz; nas suas feições porem havia um certo ar, que o tornava ao mesmo tempo temido e attraente: era uma d'estas fisionomias, que se amam para se não temerem.

Mas quem era este homem?... como o chegára Candida a conhecer?

A questão tinha sido esta.

Candida vivia quasi sempre só, porque todas as relações do general Santa Barbara tinham principiado a fugir aquella casa, aonde poucas vezes recebiam um acolhimento apressado e agradável: o general, homem sumamente delicado, esquecia tudo ao pé de sua filha; esta parecia aborrecer a sociedade, e elle aborrecera-a desde logo. Viviam por tanto quasi sós. Sua casa era tambem bastante retirada e a passagem ahi diminuta.

Uma noite, seriam nove horas apenas, e o general não tinha ainda recolhido a casa, ouviu-se na rua um barulho, gritos de socorro e logo duas pancadas fortes e apressadas á porta.

Candida lembrando-se de seu pae, que podia talvez ter sido agredido na rua, correu para a porta, seguida das creadas, abriu-a ella mesma e viu assustada, em logar de seu pae, entrar um desconhecido, escorrendo em sangue. Trajava uma casaca preta, calça preta tambem, e através do sangue, que lhe escorria da frente, Candida viu-lhe brilhar uns olhos pretos, que parece lhe desceram ao coração ardentes e abrasadores. Esse homem dirigiu-se com maneiras distinctas aquella, que lhe pareceu a dona da casa, e com voz enfraquecida mas serena, disse para Candida:

—Perdão... peço perdão a v. ex.^a, mas vim commettido por tres assassinos, e apesar da minha presença de espirito e esforço, que fiz para me defender, não pude evitar esta ferida na cabeça e esta outra no hombro esquerdo: n'este bairro, quasi deserto, não tinha a quem recorrer para poder applicar um pequeno aparelho a estas feridas, que muito podem ser, continuando a sangrar. As circumstancias só é que me obrigaram a bater á primeira porta e recorrer á primeira casa, que encontrei. Peço pois a v. ex.^a descul-

pa do incommodo e susto que devo ter vindo causar e...

Candida mandou entrar o desconhecido para um quarto, mandou-lhe dar agua e pannos, com que podesse lavar-se e estancar o sangue das feridas, e soube, passado minutos, que elle tinha sahido logo depois de saber em casa de quem se achava, deixando ainda mil agradecimentos e desculpas.

Passados tres ou quatro dias um homem extremamente pallido e com um braço ao peito apeava-se de uma sege e deixava para o general Santa Barbara e sua filha um bilhete com o simples nome — Julio de Vasconcellos.

Candida chegara á janella quando elle subia para a sege e entreviu o mesmo desconhecido: d'ahi por diante via-o quasi todos os dias passar alli, ou a cavallo em um soberbo cavallo, que domava com toda a elegancia e socego, ou mesmo a pé.

A mesma pallidez lhe cobria sempre as faces e o mesmo ar de tristeza lhe transparecia das feições.

Cortejava-a respeitosa e progredia vagaroso na sua marcha

Tinham passado mais de vinte dias e Candida não deixava um só de o ver. Mal despontava ao longe, parece, que o adewinhava; um leve rubor lhe tingia a frente e um aperto inexplicavel lhe cingia o coração.

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

NÃO CHORES

Choravas, Anjo, e teus prantos
 Não têm na terra cantor;
 Os homens não sabem cantos
 De tão subido valor:
 Não sabem; que nem a aurora
 É tão linda quando chora
 Fresco orvalho sôbre a flor:
 Meus cantos, sei que são pobres,
 Mas ninguem t'os dá tão nobres,
 São cantos filhos d'amor.

Eu vi o sol do teu rosto
 Em terno pranto banhado;
 Era fundo o teu desgosto,
 Lembrei-me de ler teu fado:
 Nos seios d'alma sentias
 Maguas d'amor, que escondias
 N'um chorar amargurado;
 Amavas, Anjo, e o sudario
 Do teu carpir solitario
 Está n'esta alma gravado.

Choravas... N'esse delirio,
 Todo d'amor sem ventura,
 Eras a flor do martyrio,
 Eras a estatua do amor,
 Cinzellada pela dor,
 No pedestal da amargura:
 Eras a flor da saudade,
 O Anjo da soledade,
 O Genio da desventura.

Choravas, Anjo, e a cruz
Tambem, nos êrmos da serra,
Eternas maguas traduz
Nos prantos, que lança á terra:
Como tu, n'este meu canto,
Lança a cruz sentido pranto
Nas maguas, que o mundo encerra;
E no mundo... a cruz se adora,
Mas a cruz... Anjo, não chora
Como tu choras na terra.

Choravas, Anjo, e o Cantor
Das tristes maguas d'Ignez,
Se te visse, ia depôr
Um canto egual a teus pés:
Se visse teu rosto brando,
Teus lindos olhos chorando,
Repetira inda outra vez
Os cantos, que as tristes flores,
Lá da *Fonte dos amores*,
Lh'inspiraram por Ignez.

Como a aurora, que orvalhando
O calix da tenra flor,
Sentidas maguas chorando,
Lh'inspira vida e frescor,
Assim tu, Anjo, no pranto
Que vertes sobre o meu canto,
És a luz do trovador:
És a rôla que suspira
Nas cordas da minha lyra
Segredos tristes d'amor.

E o mundo, que da descrença
Provou já toda a amargura,
Não conhece a dôr immensa
Do amor na desventura:
Não chores Filha do céu,
Que um amor, como é o teu,
Não tem na terra ventura:
Vôa ao céu, d'onde vieste,
Que o mundo, em que nasceste,
Esconde o fel na doçura.

Despreza crenças fagueiras,
Que o mundo tem p'ra te dar;
Nem és da terra, nem queiras
Debaixo do sol reinar:
Lá no céu ha mais amor,
Tens o throno do Senhor,
Onde vás assim chorar;
Lá no céu podem teus prantos
Encontrar eternos cantos,
Erguidos ao teu altar.

A.

O MEU THESOURO

Mas este amor quem m'o deu,
Deu-m'o todo para ti,
E bem sabes tu, que é teu.
GIL-VICENTE.

Lá aonde o amor é cálculo,
E aonde se compram risos,
Talvez que, entre dous sorrisos,
Que és bella, te diga alguém.
Hão-de dizer-t'o... dos labios...
Porém o que lá nas salas
Te mentem luzidas fallas,
Eu — mudo — digo-o tambem...

Com punhados d'ouro fúlgido,
Que meream amores abjectos,
Ham-de q'rer comprar-te affectos,
Coração, crença e pudor.
Dar-te-hão tudo com mão pródiga:
Mas eu, que sou pobre d'ouro,
Posso dar-te outro thesouro.
Dou-te riquezas d' Amor!

Coimbra 1860.

ANTERO DO QUENTAL.

EXPEDIENTE

Desculpas.—Pedimos mil desculpas a todos os srs. assignantes, que nos escreveram, e a que por infelicidade não tivessemos dado resposta. O nosso numero d'hoje tudo explica.

Pedido.—Muito nos obsequiaríamos os srs. assignantes, a quem enviámos prospectos, se, movidos pelo que hoje escrevemos, tivessem a generosidade de fazer um pequeno esforço para obter algumas assignaturas para nosso jornal.

A devolução dos prospectos deve ser feita ao redactor dos *Preludios-litterarios* — Coimbra.

A nossos amigos fazemos egual pedido.

Novo administrador.—E' administrador d'este jornal — o sr. Antonio Francisco Barata.

V. DA SILVEIRA.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE adiantadamente, no acto da recepção do 1.º n.º, EM COIMBRA, no escriptorio da redacção do mesmo jornal.

Preços

1.º vol. (brochado)..... 1\$700

2.º volume

Anno.....	1\$240	Anno.....	1\$180
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	520

Por mez—120 réis.

Avulso—40 réis.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA

PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

D. JOSÉ ZORRILLA

ESTUDO

Continuado do numero 13 tomo II.

IX

Um dos generos que Zorrilla cultivou, a meu vêr excellentemente, foi o das poesias intituladas — *Oriental*.

Byron já tinha percebido, que não era entre os gèllos do norte, onde o sol se véla de contínuo de pesadas nuvens, que o estro se podia arrobar, acceso na mais vivida inspiração — a natureza; sentira que havia mais fogo, mais vida na luxuriante vegetação d'estes climas, onde

From the moist meadow to the wither'Ahill
Led by the breeze, the vivid verdure runs,

do que nas opulentas cidades d'Albion.

Chateaubriand lá foi accender o seu estro ás florestas virgens do Novo Mundo: foi estudar as notas harmoniosas d'essas harpas eolias, para vêr se as traduzia nas suas immorredouras obras.

Victor Hugo, filho da Hespanha, ardendo-lhe no peito o estro incendiado dos seus poetas, cantou em arrebatadoras poesias scenas d'esses bem-fadados climas do Oriente. E quem não leu as suas mimosas — *Orietaes*? — Quem não as decorou desde a — *Captiva* até aos *Djinns*, desde — *Le voile* até aos *Phantômes*?

Zorrilla, poeta hespanhol, com um talento poetico brilhante, não podia deixar de cultivar o genero, escripto como elle está, e no seu coração, e na sua historia, e nos seus monumentos. E fê-lo com mão segura, com mão de mestre.

E não se julgue facil o genero. Simplicidade de belleza, de ideia e de fôrma, são dotes que por requeridos n'elle, o tornam ingrato e difficil. Para mim, Zorrilla, n'esta parte, se não excedeu, egualou por certo o auctor da — *Notre-Dame*. Nem admiro, manejando Zorrilla, uma lingua opulenta e maviosa, ao pé da qual a franceza é pobre e quasi aspera; senão, haja vista a traducção, que elle fez d'algumas Orietaes do poeta francez. Vejam se não ha alli uma certa originalidade, e se aquillo é um pallido reflexo do original.

Junho — 1860

VOLUME II

N.º 16

Entre nós o genero tem sido pouco cultivado; eu só conheço algumas Orietaes do sr. A. de Serpa, e não tenho nota de mais nenhuma. E é pena, que o genero casa-se com as possas tendencias e com a nossa lingua. E para prova a poesia, que apresentamos já, é uma Oriental de Zorrilla, traduzida pelo sr. J. Freire de Serpa Pimentel.

ORIENTAL

Ao fulgor da lua cheia

Lá campeia

O mourisco torreão,

E do Darro a lympha pura,

Ora escura,

Preito rende ao castellão.

Susurra sôbre o rio

O alamo em doce paz,

E nos juncos, e nas canas,

E espadanas,

Murmura a briza fugaz.

Doces perfumes espargem

Pela margem

Mil flores, qual a mais bella;

Suas azas buliçosas

Pelas rosas

Espaneja a philomella.

Vérte em gottas chrystalinas

Perigrinas

O rocío o seu chrystal,

Cada perola de prata

Bem retrata

O alcaçar oriental.

Levantadas as sombrias

Gelosias

Do calado torreão,

Está na esguia ventana

A sultana,

Murmurando uma canção.

E, nos ares que povoa,

Livre vóa

A melancholica voz;

E pela collina verde

Lá se perde

Como zephyro veloz.

E aos doces sons da garganta

Que lá canta,

Respondem aves alfim,

Adejando pelas rosas

Tão mimosas

De magnifico jardim.

E ao rumor do doce trino

Perigrino.

Da bella e aves d'amor,

Ouvido prestam attento,

Agua, vento,

Olmo, alcaçar, campo e flor.

Assim a moura dizia,
E respondia
Da ramage a philomella;
E isto o mouro escutava,
Que velava
No jardim sob a janella:
«Dá-me coração de mouro
«Per'las e ouro,
«E c'rôas como ninguem.
«Dize, ó flor, á minha vida
«Tão garrida
O que falta aqui no harem?
«Dão-me chales os kalifas,
«E alcatifas,
«Brocados como a cecem:
«Dize, ó campo, á minha vida
«Tão garrida,
«O que falta aqui no harem?
«Dão-me banhos e festins,
«E mil jardins,
«Que o Eden me mentem bem:
«Dize, ó rio, á minha vida,
«Tão garrida,
«O que falta aqui no harem?
«Transparentes como espumas,
«Dão-me plumas,
«Brocados do mar além:
Dize, ó ave, á minha vida,
«Tão garrida,
«O que falta aqui no harem?
«Não vêem nunca abrolhos
«Os meus olhos,
«Posto que lagrimas têm:
«Dize, ó lua, á minha vida,
«Tão garrida,
«O que falta aqui no harem?
Chegára aqui, e uma sombra
Sóbre a alfombra
A lampada desenhou;
A seu lado na ventana,
A sultana
Com o sultão se encontrou.
«Tu tens torres, disse o mouro,
«Per'las e ouro,
«Grinaldas, c'rôas ás cem;
«Dize, formosa, á tua vida
«Tão garrida,
«O que falta aqui no harem?
«Que ha lá no vergel sombrio,
«Lá no rio,
«Lá na ave, ou lá na flor,
«Que ao raiar a aurora bella,
«Minha estrella,
«Te não traga teu senhor?
«Diz que falta á tua riqueza,
«E lindeza,
«Ou á tua louca vontade?
— Senhor, as aves formosas
— Entre as rosas
— Tem lá fóra — liberdade — »

Não será uma bella tentativa esta poesia? Não demonstrará ella que Zorrilla cultivou bem o genero, e que a nossa lingua se amolda perfeitamente a elle? Alem da affirmativa não concebemos outra resposta.

Não sabemos agora analysar as bellezas das *Orientaes* de Zorrilla, sem as transcrever á medida que as citassemos, que aos troços se não avaliariam ellas; como se não vê a belleza da rosa por algumas folhas que o vento espalhou, ainda que conservem o mesmo perfume. Assim recommendâmos ao leitor essas poesias de Zorrilla; e fi-

camos certos que as hão de lèr com prazer, e talvez mesmo decoral-as.

Temos analysado até aqui os principaes generos de poesia lyrica, a que Zorrilla consagrou o seu genio e o seu talento. Tinhamos promettido analysar tambem as suas obras dramaticas, mas em virtude dos nossos afazeres academicos, espaçaremos o cumprimento de tal promessa, sem com tudo a deixar de cumprir.

Deus, patria, natureza, amor, são de certo os quatro elementos, que inspiram e arrebatam o poeta. Zorrilla inspirado verdadeiramente, compoz poesias que o tornam hoje um dos principaes vates da Hespanha; como tal viemos erguer-lhe aqui, posto que pobre, um monumento, que ha de, de certo, mostrar, que a nós era-nos mais proveitosa a lição dos litteratos hespanhoes, que a dos francezes, tão distantes de nós pela indole e pelos costumes.

A França é uma nação grande e civilisada; busquemos lá a luz que brilha radiante, em quanto acharmos mais perto de nós essa luz fenecida; mas quando n'uma nação, quasi nossa irmã, ligada por todos os interesses a nós, virmos levantar-se o clarão da intelligencia, não a vamos buscar mais longe.

Assim estudemos os poetas francezes sem desdenhar os hespanhoes, na parte em que elles são eguaes ou superiores áquelles.

F. BEIRÃO

UM VOTO PELA ITALIA

Ao meu amigo V. da Silveira

: Quem não sentirá estremecer-lhe o coração nos arroubamentos de jubiloso entusiasmo, assistindo ao grandioso espectaculo de um povo, que combate, para ser livre? Quem ha ahí, que deixe arrefecer a alma na indiferença ao contemplar os esforços heroicos de milhares d'homens, que contentes correm ás armas, animados pelas magicas palavras — liberdade e patria?

Como são solemnes essas horas, que a providencia marcou na corrente dos seculos para a regeneração dos povos? Como são sanctas essas revoluções, que, symbolisando a causa da justiça e da humanidade, renovam a face das sociedades, imprimindo-lhes o movimento e a vida, guiando-as ao estadio de sua verdadeira grandeza e prosperidade pelos caminhos do progresso? E ha revoluções, que, em sua origem e resultados, têm a mais plena justificação. Que importa, que corram rios de sangue, e que montes de cadaveres junquem os campos de batalha? A idéa, que ellas representam, não deixa por isso de ser ás vezes justa e generosa. Quando a causa é sancta, as atrocidades e os excessos commettidos em nome d'ella não a ennoçam, não a deshonram. Culpado e só responsavel por elles é o homem, que descendo o ultimo degrão

na escada do crime, quer que o absolvam e que o reconheçam innocente; por que praticou horrendos attentados á sombra de bons principios.

É uma triste necessidade recorrer á força para sustentar o direito; todavia, com mágoa o dizemos, essa necessidade ha de existir, em quanto no mundo existirem paixões. Pensar o contrario, seria sancionar os crimes dos despotas, e applaudir a oppressão e os soffrimentos dos povos: seria tecer grinaldas e levantar estatuas aos Neros, e cobrir d'opprobrio e de maldição aos Epaminondas: seria rasgar as paginas da historia, que erguendo um brado ingente d'indignação e de horror contra os carrascos coroados, a um poste eterno de ignominia os liga sempre, em vez de os festejar com hymnos, ou de os circundar d'aureolas. Ver-nos-hiamos forçados a condemnar essa lucta gigante, que na Italia se travou entre os abusos dos reis e os direitos dos povos, entre o despotismo e a liberdade. Passando em revista as variadissimas phases dessa grande insurreição, em que a Italia robustecida por uma crença generosa, e educada na escola de um largo e penoso tyrocinnio, tem mostrado o que é, e o que vale, é-nos impossivel conter os assomos d'intimo amor e de sincero enthusiasmo, que vividos e ardentes nos irrompem do peito. Quando rangem desconjunctados os degrãos de thronos, em que se sentavam despotas; quando cahem despedaçadas as correntes, com que elles algemavam as nações; quando os seus horisontes se illuminão com as radiosas scintillações de um incendio, que rasga trevas e dissipa barbarias, derramando ao longe esplendidos clarões; quando pela liberdade palpitam corações e se sacrificam vidas — as revoluções, que operam essas assombrosas transformações, já mais podem ser amalçoçadas!

A voz magoada da Italia, que se extorcía angustiada nas convulsões da agonia, tocou o coração de Deus. Oxalá, que o reinado da tyrania termine para sempre n'essa nobre terra de honra e de fé, templo das artes, e berço da civilisação europêa. A arvore da liberdade, implantada por braços valentes e regada com o sangue de tantos martyres, começa já a viçar frondente e formosa n'esse solo ensanguentado pelas luctas incessantes e porfiadas de tantas raças, retalhado pelo ferro e devastado pela ambição de tantos conquistadores; n'esse solo tam fertil e tam rico, sagrado por tantos monumentos de gloria, por tam grandes recordações. Escapando ao braço de ferro d'esse gigante, que no começo d'este seculo tentou prostrar a seus pés a Europa palpitante, a Italia dividida por um congresso de reis, como uma propriedade, em que a razão e a vontade do homem não erão contadas, viu ainda com desalento desvanecerem-se as suas mais sonhadas e queridas esperanças.

A vara do poder passara para outras mãos; mas para continuar a opprimil-a e a flagellal-a. O pensamento é punido como uma rebellião. Com as lagrimas do exilio, com a barbaria dos tratos,

e com o instrumento do carrasco paga o despotismo aos infelizes, que se lembravam de ter uma patria! A aureola do martyrio, que padeceram muitos, santificava a verdade da idéa, e radicava mais nos animos o dio dos oppressores.

Nada fatigou a paciencia, nada abalou a coragem d'esse povo, que tam brilhantes provas tem dado, de que sabe combater e morrer pela liberdade. Funda e dolorosa fôra a ferida aberta pelos desastres de Costoza e Novara. Não devia tardar, que ella cicatrizasse, e que se levantasse com a energia da vida e inteiramente rejuvenecido o povo, que muitos crearam um cadaver. A memoria da derrota avivara-se todos os dias no quadro de aviltamentos e de amarguras, que elle padecia. Os desejos d'emancipação recresciam cada vez mais no espirito da nação, que debalde quizeram assassinar. Incitava os brios, bradava de continuo vingança o sangue de tantos martyres generosamente vertido em prol da liberdade. As cinzas de Carlos Alberto, que só depoz o sceptro e largou a espada, quando viu os resultados de uma lucta impossivel, erão um protesto eloquente contra a dominação e a prepotencia estrangeira.

Proporcionou-se finalmente um ensejo favoravel.

Em 1859 surge para a Italia uma nova era, era auspiciosa e para sempre memoravel, pelos acontecimentos extraordinarios, que a assignalaram. É uma famosa epopeia de victorias essa guerra intentada pela mais sancta das causas. Em árvidas pelepas demonstraram os filhos da Italia o que póde o homem, quando no coração lhe arde encendido e puro o amor da patria. Em arduas e tremendas crises se lhes avigorára o animo. Surprehende essa chronica gloriosa, em que tanto abundam os prodigios de estremado valor, de constancia inabalavel e de heroica abnegação.

Dignos netos d'essa illustre raça romana, que avassalou o mundo, affrontaram a morte e deram intrepidos a vida, para salvar do jugo humiliante e cruel a patria querida, onde Deus lhes puzera o berço. Mais nobres, mais-honosros louros não cingiram nunca a fronte de bravos; por diante vai sempre empreza, que Deus protege. Embora os valentes metessem na bainha as espadas, que refulgiram ao sol de Magenta e de Sulfurino; embora se calasse a voz do canhão no momento em que tão facil era libertar a Italia desde os Alpes até ao Adriatico; embora os manejos de uma politica pusillanime e refalsada apagassem o raio, que estava prestes a esmagar os batalhões inimigos; embora as montanhas do Tyrol não vissem as suas cumiadas coroadas com a bandeira da liberdade; embora terminasse a guerra, quando podia augmentar-se o numero das victorias, — a obra da emancipação não deixou por isso de progredir, ainda que gradual e lentamente. A vontade dos povos, traduzida pelo voto, substituiu o ferro das bayonetas!

Estava destinado o nosso seculo para assistir ao mais bello espectáculo, que já mais viu a histo-

ria, o espectáculo de nações deliberando tranquilamente sobre os seus destinos, e escolhendo com ordem e serenidade o governo, que mais apto julgaram, para lhes presidir. E á sua poderosa e irresistível voz—monarchas abandonam os seus paços, para nunca mais lhe cruzarem os umbraes! O povo faz justiça aos tyrannos, que haviam vendido ao estrangeiro a terra da patria. As populações, vendo cabir thronos, a que se enroscava a hydra da tyrannia, correm com jubilosas expansões de fêrvido entusiasmo a agrupar-se sob as prégas do estandarte tricolor. Os acontecimentos encadeiam-se. D'entre em breve desde os plainos da Lombardia até ás praias da Sicilia haverá uma só nacionalidade, composta de irmãos e de amigos.

Veneza, a rainha do Adriatico, que tem os seus formosos paços assentados sobre as ondas espumantes do mar, ha de mirar-se livre e ufana nas limpidas aguas dos seus canaes. O leão de S. Marcos ha de erguer-se então forte e altivo, depois de ter arrojado para longe a colleira cravejada de pontas de ferro, que lhe chaga a cerviz.

A Italia será livre então. É este o nosso voto.
(Continua.)

COISAS E LOISAS

ROMANCE ORIGINAL

Continuado do n.º 9, tom. II.

CAPITULO V.

De como é amavel ter cinco mil cruzados de renda. A vaidade tambem tem prazeres. De como uns choram para rirem outros.

Luiza nem acabou de pentear-se. Despediu a creada com um gesto, e ficou só com a carta.

Em parenthesis: façam obsequio de atar este capitulo ao segundo, a paginas vinte e uma. E contínuo.

N'um instante fez mais do que lel-a; devorou-a. E depois sorriu. Era um sorriso indefinivel aquelle. Não era o sorriso ingenuo de contentamento puro, que Deus deu ás mulheres para as semelhar aos anjos: não era o sorriso fino da malicia audaz, que semelhante ao relampago esconde um raio; era o sorriso mais desengaçado d'este mundo, e o mais frequente tambem em mulheres; o sorriso da vaidade satisfeita.

— Sim, Luiza, — ia ella lendo — amo-te, como não sei que mais se possa amar; e agradeço a tua carta, que é uma prova palpitante de que o meu amor é correspondido por igual!

Luiza deu uma gargalhadinha sumida, e lhe mais:

— Olha, mulher, ha instantes na vida em que, chegados ao cumulo da ventura, desejámos morrer, receiando e não podendo supportar o fim amea-

çador d'essa ventura. E' por isso que venturosos, somos temerarios e o mundo e os infernos que nos impecessem voariam como pigmeus deante do sopro altivo da nossa felicidade. Oh! obrigado, meu anjo, mil vezes obrigado, que me colheste no fundo da descrença, para me mostrares em teus olhos o réu da esperanza!...

A dona do *Rigoletto* estava sentada n'um sofá de veludo verde, e descansava o pesinho chinez n'um banquinho de tapete azul-loio. Os cabellos soltos descahiam-lhe em rolos pelas faces de neve, e depois em zigs-zags caprichosos sobre um penteador branco de jaspe. A visita e depois a carta tinham-lhe accendido as côres, e aquella mulher assim era formosa, quasi linda. Dae-lhe áquelle todo um pouco mais d'altura, áquelle rosto um pouco mais d'oval, é tinheis o modelo da Venus de Medicis.

E todavia não era uma mulher de sympathias. Era uma mulher que se admirava, mas que não impressionava. Faltava-lhe um não sei que, alguma coisa que na mulher é necessaria alem da regularidade de fórmias para lhe constituir merecimento. Dois olhos tinha ella á flor do rosto, que vibravam centelhas, se fitavam quedos: mas essas centelhas eram chispas d'um fogão e não raios de sol; queimariam, não alumiam. Não tinha aquelle ar de alegre compostura, de sentimento recatado, de confiança tímida, que tanto realça o merecimento da formosura, como a substitue em quem a não tem.

Ao ler aquelle periodo da carta, ergueu-se. Meneou a cabeça com gesto airoso, e endireitou ao espelho. Mirou-se com desvanecimento alguns minutos. O amor proprio natural não lhe deixou ver senão a primeira parte do que nós acabamos de dizer, e os labios tremeram-lhe n'um sorriso parvo.

Nessa posição, continuou lendo:

— Não sei, não posso dizer-te como estou orgulhoso do teu amor. As thiaras dos Papas, as corôas dos Cesares, as glorias dos Tassos, as riquezas dos Salomões, que m'as desse o mundo todas envoltas nos oropeis das suas vaidades, que eu punha-as de escabello a teus pés, ou regeitava-as todas, se contigo as não pudesse compartilhar! Que era para mim a riqueza, o poder e a gloria sem ti?...

De orgulho não se morre; aliás Luiza dava um estalo como a rã da fabula.

Para outra qualquer mulher, que procurasse ver deante de si alguma coisa mais do que o seu espelho, aquella carta tinha o insignificante valor d'um devaneio de imaginação exaltada, que tudo provaria em quem a escreveu, menos amor.

A carta era de Cesario, a que nós lhe vimos escrever n'esse dia de manhã em casa de Pedro Pereira. Concluia, entre muita outra coisa d'aquelle jaez, com a promessa de vir á noite fazer-lhe uma visita, como tambem já demos a perceber.

Para se avaliar a importancia de tal promessa, é de saber que Cesario Alberto de Sousa Paiva, descendente em linha recta de Pedro Botelho de